ANO 9 Nº95 2002 R$ 7,00
BOOKMAKERS
MACMANIA
WWW.MACMANIA.COM.BR
Irresistível
iMac G4 é o
novo objeto
de desejo dos
macmaníacos
iTunes Pro
Plug-ins que
dão um gás
nos seus MP3
Virtual PC 5
Photoshop 7
Flash MX
Já está na hora
de você ter um Palm
Cinema na Web
30 sites com vídeos QuickTime
ISSN 1414-4395
95
9 771414 439007

As Cartas Não Mentem

Capa Show

Na última edição onde fala sobre testes de impressoras, a capa é simplesmente ....show !!!!!! Possui muita criatividade e bom gosto! Parabéns e continuem assim!

Angelo Pastro
angelopastro@terra.com.br

À todos vocês que trabalham para esta formidável e indispensável revista sobre nossos queridos Macs; venho parabenizá-los não só pelas informações contidas na revista – pois a leitura é muito gostosa como sempre!! Mas também pela sensualidade.. e criatividade, principalmente na capa de número 94!! Adoro ilustração.. e com esta do cartunista Ed, fiquei muito contente ao ver o maestro regendo uma "orquestra de prints" tendo o novo iMac como pauta!! Realmente é muito divertido ter uma revista desse tipo sempre a disposição de nós leitores!! Well.. "Think different"...

Marcos de Paula
kgzinho@bol.com.br

A Macmania tem a honra e o privilégio de contar com um time de ilustradores de primeiríssima linha. Laerte, Orlando, Jean, Martinez, Fargas, Samuel, Gabriel Bá, Rafael Coutinho e muitos outros que não lembro agora e vão xingar a gente quando lerem esta resposta. Podeixar que as ilustras continuarão firmes e fortes. São uma tradição tão grande quanto as garotas na capa.

DVD-R versus DVD Player

Sou um feliz assinante desta revista. Nota 10 pro conteúdo. Nota 10 pra forma. Sou também um feliz proprietário de um iMac SuperDrive. Nota 10 pro conteúdo. Nota 11 pra forma. Assim que recebi a máquina, queimei um DVD com vídeos caseiros pra mostrar pra família. Para minha surpresa, meu DVD (um Sony DVP-S360) não "enxergou" a mídia e a solução foi demonstrar as minhas habilidades de videomaker no meu iMac mesmo. Neste, o DVD rolou na mais perfeita ordem. Rolou na boa, também, num DVD player da Panasonic. No site da Apple o modelo Sony consta como compatível com o SuperDrive. Afinal de contas, *¿que pasa?* Em tempo: não tive coragem de queimar os filminhos no DVD da Apple que vem junto com o iMac. Usei um DVD-R da Acer (geral, versão 2.0). Não creio ser este o problema. Outro dado: meu DVD Sony toca somente região 4 e não cheguei a "quebrar" o chip (ou seja lá o que for) para visualizar qualquer região. Seria este o problema? Creio que não, já que segundo a própria Apple, os DVDs criados a partir do iDVD 2 são gerados como região "0" (zero). Pra mim tudo isso é um mistério, por enquanto...

Eric Tosetti
kpt@uol.com.br

Com certeza não é problema de região. Procure queimar seu DVD em outras marcas de mídia, pois o problema pode ser justamente esse.

Cursos para os pros

Quando comecei a mexer com computador, o Mac já se destacava do PC (que na época ainda se comunicava com a gente através daquela tela preta – tipo quadro negro – e um sistema operacional com um nomezinho esquisito, o DOS). Mas aí eu me formei e voltei pro Brasil de mala e cuia (e um PC neanderthal), seguindo o conselho de todos os meus amigos micreiros: "traz PC porque aqui ninguém usa Apple". Desde então eu sonho com o Mac. Hoje, dez anos depois, finalmente resolvi mandar aquela banana pra "todo mundo" que me desaconselhou sobre o Mac, e posso me considerar um feliz usuário dessa plataforma. Mais ainda por poder contar com a assessoria da Macmania. Nota 10 pra toda a equipe dessa excelente revista. Agora, uma consulta: vocês poderiam me indicar um bom curso de Final Cut Pro e DVD Studio Pro, no Rio (preferencialmente) ou em São Paulo?

Marcus Lima - Petrópolis (RJ)
marcuslima-pv@uol.com.br

DRC, MacMouse e MacCompany, em São Paulo. Universidade Veiga de Almeida, no Rio. Os endereços e detalhes sobre os cursos podem ser encontrados no tabelão publicado na última edição, que deverá estamos colocando no nosso site.

Partições no OS X

Em relação à edição 93 da Macmania, gostaria de acrescentar um detalhe à resposta "Dividir para conquistar?" na seção Help. Apesar de concordar que o ideal é instalar os dois sistemas numa mesma partição, instalar o OS X e OS 9 numa mesma partição cria uma situação indesejável, principalmente se você possui um notebook: caso tenha um problema e não consiga iniciar a máquina pelo sistema em uso, não haverá forma de iniciar pelo "outro" sistema. Se você possui um desktop e tem os CDs de inicialização por perto, sem problemas. Mas se está longe de casa, terá uma máquina inutil nas mãos. Sendo assim, se você possui um notebook, considere o uso de duas partições. Ou ao menos, não saia de casa sem um CD de sistema completo e testado.

Neto
neto@bullet.com.br

Nem sempre ter duas partições é garantia de que você vai conseguir restartar pelo outro sistema. Você tem uma probabilidade maior de sobreviver a um pau de disco ou de um dos sistemas operacionais, mas dependendo do tamanho do seu pau (ops!) a divisão em partições pode não servir pra nada. Manter uma cópia do CD de instalação à mão (ou um MacHelp, como ensinamos a fazer na Macmania 91) é a melhor solução. Mas existe outro bom motivo para dividir o HD em dois: caso você precise reinstalar o Mac OS X 10.1 (reformatando o disco, como recomenda a Apple), não precisará apagar o Mac OS 9.

Leitor de pouca fé

Na página 43 da edição 93, vocês fazem uma referência na seção Help que, como diz a palavra, deveria nos socorrer, mas me deixou mais aflito... mas chega de baboseira e vamos direto ao assunto: onde está o download do manual do DVD Studio Pro em português na página da Apple Brasil? Lembro que o manual tem que ser em português, pois li na revista que o manual foi traduzido para nossa língua, mas procurei e não encontrei. Será que existe o tal manual em português? Só para justificar meu pedido: tenho umas quarenta revistas, sempre acreditei em vocês, mas dessa vez vocês pisaram na bola.

Ricardo Glowecki - Recife (PE)
ainek@bol.com.br

Sim, ele existe e está aqui: www.apple.com.br/produtos/dvdstudiopro/manual.html. *Agora prostre-se no chão e grite três vezes "eu não mereço" por ter duvidado da palavra da sagrada Macmania.*

Quem é mais rápido ?

Estou enviando este email para esclarecer uma dúvida que ganhei depois de ler uma reportagem do jornal Folha de S. Paulo, no caderno de informática. Na reportagem, compararam o novo iMac com um novo micro da IBM, o NetVista X41, onde diziam que o novo iMac não era tão veloz quanto a Apple diz, dando a ele notas baixas em de

Índice

Macmaníaca mirim

Tenho em casa um PC e um G3. Minha filha de dois anos e meio descobriu como ligá-lo e veja no que deu: eu me descuido e tem alguém no meu Macintosh, fuçando no Photoshop, mudando meus ícones de lugar, enchendo meu desktop de "untitled folders" – Sim , porque ela sabe apertar o ⌘N para criar um arquivo novo no Photoshop e escolher a cor que ela quer usar. Um clique descuidado e é mais um "untitled folder" no meu desktop!
Ah, ia esquecendo, ela nem chega perto do PC! Seu nome é Caroline Daga.

Selmar Daga
xyko@netpar.com.br

É de pequenino que se faz o macmaníaco. Logo, logo ela vai estar reclamando que esse G3 é uma carroça e pedindo mais memória RAM de aniversário.

sempenho. Sei que esse jornal não entende muito de Macintosh (em outra reportagem disseram que o QuickTime tinha ganhado recentemente uma versão para Mac OS!), mas fiquei desapontado. Será que eu me enganei em relação ao Mac? Desde que vi um Mac em ação pela primeira vez, fiquei apaixonado, não vejo a hora de poder comprar um, e confesso que estou um pouco decepcionado com o que li na reportagem. Por favor, me indiquem onde posso obter dados confiáveis sobre o Macintosh, e comparativos sérios sobre o processador PowerPC com os Intel "Pentiums" e outros.

Renato

renatomacx@yahoo.com.br

Na referida reportagem, a Folha testou apenas o desempenho das duas máquinas ao transformar um CD em MP3, o que diz mais sobre a velocidade do drive de CD do que sobre o processador. O SuperDrive não é um tocador de CD dos mais rápidos do mercado, mas em compensação, queima DVDs, o que achamos ser uma troca justa. Testes de benchmark multiplataforma são uma questão polêmica, até mesmo entre os colaboradores da Macmania. Programas da Microsoft (Word, Explorer etc.) vão ser sempre mais rápidos no Windows que no Mac OS. Por outro lado, você não vai encontrar programas com uma facilidade de uso como o iDVD, iMovie e iTunes no lado PC. O melhor a fazer é definir o uso que você vai dar para a máquina e definir qual a plataforma que se adequa melhor.

Maldito português!

Como faço para mudar o idioma do meu Mac OS (9.0 - BR) para inglês? É possível fazer essa mudança sem o CD Software Install, pois o que veio junto com o meu computador (iMac DV 400 MHz) é do Mac OS 8.5, e eu só tenho o CD de instalação do Mac OS 9.0 brasileiro? Por favor me ajudem, pois estou perdendo todos os updates de sistema!

Felipe B.A. - Londrina (PR)

felpz88@zipmail.com.br

Como perdendo? A última versão do Mac OS clássico em português é a 9.2, a mesma da versão em inglês. Se mesmo assim você quiser passar pro inglês, só comprando o CD de instalação. Aconselhamos a passar logo para o Mac OS X, que roda redondinho no iMac 400 e você troca de idioma a hora que quiser.

Dados suspeitos

Ref.: Ombudsmac da Macmania 93.

Nós devemos nos basear em percepções próprias ou concordar com as de terceiros? Possuo um iMac Snow G3 500 MHz, com 384 MB de RAM, HD de 20 GB e Mac OS X 10.1.3 rodando nada mais nada menos do que 30% mais rápido que o Mac OS 9.2.2. Trabalho com Web & *graphic design* e rodo todos os softwares nativos. Não tenho nenhuma razão para sentir saudades do obsoleto OS 9. Realizei alguns testes no meu "mundo real" e me digam um motivo para voltar ao OS 9 e para não adorar o OS X.

- Startup
OS 9: 1 min e 14 seg
OS X: 42 seg
- Primeira abertura de uma janela no Finder
OS 9: 1 seg
OS X: Instantâneo
- Copiar arquivo de 100MB
OS 9: 45 seg
OS X: 19 seg
- Acessar iDisk via ADSL Turbo
OS 9: 42 seg
OS X: 12 seg
- Abrir o FreeHand 10
OS 9: 19 seg
OS X: 9 seg
- Abrir o Explorer
OS 9: 3 seg
OS X: Quase instantâneo
- Converter arquivo gráfico contendo TIF CMYK em PDF (+ ou - 100MB)
OS 9: 1 min e 32 seg
OS X: 42 seg
- Localizar um software e abri-lo enquanto se ouve MP3, grava um CD-R e recebe email
OS 9: Travou
OS X: Sem problemas e com estilo
- Fazer um upload de 100MB via FTP, copiar um CD com 425 MB e gerar três arquivos SIT simultaneamente:
OS 9: Travou
OS X: Sem problemas e a totalidade das tarefas durou menos de 2 minutos ao som de Mozart

O principal bug do Mac OS X chama-se Classic Environment. É como se cada vez que tivesse de abrir um determinado arquivo, tivéssemos que chamar um pai-de-santo. Estou realmente tentando achar uma maneira de rodar o OS X mais lento do que o OS 9 para concordar com vocês, mas não consigo. Será que suas máquinas não estão configuradas erroneamente? Já tentaram instalar somente o OS X para ver se o probleminha não era outro? O tempo não pára.

Arimathéia

i9.arimatheia@terra.com.br

A coluna Ombudsmac não representa a opinião da revista, como você pode ler em seu rodapé. Nas duas últimas edições tivemos artigos bem diferentes do escrito pelo Cavallini. Segue abaixo a resposta dele:

Não, ninguém deve concordar com as opiniões de terceiros sem pensar, por isso todos devem suspeitar do meu Ombudsmac e também dos seus números. Eu mesmo duvidei de minha percepção e conversei com vários outros usuários antes de chegar à conclusão que cheguei, colaboradores da Macmania e técnicos da Apple inclusive. Dizer que o OS X é mais rápido que o OS9 é uma idiotice que até mesmo os mais abduzidos pelo novo sistema sabem que é mentira. No mundo da computação não existe mágica. O Mac OS X tem memória preemptiva, que lhe dá uma estabilidade infinitamente maior que o OS 9, mas, em compensação, não permite que um programa ou rotina tome 100% do processador, como acontecia no sistema clássico. O resultado disso é que, embora você possa fazer várias coisas ao mesmo tempo, tudo fica um pouco mais lento. O texto não queria provar que o OSX é uma bosta. Eu uso o X e acho que vale a pena, apesar de ser muito lento no meu iBook. O que mais incentivou o texto foi a medida da Apple de tornar o OSX default em todo Mac saído da caixa. O sistema é rápido em um G4 ou até em um G3 com um bom HD e uma boa placa de vídeo, mas é lento em um iBook. Podemos afirmar também que TODOS os programas estão na versão 1.0, seja o Illustrator 10, o Photoshop 7 ou o Explorer 5. Por esse motivo, todos têm falhas, bugs e até problemas de velocidade.

Ricardo Cavallini

Novo homem

Gostei da entrevista "O novo homem da Apple no Brasil". O entrevistador foi ao ponto que, na minha opinião, tem sido dramático aqui no Brasil: o preço dos Macs. Uma forma de resolver este impasse seria, pelo menos, montar os micros aqui mesmo, o que também seria uma prova convincente de que a Apple realmente tem interesse no mercado brasileiro. A proposta do novo homem de aumentar participação de mercado e obter lucro (tudo ao mesmo tempo) sem investimentos substanciais soa estranha. A Dell veio ao nosso país com PCs caros e avançados para a época – com preços salgados – e hoje vende porque possui uma sólida estrutura local. Aqui em Porto Alegre a Apple parece que se esconde (o Road Show vai passar longe!). Resta ao macmaníaco aqui segurar a bandeira num iMaczinho. Mas, enfim, se a entrevista serviu para cobrar do homem, a Macmania pode seguir batendo nesta tecla!

Gustavo Jesien

gustavopi@terra.com.br

Vamos continuar batendo (na tecla, não no homem, porque senão ele pára de anunciar). Sabemos que a questão da fábrica é complexa, mas também temos a convicção de que baixar o preço dos Macs (e melhorar a assistência técnica, o suporte e o canal de vendas) é o melhor caminho para ampliar a plataforma por aqui.

Bomba do leitor

Após uma instalação "do zero" do OS X, instalei o Illustrator 10. Abri um documento, estava mexendo num logotipo, e tentei imprimir. Como ainda não tinha ligado a impressora, o Illustrator (logicamente) pediu que eu escolhesse uma. O problema é que alguém esqueceu um pequeno detalhe; veja que linda frase recebi, em pleno esplendor Aqua.

David Poetela

Get Info

Editor: *Heinar Maracy*
Editores de Arte: *Tony de Marco e Mario AV*
Patrono: *David Drew Zingg*
Conselho Editorial: *Caio Barra Costa, Carlos Freitas, Jean Boëchat, Luciano Ramalho, Marco Fadiga, Marcos Smirkoff, Muti Randolph, Oswaldo Bueno, Rainer Brockerhoff, Ricardo Tannus*
Gerência de Produção: *Egly Dejulio*
Departamento Comercial: *Artur Caravante, Francisco Zito*
Gerência de Assinaturas: *Fone: 11-3341-5505*
Gerência Administrativa: *Clécia de Paula*
Fotógrafos: *Andréx, Clicio, J.C.França, Marcos Bianchi, Ricardo Teles*
Capa: *Foto: Clicio*
Direção: Tony de Marco
Modelo: Tatiane Feix (IMGmodels)
Produção: Gabriela Pinesso, Renata Jay
Make-up: Denise Borro
Photoshop: Mario AV
Top: Scala (11) 6487-2000
Redatores: *Daniel Roncaglia, Márcio Nigro, Sérgio Miranda*
Assistentes de Arte: *Thaís Benite, Valquíria Gottardi*
Revisora: *Julia Cleto*
Colaboradores: *Alexandre Boëchat, Ale Moraes, Carlos Eduardo Witte, Carlos H. Gatto, Carlos Ximenes, Céllus, Daniel de Oliveira, Douglas Fernandes, Fargas, Fido Nesti, Gabriel Bá, Gian Andrea Zelada, Gil Barbara, J.C.França, Jean Galvão, João Velho, Junião, Luciana Terceiro, Luiz F. Dias, Marcelo Martinez, Mario Jorge Passos, Maurício L. Sadicoff, Néria Dejulio, Orlando, Pavão, Rafael Coutinho, Ricardo Cavallini, Ricardo Serpa, Roberta Zouain, Roberto Conti, Samuel Casal, Silvio AJR, Tom B*
Fotolitos: *Input*
Impressão: *Copy Service*
Distribuição exclusiva para o Brasil: *Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.*
Rua Teodoro da Silva, 577
CEP 20560-000 – Rio de Janeiro/RJ
Fone: 21-879-7766

Find...

Macmania *é uma publicação mensal da Editora Bookmakers Ltda.*
Rua Topázio, 661 – Aclimação
CEP 04105-062 – São Paulo/SP
Fone/fax: 11-3341-5505
Mande suas cartas, sugestões, dicas, dúvidas e reclamações para os nossos emails:
editor@macmania.com.br
arte@macmania.com.br
marketing@macmania.com.br
assinatura@macmania.com.br
Macmania na Web:
www.macmania.com.br

O Mac na Mídia TONY DE MARCO

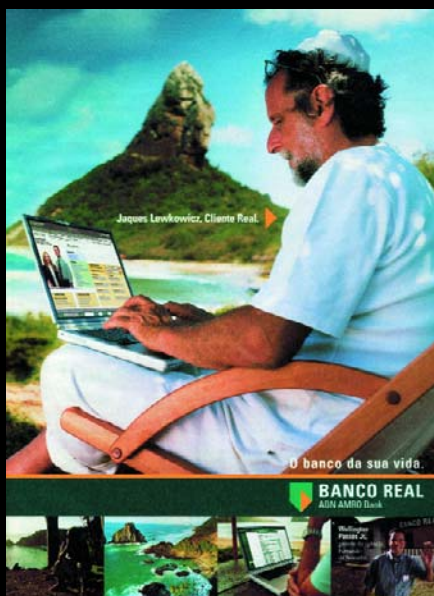
GATA DE BOTAS

Vocês lembram da monumental Lauren Michelle Hill, que apareceu com um iBook debaixo do braço na Playboy americana (Macmania 76)? O leitor Jayson Santos descobriu que ela já havia posado antes com esse iMac Strawberry. Ela sobe na poltrona e a gente sobe pelas paredes.

VÍRUS DE PC NO MAC?

A revista Veja comeu bola publicando uma *stock photo* de um jurássico Mac SE numa nota sobre como evitar os mais de 70 mil vírus de PC. Bem, a única maneira garantida é vendendo o PC.

CYBER CHÁ DE MAÇÃ

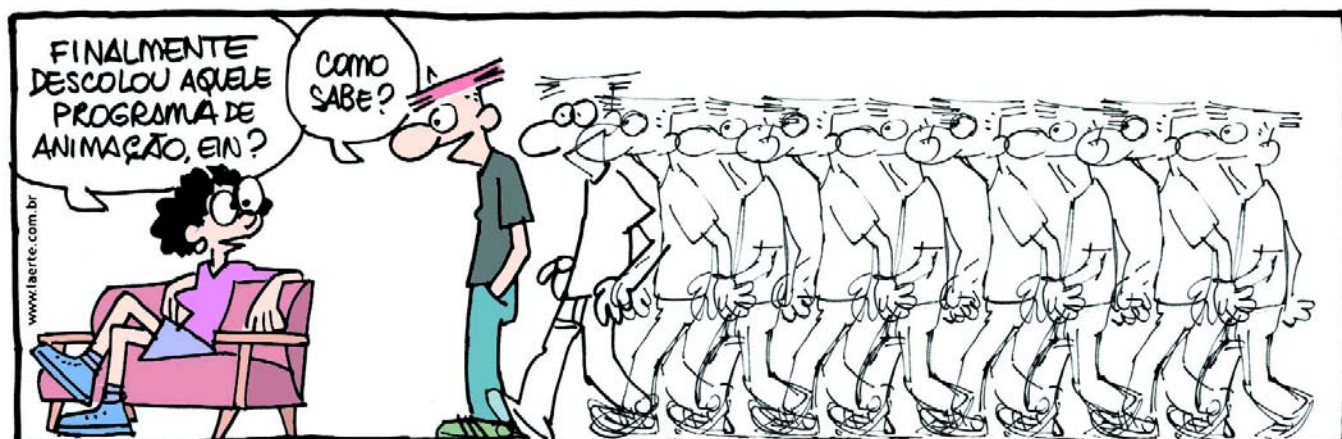
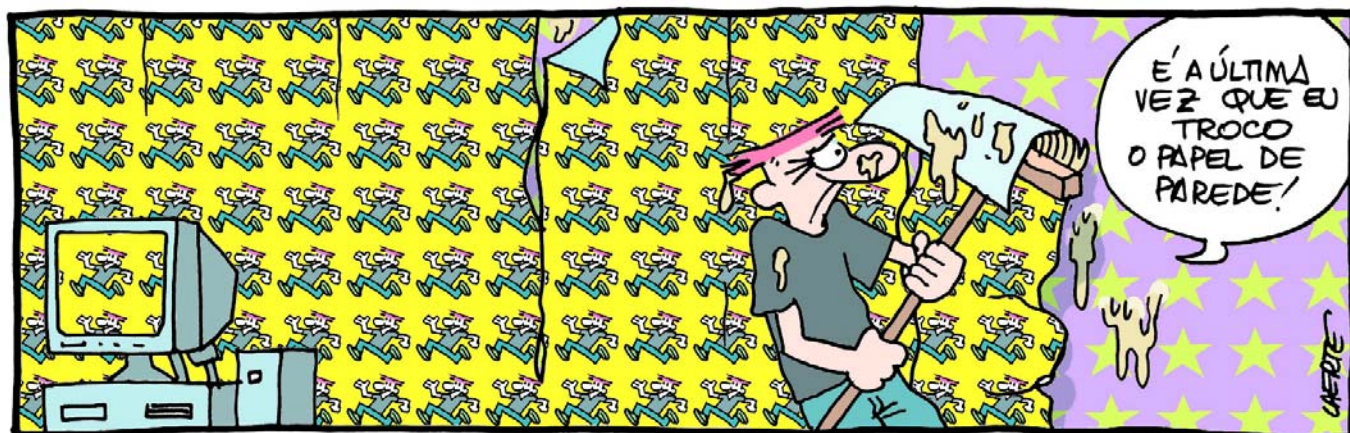
O caderno Rio Show do jornal O Globo mandou ver esse mouse véio na matéria sobre os cybercafés cariocas. Bom, pelo menos eles tiveram a decência de não apagar o logo da maçã.

SEU iMAC É VELHO?

É velho mas ainda dá uma meia-sola, já dizia o meu avô. Hilária essa propaganda que saiu faz tempo no jornal O Povo, do Ceará. Dica do Shane Engel.

VAI SER COOL ASSIM LÁ EM FERNANDO DE NORONHA

Cliente do banco Real é chique até a medula, usa Titanium na praia. No caso, o "cliente Real" é, coincidentemente, o dono da agência de propaganda Lew, Lara, que detém a conta do banco.

A PRÓXIMA PALAVRA EM TECNOLOGIA É...

...um monitor velho da Apple. Quando é que esses caras da Info vão aprender a ler a Macmania todo mês? Dica do incansável Miranda.

Mande sua colaboração para arte@macmania.com.br ou para a Editora Bookmakers: Rua Topázio, 661 - São Paulo - SP - CEP 04105-062.

É A ÚLTIMA VEZ QUE EU TROCO O PAPEL DE PAREDE!
LAERTE

...UMA TESOURA! QUE PRODÍGIO TECNOLÓGICO!

SERIA EU CAPAZ DE INVENTAR OUTRO E TÃO BRILHANTE ARTEFATO PARA CORTAR PAPEL?...

AH!...DESISTO!!

FINALMENTE DESCOLOU AQUELE PROGRAMA DE ANIMAÇÃO, EIN?
COMO SABE?
www.laerte.com.br

VOCÊ PÕE O GNOMO SOBRE O MONITOR... SE TIVER ALGUM VÍRUS, O CRISTAL ABSORVE!
GNOMO ANTIVIRUS
www.laerte.com.br

LAERTE

Chapa o Mac

Novo clipe do Xis foi totalmente animado em Flash

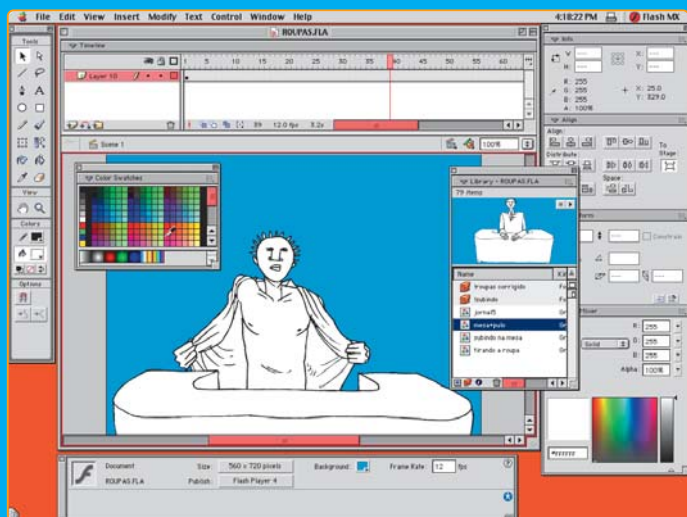
Depois de duas semanas confinado na Casa dos Artistas 2, o rapper Xis assistiu pela primeira vez ao clipe da música “Chapa o Coco”, do seu novo CD “Fortificando a Desobediência”. Era um domingo, dia em que o programa alcançava picos de mais de 40 pontos no Ibope, apresentado por ninguém menos que Silvio Santos. Foi uma estréia estrondosa.

O videoclipe é uma animação pouco convencional, toda feita em Flash. Rodando no Mac, é claro: foram usados três iMacs de 350 MHz e um Power Mac G4 de 867 MHz. Inspirado no canal de notícias Bloomberg (idéia do próprio Xis), traz a imagem do âncora circundada por informações de vários tipos correndo na tela. A história começa quando o apresentador do telejornal surta, sai correndo do estúdio e percorre as ruas de uma grande cidade até chegar à periferia. Enquanto isso, as “notícias” – na verdade mensagens e imagens sobre política e o mundo do Rap – continuam a passar. Tudo em apenas pouco mais de 2 minutos.

À primeira vista, aos olhos acostumados com desenhos animados bem coloridos e suaves, o clipe parece estranho. Desenhos em preto e branco, sem nenhum tipo de sombra ou textura, contrastando com a letra da música e uma profusão de outros textos e imagens coloridas em movimento.

“O grande lance é que a animação não tem cortes, é um enorme plano-sequência do começo ao fim. Isso significa que o cenário se mexe o tempo todo, junto com o personagem”, explica o diretor do clipe, Tony de Marco, que também é um dos editores de arte da Macmania.

Produzido pela Keyma Films, o clipe desde o primeiro desenho até a versão final ficou pronto em três meses. Nos primeiros dois meses, o desenhista Rafael Coutinho fez no lápis os movimentos do personagem e todos os elementos do cenário. No último mês entrou em cena a equipe de animadores.

Depois de digitalizados e tratados no Photoshop, os desenhos foram vetorizados no Flash. O motivo da escolha do programa: os animadores da Keyma Films estão muito acostumados com ele. Há mais de um ano eles fazem uma cartum animado por dia para o site do Jornal da Lilian no Terra e para o site CyberComix. “O pulo do gato foi que usamos conceitos de programas 3D em uma animação bidimensional. Todo o movimento de câmera e a possibilidade de ampliar e reduzir os desenhos sem perda de qualidade permitiram criar a ilusão de que o cenário está em movimento contínuo”, diz Tony. O clipe já entrou na programação da MTV e pode ser visto diariamente nos programas Uaua, CentralMTV e Yo.

O arquivo .FLA final ficou com mais de 70 MB – não tentem isso em casa, crianças!

Jornal da Lilian: www.terra.com.br/jornaldalilian
CyberComix: www.cybercomix.com.br
Xis: www.pretobomba.com.br

Boas novas do Japão

Macworld de Tóquio apresenta novo iPod, novo monitor e tecnologia Bluetooth para Mac OS X

Do outro lado do planeta, Steve Jobs não apresentou nenhum produto revolucionário, mas não ficou devendo novidades para a comunidade macmaníaca: um novo iPod com 10 GB, um monitor de 23 polegadas e a tecnologia Bluetooth para Mac.

O novo **iPod** possui a mesma aparência, mas o dobro da capacidade da versão original – ou seja, agora cabem em torno de 2 mil músicas em seus 10 GB. E quem comprá-lo na loja virtual da Apple pode mandar gravar na traseira de aço cromado o seu nome ou uma mensagem de até três linhas. Mas não é só isso: um novo update do software interno do iPod (que funciona também no modelo de 5 GB) permite guardar sua lista de contatos e sincronizar o aparelho com programas como Entourage, Palm Desktop ou o Livro de Endereços do Mac OS X. Além disso, ele agora vem com 20 ajustes de equalizador *(presets)*, assim como o iTunes (também atualizado, para a versão 2.0.4). O preço nos EUA do novo iPod é de US$ 499.

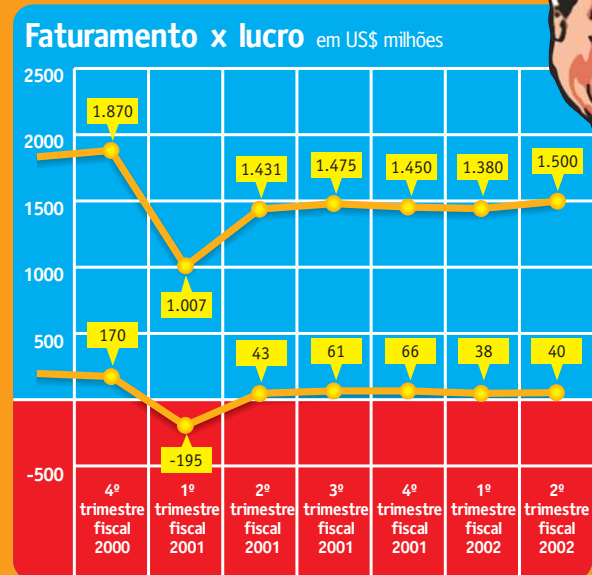
O novo **Cinema HD Display** de 23 polegadas tem resolução de 1920 por 1200 pixels, contra 1600x1024 do original de 22 polegadas (que continua à venda). Segundo Steve Jobs, o novo modelo bate uma televisão de alta definição sem problemas e tem ângulo de visibilidade de 160 graus. O preço lá fora é de US$ 3.400.

No campo das "novidades que ninguém esperava", Jobs anunciou a tecnologia **Bluetooth** para Mac OS X. Para quem nunca ouviu falar em Bluetooth, ele é um padrão de conexão sem fio que, graças aos circuitos diminutos, pode ser incorporado a teclados, celulares, PDAs, computadores e impressoras. O driver para o Mac OS X está disponível no site da Apple e um adaptador USB pode ser comprado na loja online por US$ 49.

O Cinema HD Display é sutilmente maior que o original

O adaptador Bluetooth pluga-se diretamente numa porta USB livre do computador

Apple vende mais (mas lucro cai)

A **Apple** até esperava menos, mas sobrou algum em caixa. Os lucros da empresa no trimestre fiscal terminado em 30 de março foram de US$ 40 milhões – um pouco abaixo dos US$ 43 milhões registrados no mesmo período do ano anterior. Para compensar, o faturamento foi de US$ 1,5 bilhão, 4% a mais do que há 12 meses, quando a Apple registrou US$ 1,43 bilhão. Mesmo com a queda no lucro, os resultados ficaram acima do imaginavam os analistas de mercado, esses seres misteriosos. A Apple já havia anunciado, em janeiro, que os valores seriam mais ou menos esses.

Artur

Novo iMac arrebenta

Segundo o grande Steve Jobs, a demanda pelos novos iMacs de tela plana tem sido "incrível": 220 mil unidades no trimestre. "Claramente temos um vencedor aqui", disse o guru, sem comentar que a Apple está se esforçando ao máximo para atender ao grande volume de pedidos.

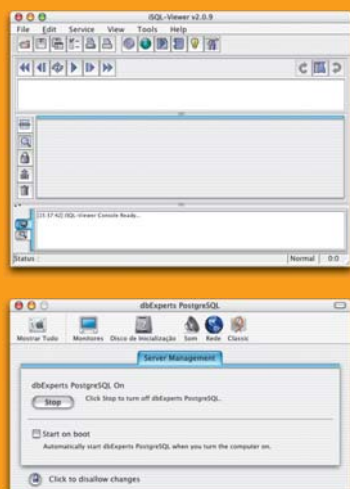
O total de iMacs vendidos no trimestre foi de 372 mil – incluindo 150 mil com o design original –, o que gerou uma receita de US$ 448 milhões, além de um aumento de 24% nas vendas e 57% no faturamento.

A venda dos iBooks também aumentou bastante em relação ao mesmo trimestre no ano passado: cerca de 150%, tanto em unidades quanto em faturamento. 141 mil iBooks foram vendidos. No entanto, G4s e PowerBooks viram sua popularidade cair em 34% e 19%, respectivamente, provando que essas máquinas não estão tão atraentes para o consumidor.

Ao todo, foram vendidos 813 mil Macs durante o período, o que representa um aumento de 8% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. Para este trimestre (de abril a junho), a Apple diz que as vendas e o faturamento serão um pouco melhores, com valores girando na casa de US$ 1,6 bilhão. Jobs revelou que pretende abrir mais 20 lojas de varejo nos EUA até o final do ano.

SQL no OS X

Empresa brasileira cria banco de dados relacional

O Mac OS X tem futuro promissor nos servidores empresariais e de Web. O WebObjects, ambiente de programação da Apple para criação de sites dinâmicos, foi o primeiro passo. Agora é a vez dos bancos de dados distribuídos, que poderão ser implementados no OS X a partir de um programa desenvolvido pela empresa brasileira dbExperts. Rodando em Mac OS X, Linux, Windows e FreeBSD, o **PostgreSQL** é um banco de dados relacional que garante conectividade e fácil migração de bases de dados Oracle, MS-SQL, Interbase e MySQL, entre outras. O PostgreSQL também suporta as linguagens Delphi, Kylix, Visual Basic, Cobol, Java, C/C++, PHP, ASP e Perl, oferecendo ainda opções de acesso via ODBC, JDBC, API Nativa (libpq), componentes VCL e dbExperts (Delphi e Kylix).

Além da compatibilidade com Mac, uma das suas grandes vantagens é o fato de ter código fonte aberto *(open source)*, o que implica menor investimento. Para completar, o custo de implantação do programa chega a ser dez vezes menor do que uma solução Oracle, segundo Mauro Fritz, diretor da dbExperts, que cita a Stella Barros Turismo e o Metrô de São Paulo como dois dos principais usuários do PostgreSQL. O software está disponível para Mac OS X na versão Professional, que custa R$ 485 e inclui licença para um servidor e número ilimitado de usuários. Para o segundo semestre, está previsto o lançamento da versão Enterprise, que custará R$ 1.950 e trará licença para dois servidores e suporte ao sistema operacional Solaris, da Sun.

dbExperts: www.dbexperts.com.br

Chamando todos os consultores!

Você, que é macmaníaco de longa data, conhece as entranhas dos equipamentos Apple e presta consultoria a empresas ou pessoas físicas, participe do **Tabelão de Consultores da Macmania.** Mande nome, email, telefone, área de atuação e tipo de serviço para redator@macmania.com.br

Mac aos pedaços

Revenda de Curitiba faz consórcio de Macs

Aumentaram as chances de você comprar seu Mac novo. A **ALLCAD 3D**, uma revenda Apple do Paraná, associou-se ao Consórcio Curitiba para vender pacotes facilitados para a comunidade macmaníaca de todo o Brasil. A ALLCAD 3D vende grupos de soluções para empresas grandes, pequenas e usuários domésticos, que podem ser feitos em 12 ou 18 parcelas. Um exemplo: quem precisa de R$ 10 mil para comprar o Mac dos seus sonhos pagará R$ 934,77 em 12 meses ou R$ 637,62 em 18 meses. São vários pacotes à disposição dos macmaníacos, com impressoras, câmeras digitais ou programas incluídos. A ALLCAD 3D já está oferecendo também o novo iMac, também pelo consórcio.

ALLCAD 3D: 41-224-3325 www.allcad3d.com.br

Outros números

Margem de lucro	27,4%
Dinheiro em caixa	US$ 4,3 bi
Faturamento das lojas Apple	US$ 70 milhões
Visitantes das lojas por semana	5 mil
Vendas do iMac G4	220 mil unidades
Vendas do iMac G3	152 mil unidades
Vendas de portáteis	+22%
Vendas de iBooks	+156%
Vendas do iPod	57 mil
Vendas do Mac OS X	3.600 cópias
Máquinas com Mac OS X	Mais de 3 milhões
Máquinas com SuperDrive	500 mil
Downloads do iPhoto	1,125 milhão

Jovem demais para programar

Apple expulsa programador do Darwin por ter 15 anos de idade

Foi-se o tempo em que a nata da programação era composta por hackers adolescentes. **Finlay Dobbie**, um jovem inglês de 15 anos, foi banido pela Apple do projeto Darwin, base do Mac OS X. A explicação da empresa é que menores de 18 anos, por lei, não podem assinar certos acordos de confidencialidade. Só que, além de sair do projeto Darwin, Dobbie também perdeu sua conta gratuita no ADC (Apple Developers Connection).

O garoto se diz um "Mac evangelista" desde os 9 anos de idade. Foi um dos responsáveis por descobrir e ajudar a neutralizar o *PPP hang bug*, problema que congelava o sistema quando uma conexão PPP era acionada. "A atitude deles parece ser o completo oposto da atitude dos defensores do movimento Open Source ", reclama. Perguntado sobre o caso numa reunião de acionistas, Jobs disse: "às vezes, as notícias não contém toda a verdade. Não teve a ver com a idade, mas com seguir as regras. Um menor pode contribuir com o Darwin, desde que um pai ou guardião assine os formulários necessários".

Finlay Dobbie: www.btinternet.com/~finlay.dobbie

iPod também pode no Windows

Basta ter uma porta FireWire no PC e o XPlay instalado

Use o iPod como HD externo *(acima)* ou como tocador de MP3 acessível pelo Media Player *(abaixo)*

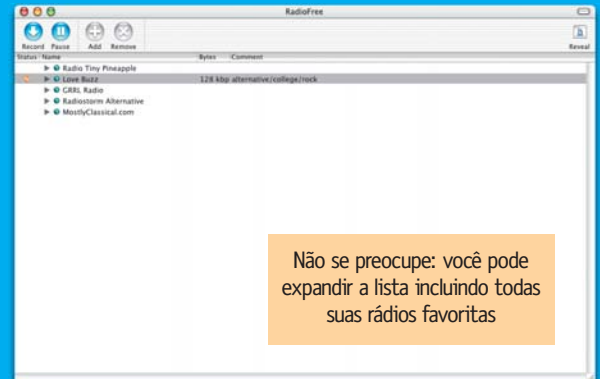
O tocador de MP3 da Apple, o iPod, funciona também com Windows. O **XPlay** é um programa que faz com que o iPod seja reconhecido automaticamente como "novo hardware". Ele aparece no sistema como um drive extra e o usuário pode usá-lo para intercambiar músicas em MP3 e outros arquivos sem problemas, como no Mac. O XPlay é compatível com Windows Me, XP, 2000 e 98.

O produto atualmente é gratuito, mas a Mediafour, empresa especializada em produtos multiplataforma como esse, espera melhorar o software para então torná-lo um download pago de US$ 40.

Outros hacks ajudam a fazer o iPod funcionar com algumas versões do Linux, mas nele a novidade é ainda muito instável.

XPlay: www.mediafour.com/products/xplay

Salve o stream!

RadioFree para OS X grava rádios online no seu HD

Não se preocupe: você pode expandir a lista incluindo todas suas rádios favoritas

Rádios na Internet são ótimas para se ouvir música ou ficar atualizado com as últimas notícias. Porém, muitos usuários delas ficam frustrados quando percebem que não há como salvar os sons que vêm pela Internet. Quer dizer, não dava. O **RadioFree** é um pequeno programa para Mac OS X que salva o *streaming* de áudio em MP3 transmitido pela Internet diretamente para seu disco rígido. Apenas rode o software e você verá uma lista das estações disponíveis. Ele vem com poucas rádios listadas, mas é possível adicionar outras tranqüilamente. Duplo-clique uma estação e o RadioFree começará a salvar o arquivo no disco. E o melhor da história é que você pode salvar arquivos de várias estações simultaneamente, se tiver uma conexão de banda "obesa". Interessou? Então baixe o programa agora. Sabe-se lá quanto tempo ele conseguirá sobreviver.

RadioFree: www.xlife.org/radiofree.php

Velhinhos, mas dão no couro

Macmaníacos recondicionam modelos antigos com peças de G4 Cube e iMac

Macs antigos, como já se sabe, não são velhos: são clássicos. Devem ser reverenciados como os triunfos de design que representaram em suas épocas. Mas não existe nenhuma lei que impeça um "upgrade" não autorizado numa máquina dessas. E foi isso que dois macmaníacos resolveram fazer. O processo para criar o **"Power Color Classic G4"** *(à direita)* foi desenvolvido por G. Younk, que participa de um grupo de colecionadores de Mac, o "The Mac 512". Ele transferiu o conteúdo de um G4 Cube com 512 MB de RAM e HD de 30 GB para a carcaça de um Color Classic. Segundo o autor da façanha, só não foi possível fazer funcionar o DVD e o AirPort, e o monitor teve que ser trocado por outro com resolução maior.

Enquanto isso, no Japão, o dono de uma loja de Macs antigos criou um **"SE-30 G3"** *(à esquerda)*, instalando num SE-30 a placa-mãe de um iMac G3/233 com 288 MB de RAM, um HD de 4 GB e um drive de CD-ROM (conectado externamente), mantendo o monitor preto e branco. Está à venda na terra do Sol Nascente por cerca de US$ 1.700 – quase o preço de um novíssimo iMac G4 com tela plana.

Atenção: apesar de parecer divertido, fazer um "upgrade" desses requer tempo, habilidade, paciência e coragem. Se você acha que vale a pena manter sua relíquia funcionando como veio ao mundo, não tente fazer isso em casa...

The Mac 512: www.mac512.com

Vídeos QuickTime na sua mão

Está sendo testado um programa para os donos de PDAs que em breve será tão obrigatório quanto um editor de texto. Ele se chama (aham) **ZyGoVideoH** e foi desenvolvido pela Media Metastasis. A função dele é simples: tocar, comprimir ou descomprimir arquivos de vídeos de QuickTime. Isso permitirá transmitir e rodar vídeo em computadores de mão e celulares e até assistir a filmes em tempo real.

A versão beta do ZyGoVideoH já roda no Visor (o Palm da Handspring) e no Sharp Zaurus. Mas, segundo a empresa, o programa visa mesmo é a próxima geração de PDAs, que virão com telas de maior definição e conexões mais rápidas à Internet.

O ZyGoVideoH será vendido por US$ 79, e a versão Pro sairá por US$ 129.

ZyGoVideoH: www.zygovideo.com

Surge compressor de vídeos para rodar em PDAs e celulares

Gastando dinheiro com FireWire

Apple compra empresa especializada

Que a Apple está comprometida até os dentes com o FireWire, todo mundo sabe. Afinal, foi ela quem criou a interface. Agora, como para reforçar esse compromisso, a Apple comprou uma empresa especializada em FireWire. A **Zayante** foi fundada em 1996 e seus programas e produtos são usados por fabricantes de semicondutores que criam equipamentos baseados na especificação IEEE 1394 (nome oficial e técnico do FireWire). Além disso, a empresa oferece cursos para divulgar as novidades no FireWire e desenvolveu o suporte para o Windows CE (sistema operacional para PDAs da Microsoft).

A Apple informou que o presidente e CEO da Zayante, Prashant Kanhere, irá se juntar à empresa para promover a adoção do padrão FireWire pelo mundo.

Zayante: www.zayante.com

Apple: "Marca do ano"

No mundo inteiro, a empresa que causou mais impacto na mente dos consumidores no ano passado não foi a Coca-Cola, Yahoo ou CNN. Segundo o site **Brandchannel**, a preferida foi a Apple. Para o site, a "Marca Global do Ano" é aquela que causa mais impacto na vida das pessoas, sem necessariamente ser a maior empresa do mundo nem a que mais gasta com marketing. A Apple teve 14% do total de votos nos cinco continentes. As outras quatro primeiras foram Volkswagen, Nokia, Google e Absolut (empatadas). Outras empresas bem lembradas:

- Na América Latina e Central: Corona, Quilmes, Bacardi, Itaú e Arcor.
- Na Ásia e Pacífico: Sony, Samsung, Toyota, Singapore Airlines e um empate entre Hello Kitty (é sério) e Lonely Planet.

Brandchannel: www.brandchannel.com

Impressoras chegarão a 4800 dpi este ano

A **HP** decidiu incorporar uma tecnologia de impressão de 4800 dpi nas futuras versões de sua impressoras jato de tinta. A empresa explica que ela será muito importante para quem precisa de alta qualidade de impressão e acrescenta que essa será "apenas uma das novas tecnologias que serão implementadas este ano". As novas impressoras da oferecerão saída de 4880x1200 dpi como um "modo fotográfico alternativo" para imagens em alta resolução impressas em papéis fotográficos. A tecnologia foi concebida para trabalhar com imagens com resoluções maiores do que 600 ppi.

Hewlett-Packard: www.hp.com

Nova tecnologia da HP destina-se ao setor de artes gráficas

Controle remoto para Macs

Já pensou em comandar outro Mac a quilômetros de distância, até mesmo em outro continente? Não, não é coisa de hacker. É o **Apple Remote Desktop**, da própria Apple – um programa que permite compartilhar a tela de uma ou mais máquinas, proporcionando uma ótima solução para gerenciamento em empresas, escolas e até mesmo para usuários domésticos.

Funcionando em rede local ou pela Internet, o Apple Remote Desktop possibilita, por exemplo, que o professor mantenha os olhos nas telas dos Macs da sala de aula ou do laboratório, realizando demonstrações ou oferecendo ajuda com comunicação de texto em tempo real, entre outras possibilidades. Em ambientes empresariais, o aplicativo pode reduzir o custo de suporte técnico, incluindo ferramentas de administração de sistema para assistência a usuários com problemas e recursos de distribuição de software, sendo que tudo pode ser feito a partir de um lugar. E se você é um profissional que passa muito tempo "na estrada", ele serve para acessar pela Internet arquivos e programas em seu computador do escritório ou casa.

O Apple Remote Desktop vem em duas versões: uma para 10 clientes (US$ 299, nos EUA) e outra sem limitações (US$ 499), que suporta até 5 mil Macs em grupos de 250 computadores cada.

Apple Remote Desktop: www.apple.com/remotedesktop

É o sucessor do Timbuktu

Mais macmaníacos no Road Show

Apple Brasil apresentou o novo iMac a 5 capitais brasileiras

Fortaleza

Curitiba

Belo Horizonte

Rio de Janeiro

A Apple Brasil está feliz com a quarta edição do **Apple Solutions Road Show,** evento que leva as novas tecnologias e produtos da empresa e de seus parceiros para vários cantos do país, e que terminou no dia 18 de abril. Cerca de 3 mil pessoas foram ver de perto e tocar o iMac G4. Mas a empresa quer mais. "Boa parte do público que veio a este Road Show foi de usuários de PC que querem conhecer o Macintosh", afirmou Rodrigo Pellicciari, gerente de produto da Apple Brasil. "Em algumas cidades, esse número chega a 60% de pecezistas. Isso deixa a gente muito feliz, mas queremos que mais macmaníacos venham participar com a gente do evento", completou.

Os salões de palestra estiveram lotados em Fortaleza, Curitiba, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo; foram demonstrados o Mac OS X e os programas que estão sendo lançados, como o Photoshop 7 e a linha procreate (Painter 7, KPT 7 e KnockOut).

O iMac G4 de perto

Porém, a grande vedete do evento foi o iMac G4. Uma sala com 20 deles foi usada para workshops. Enquanto o professor dava a aula, os macmaníacos se maravilhavam com a tela plana flutuante e o design do novo iMac. "Estes workshops foram muito importantes, pois deram a oportunidade para o pessoal tocar e sentir nossos produtos. Esta é a idéia do Road Show: deixar o pessoal conhecer de perto as tecnologias Apple", disse Rodrigo.

A Apple mostra como se faz e ainda dá o software de brinde

Este ano, aumentou o número de profissionais no evento. "Sentimos que o público está diferente, com perguntas mais de usuários mesmo, não de curiosos", salientou Rodrigo. "Isso mostra que a Apple está forte nos segmentos de vídeo e Web profissionais, e que podemos crescer ainda mais. A idéia agora é criar novos eventos focados nesses profissionais, ou seja, um Road Show só de vídeo, um de áudio etc. Queremos que os profissionais que usam Mac possam conhecer melhor todas as tecnologias que podemos oferecer a eles".

O objetivo do Road Show deste ano foi derrubar os mitos que envolvem o Mac – velhas mentiras como "não tem software", "é incompatível com PC", "é mais difícil de usar". "Nós da Apple Brasil queremos acabar com essas lendas, inclusive aquela sobre o Mac ser mais caro. Tentamos mostrar que o custo/benefício de ter um Mac vale a pena", afirmou Pellicciari.

Mais eventos

Ainda para o primeiro semestre, a Apple promete novos eventos para disseminar o Mac pelo interior do país. "A partir de maio, teremos eventos menores, com apenas um palestrante Apple, que irão visitar várias outras cidades, como Salvador e Riberão Preto", informou Rodrigo. A idéia é criar por aqui a mesma experiência que têm os macmaníacos dos EUA, deixando o pessoal brincar nos Macs para serem cativados.

No final do Road Show foram sorteados vários brindes para os participantes – cursos, programas e até um Final Cut Pro 3. Mas quem foi ao Road Show pode esperar ainda mais presentes. "Todos os inscritos vão participar de promoções especiais da Apple no segundo semestre, com descontos e outras surpresas", contou Pellicciari.

São Paulo

Essa é a turma que suou a camisa para fazer o show

Minilabs digitais da Kodak no pedaço

Já presentes em quase quarenta lojas no Brasil

Além da Fuji (comentada na nossa edição 91), a **Kodak** também já fincou os dois pés no mercado brasileiro de minilabs digitais. Muito bom, porque com a competição entre os dois líderes mundiais em fotografia, os preços tenderão a cair e a qualidade aumentar. Para quem tem câmeras digitais, essa tecnologia é uma mão na roda. Afinal, permite que se reproduza os arquivos que lotam o seu HD em papel fotográfico durável, com ótima qualidade. Já existem cerca de quarenta lojas Kodak Express com serviço de impressão de arquivos digitais. Dessas, quatro possuem o minilab fabricado pela própria empresa; o restante conta com equipamentos da Noritsu e da Gretag. Além disso, a Kodak tem um serviço chamado "Recrie", através do qual você pode enviar arquivos digitais mesmo que a loja não tenha minilab digital próprio – ela envia o seu arquivo para o laboratório central imprimir a foto. O custo de uma cópia de 10x15 cm varia entre R$ 1,10 e R$ 1,60 – o mesmo preço dos laboratórios da Fuji.

Dados técnicos

A Kodak fabrica um equipamento chamado *Sistema 88* – um minilab criado em parceria mundial com a Photo-Me. Ele aceita a entrada das imagens em filmes 35mm, APS (Advantix), slides, fotos impressas, cartões de câmeras digitais, CDs e disquetes. Os formatos de arquivos aceitos podem ser os tradicionais JPEG, TIFF, BMP ou alguns mais obscuros, como MSP, RAS e ATT.

O tamanho das saídas em papel fotográfico é bem amplo: vai de 9x13 até 24x30 cm. Pode-se entregar o arquivo no próprio balcão da loja ou mandá-lo por email.

Qualidade

Enviamos duas fotos tiradas por uma Canon PowerShot S110 para testar o serviço. A qualidade da imagem é indiscutível; a partir dos 2 megapixels de resolução, não dá para perceber no formato 10x15 diferença entre as fotos digitais e as tiradas com bons filmes de 35mm.

Mario AV

Usualmente, as fotos saem mais escuras do que o que visto na tela

Tony de Marco

As fotos no papel parecem ter mais detalhes ainda do que em pixels

O único problema, que também acontece com o minilab da Fuji, é que as fotos em papel ficam mais escuras do que aquilo que se vê no monitor do Mac. Não compromete, mas se você quiser a perfeição, terá que mandar primeiro uma imagem de prova e usá-la como referência para clarear as demais em um editor de imagem, de forma a compensar o efeito.

O tamanho de 10,2x13,6 cm é o original da máquina – diferente dos 10x15 cm em que pedimos para elas serem impressas. Como as medidas e a proporção das nossas fotos de teste eram diferentes, uma delas ficou com um pequeno filete branco e em ambas uma aresta de cerca de 1 cm foi cortada pelo ajuste automático da máquina. A forma de resolver esses contratempos é consultar a loja antes de enviar os arquivos e fazer o corte para o tamanho exato num Photoshop da vida.

E iPhoto, rola?

Nos EUA, a Apple e a Kodak têm um acordo para imprimir em papel fotográfico os álbuns gerados pelo iPhoto. Por enquanto, segundo a empresa, não há nenhum entendimento para oferecer esse serviço por aqui. Mas com a chegada dos minilabs digitais da Kodak, bem que as duas poderiam fazer um bem-bolado...

Algumas lojas com o equipamento

São Paulo/SP
Digi Photo – Avenida Nações Unidas, 15187 – box 8 – 11-5181-0777
Campinas/SP
Estúdio Fotográfico Waldemar Mauro – Rua Cel. Quirino, 353 – 19-3294-4401
Campos de Goitacazes/RJ
Foto Art Color Campos – Rua 21 de Abril, 272 – 24-2723-5222
São Luís/MA
Foto Sombra – Avenida Castelo Branco, 539 – 98-235-6040

DivX no Mac

3ivx e DivX Doctor II chegam para salvar o dia

Enquanto a Apple briga para licenciar o uso do MPEG-4 no QuickTime 6, outras companhias usam suas próprias tecnologias de vídeo. A mais famosa delas é o DivX.

Um novo codec, o **3ivx,** está chegando à versão 4.0 Release 1 para Mac OS 9 e X. Se você é daqueles inconformados com filminhos que tocam sem som ou "em branco" no QuickTime Player, ele pode ser a solução. Além de tocar DivX Video, inclui proteção contra "pulos" durante o *streaming* e a otimização para os chips G4. Essa versão é gratuita, mas, quando chegar a versão final, será vendida por preços diferenciados para usuários amadores e profissionais.

Também saiu o **DivX Doctor II**, para conversão de vídeos MPEG-4 em AVI para QuickTime – ideal para consertar aqueles filminhos que não rolam no QuickTime. A DivX Networks lançou também o codec "oficial" 5.0 DivX para Mac (alfa), em duas versões. A doméstica ganhou 20% de velocidade e compressão 40% maior. A versão profissional, além de tudo que a outra possui, inclui técnicas avançadas de compressão com ferramentas de processamento embutidas no programa. A versão doméstica é grátis e pode ser baixada do site; a profissional custa US$ 30.

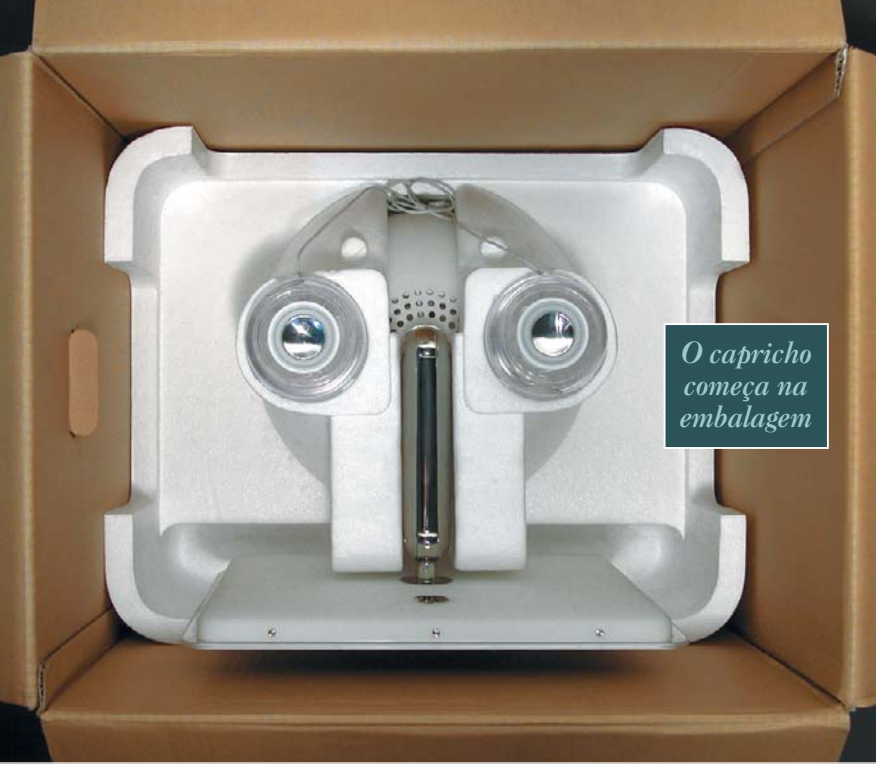
DivX: www.divxnetworks.com
3ivx: www.3ivx.com

ADMIRÁVE
iM

MAC NOVO

Ele é tudo que os computadores queriam ser, mas não sabiam que podiam.

__"Paiê, o que é isso?"__ – perguntou meu filho de três anos, apontando para o iMac G4 em cima da mesa. Mas, antes que eu pudesse responder, ele viu o símbolo da maçã e, sorrindo, falou: __"Ah, é o computador, né?"__
Isso mesmo. É um computador, mas não parece um.
Pelo menos não o que costumamos esperar de um.
Este é o __iMac G4__ que, desde o seu lançamento, vem causando essa sensação de estranheza e também de deslumbramento. Minha mãe e minha esposa ficaram admiradas com o fato que um computador pode ser prático e também bonito. Aliás, segundo palavras delas, ele é __"muito lindo"__.
Testei o iMac G4 700 (drive Combo) nas funções para as quais ele foi concebido – assistir a DVDs, ripar músicas, queimar CDs. As conclusões são até óbvias: o iMac G4 é o ápice do conceito de __Hub Digital__ que Steve Jobs apresentou no ano passado: veloz, com os opcionais certos (SuperDrive na versão mais poderosa) e facilidade de uso. E muito charme.
O nome __iMac__, por si só, está se tornando um sinônimo de revolução. Foi assim em 1998, quando Jobs apresentou o primeiro modelo azul-esverdeado e mudou radicalmente o modo de encarar um computador, levando outros fabricantes a "colorirem" seus equipamentos. Com o iMac G4, a Apple foi muito além disso, criando o verdadeiro computador do século 21. O resultado dessa mudança os macmaníacos brasileiros já podem ver nas prateleiras das revendas desde o início de abril.
Pelo menos ver, já que para comprar... Bem, vamos falar disso mais tarde.

Texto ***Sérgio Miranda*** *Fotos* ***Fabrizio Zini***

O capricho começa na embalagem

Visual marcante de qualquer ângulo

Não é igual à foto

Uma das principais verdades sobre o iMac G4 é que as fotos não lhe fazem justiça. E isso acontece em vários aspectos. Por exemplo: apesar de saber que o diâmetro da base é de 27 cm (lembre: isso é mais estreito que um PowerBook), pelas fotos a sensação que temos é de que ele é pequenino. Ledo engano. O gabinete do iMac G4 é *grande* – um pouco maior que metade de uma bola de basquete, um pouco menor que o diâmetro de um LP de vinil. (E nós aqui, em janeiro, chamando ele de "pão de batata"... que ilusão.) A comparação de colocar uma caixa de CD na frente para medir a altura é também ilusória. Apesar do seu tamanho, a CPU ocupa pouco espaço. Isso porque a tela móvel deixa inúmeras possibilidades de arrumação na mesa, garantindo conforto para o usuário e ao mesmo tempo uma qualidade estética que antes se imaginava impossível com computadores.

Ele é não é o que podemos chamar de um computador pesado, pois não chega a 10 kg. Comparado com seu antecessor (17,3 kg), é peso-pluma. Mas não é jeitoso para se carregar: o braço metálico é a parte mais segura para se pegar o iMac, o que pode deixar o macmaníaco um pouco receoso de ficar levando ele de um lado para outro.

A cor dele também engana nas imagens divulgadas na mídia: ele não é branco total radiante, mas uma tonalidade gelo fosca, meio acinzentada. A maçã cromada é quase um espelho, de tão brilhante.

O teclado e o mouse branco assustam no início. A comparação do mouse com um sabonete é inevitável, e o teclado desperta a nostalgia dos *geeks* mais velhos. Ficamos com a impressão de que as teclas devem sujar com facilidade, mas não tivemos tempo para comprovar. No quesito conforto, o teclado branco é melhor que o teclado anterior preto, com teclas de dinâmica suave, lembrando um pouco os antigos teclados dos Macs bege.

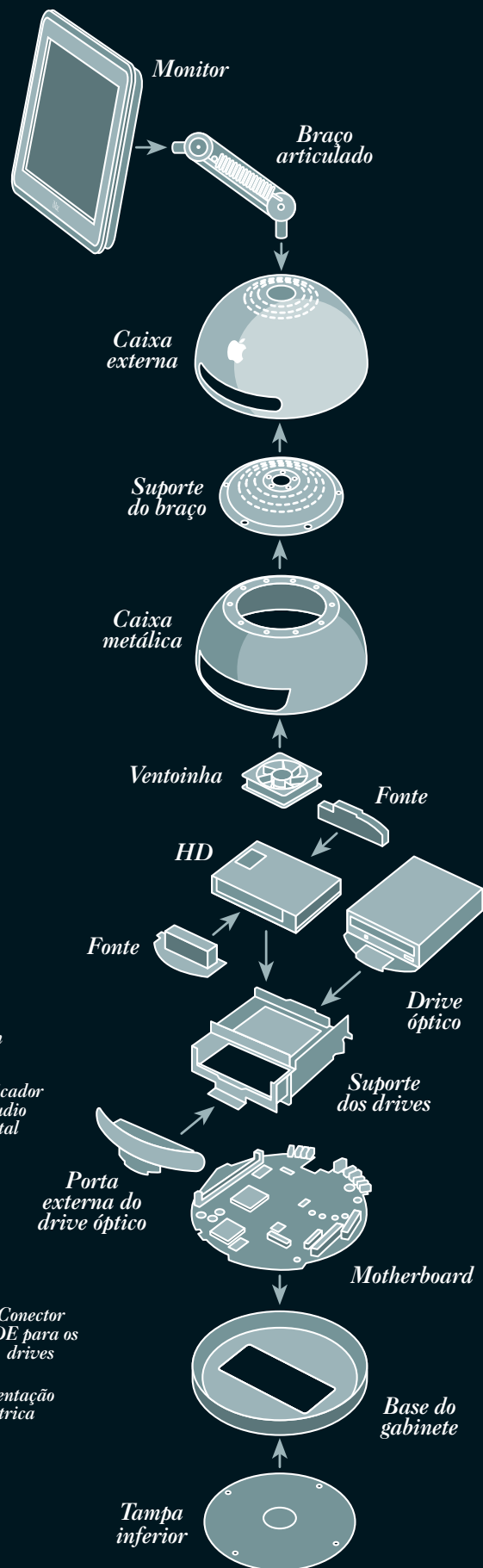
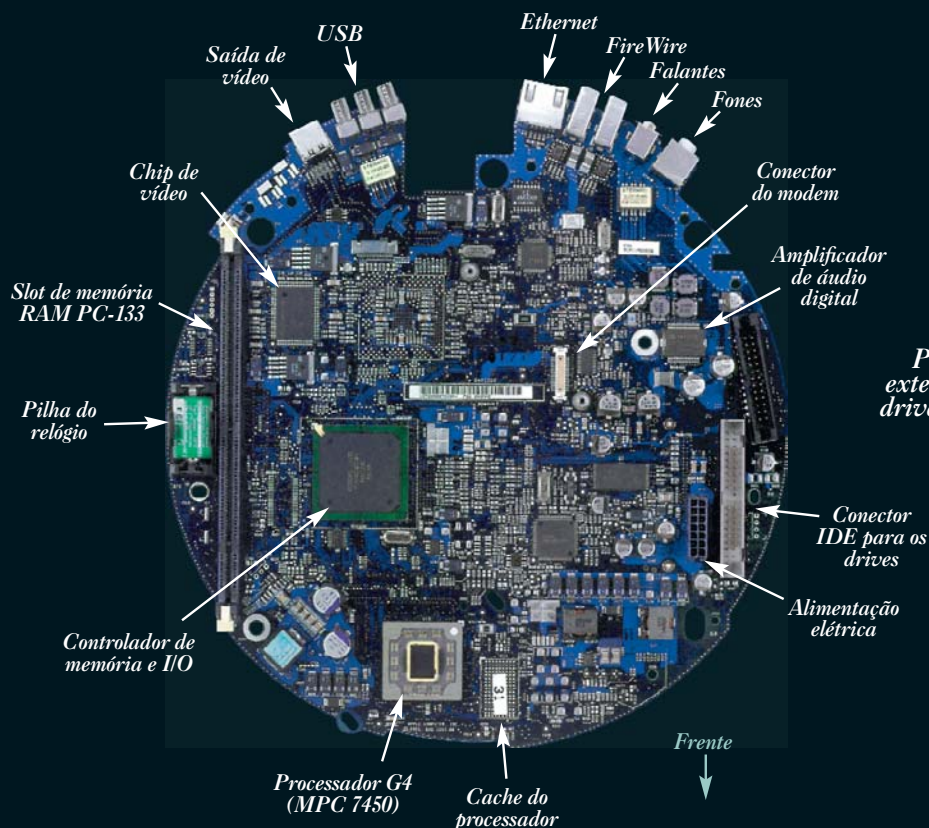
Braço biônico, tela brilhante

Porém, o que realmente chama a atenção no iMac G4 é o seu monitor de cristal líquido "flutuante". Na verdade, o monitor foi feito assim para atrair toda a atenção. Quando está trabalhando no iMac, você raramente vê a CPU hemisférica – a tela parece mesmo boiar no ar.

A simples idéia de colocar o monitor num braço articulado de aço é incrível. Os movimentos são suaves e precisos. Ele não balança, não cai e roda 180º para os lados e 90º na vertical. Além disso, a tela ainda se inclina para cima e para baixo, permitindo infinitas possibilidades de visualização. Todas as propagandas com o novo iMac ressaltam essa mobilidade. Pode-se ver o monitor subir, virar, desvirar, ir de um lado para o outro. Mas isso não é a mesma coisa que *pegar*. Não há como explicar. Tem que mexer para sentir a leveza e firmeza do "pescoço" de aço. Qualquer posição é boa. Os reflexos do ambiente deixam de ser um problema irritante, pois mover o monitor para evitá-los é demasiadamente fácil. Talvez só tenha faltado um modo de fazer com que o monitor recuasse quando abaixado quase ao nível do teclado; ao descê-lo, ele se aproxima mais de você e algumas vezes, sem querer, me vi tentando inutilmente recuar o monitor.

Infelizmente, como em todo e qualquer monitor LCD,

Como cabe tudo isso aí dentro?

A Apple fez o impossível para fazer a CPU inteira, com fonte de alimentação e tudo, caber numa base hemisférica que tem ainda menos área interna que o Cubo. A tampa inferior e um envoltório metálico interno formam a "gaiola de Faraday", que bloqueia as interferências de ondas de rádio. Na base fica a motherboard *circular e azul (isso mesmo!), com a maioria dos conectores e placas encaixados diretamente nela. Imediatamente acima, uma sub-estrutura de aço serve de apoio ao drive óptico – a circunferência do gabinete foi calculada exatamente para que esse drive coubesse dentro dela. Montado acima dele está o HD, em orientação transversal, e nos dois espaços que sobram ficam as duas metades da fonte de alimentação chaveada (que no Cubo era um módulo externo).*
O último "andar" é composto pela ventoinha silenciosa, de velocidade auto-regulada, que empurra o ar para cima através dos furos de respiração no topo. Acima e ao redor da ventoinha fica o suporte do braço articulado, e – talvez o toque mais refinado da construção – cinco cabos separados para o monitor atravessam esse suporte por dentro e se juntam na base do braço.
Esse primor de engenharia só é maculado pela bizarra implementação da memória RAM. O slot acessível para o usuário, por baixo da motherboard*, é para memória SO-DIMM (conhecida na Rua Santa Ifigênia como "memória de laptop"), muito mais cara que a memória PC-133 usada por todos os Macs de mesa recentes (e a imensa maioria dos PCs). Mas no lado superior da motherboard existe um banal slot de memória PC-133 – acessível somente para a assistência técnica. Ele vem de fábrica preenchido com um pente de 128 MB. Esse arranjo deve ter alguma lógica, mas ela nos escapa completamente.*

Sempre um bom design

A Apple, nos períodos com Steve Jobs no comando, sempre ofereceu facilidade de uso combinado a belo design.

Macintosh 128k 1984

O Mac original foi o segundo computador pessoal comercial a ter mouse e interface totalmente visual para os programas (o primeiro foi o Lisa, também da Apple). Compacto, fechado e exteriormente simples, ele era diferente de tudo que existia na sua época e influenciou decisivamente o desenvolvimento posterior do PC.

Color Classic 1993

O primeiro monobloco colorido, com jeito de cachorrinho. Não tem a mão de Steve (que estava fora da Apple), mas foi uma atualização digna do Mac original. Seu desempenho era fraco e a tela pequena, e ele não foi um grande sucesso, mas hoje é disputado a socos pelos colecionadores.

iMac 1998

Depois de 12 anos longe da Apple, Steve Jobs voltou e aproveitou para reconquistar a confiança de macmaníacos e converter pecezistas com um produto absolutamente matador. Sucesso total de design, copiado nas cores e nas formas por toda a indústria de eletrônicos.

iMac Rev. C e D 1999-2001

A segunda leva de iMacs trouxe mais cores, para combinar com cada macmaníaco. Ninguém na indústria de PCs tinha tido essa simples idéia antes.
O modelo SE inaugurou a era do Desktop Video em computadores domésticos.

Power Mac G4 Cube 2000

Supra-sumo do design, mas com problema de foco comercial; acabou fracassando. Serviu para mostrar que nem sempre a intuição do mago Steve está certa. Mas, em vez de teimar, como fazia no passado, ele aprendeu essa lição rapidinho.

iMac G4 2002

"Girassol", "abajur", "E.T." O primeiro computador que não parece um "computador". Se alguém duvidava que em Cupertino as pessoas "pensam diferente", ficou provado que na Apple tudo é possível. O novo iMac superou o modelo anterior e o Cubo em cada uma de suas qualidades, e ainda acrescentou outras.

Deslize: a gaveta do drive é preta

pode acontecer que um ou outro modelo tenha um ou mais pequenos pontos brancos na tela, os pixels "mortos" *(dead pixels)*. A Apple diz que é quase impossível um monitor LCD ser 100% sem defeito (no nosso teste demos sorte: nenhum ponto branco à vista) e não considera isso um defeito coberto pela garantia. Só se a quantidade de pixels mortos for como a de lápides no Cemitério da Quarta Parada.

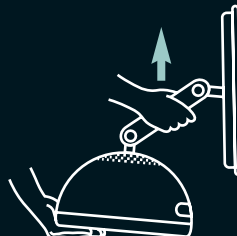
Um outro problema: a tela pende um pouco para o lado. Coisa pouca, mas pende. Não é uma sensação agradável ver o monitor meio tortinho. Principalmente num computador feito por uma empresa que se gaba de ter um ótimo controle de qualidade. Não são todos os iMacs que têm esse problema, mas, segundo a própria empresa, há um número considerável deles. Existe um artigo técnico, exclusivo para assistências, explicando como resolver o problema. Se o seu estiver assim, meio caidinho, leve-o para o conserto. Esse arranjo está na garantia.

Não é só a maçã cromada que brilha no novo iMac. O monitor LCD tem a mesma resolução do Apple Cinema Display de 15", mas a nitidez e o brilho são superiores. Fazendo uma comparação lado a lado, a tela do iMac leva a melhor. E com a vantagem de poder ser movimentada com mais facilidade.

Por falar em girar a tela, a moldura transparente que circunda o monitor é bem bolada, evitando tocá-lo com os dedos.

Um luxo a mais: o iMac vem com uma flanelinha cinza para limpar o monitor e o braço metálico e tirar as marcas de dedos. (É difícil evitar esse tipo de marca: afinal, todo mundo quer tocar no iMac o tempo todo!)

Assistir a um DVD no iMac G4 é uma experiência interessante, principalmente para pessoas que, como eu, ainda não têm um aparelho de DVD doméstico. Dá até para colocar o computador na sala e ver o filme sem atrapalhar a decoração. O monitor corresponde às expectativas e à exigência de brilho adicional da imagem

Como carregar seu iMac

A maneira correta é segurando pelo braço da tela, mas o truque para não deixar o danado cair no chão é colocar a outra mão embaixo da base.

Benchmark: iMac ou G4 torre?

Em poucos dias de teste num computador que levou dois anos para ficar pronto, deu para perceber que ele é um "super-computador doméstico". Mas não pense que o iMac G4 está de igual para igual com um Power Mac com o mesmo clock. É de se esperar uma diferença entre 10 a 20% entre os dois, devido ao bus (barramento) do iMac G4, que é de 100 MHz (contra 133 do G4 torre) e do backside cache, que nos G4 é de 2 MB e no iMac, 256 K. Ou seja, se a velocidade é fundamental para você, é bom pensar bastante na hora de optar por um ou outro.

	iMac G4 700 MHz 256 MB RAM		Power Mac G4 867 MHz 256 MB RAM	
	OS X	OS 9.2	OS X	OS 9.2
Startup	55s	65s	65s	65s
Copiar pasta com 100 MB	25s	42s	15s	18s
Deletar pasta com 100 MB	4s	10s	3s	4s
Sherlock (procura por um arquivo *.tif no HD de 60 GB)	30s	37s	14s	10s
Abrir o Adobe Illustrator 10	15s	15s	12s	9s
Abrir o ambiente Classic	45 s	–	25s	–

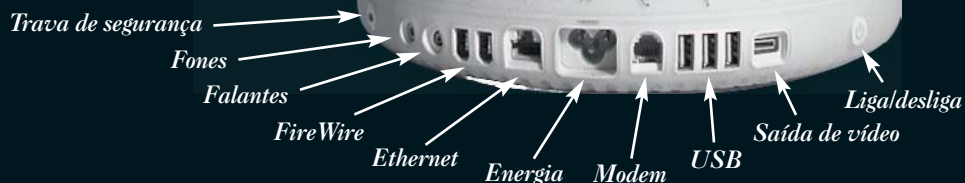
	iMac G4 700 MHz 256 MB RAM		Power Mac G4 867 MHz 256 MB RAM	
	OS X	OS 9.2	OS X	OS 9.2
iMovie Aplicar transição e render entre duas cenas (efeito com 4s)				
Cross Dissolve	31s	38s	25s	30s
Fade In	29s	35s	15s	18s
Scale Down	20s	36s	17s	26s
iTunes Ripar para 160 kbps a faixa 21 (duração 7:04) do CD One, The Beatles)				
	55 s	60 s	54s	55s
Logic Audio Platinum 4.7 (94 MB alocados, com um canal estéreo) número máximo de plug-ins iguais abertos sucessivamente				
	–	11s	–	13s

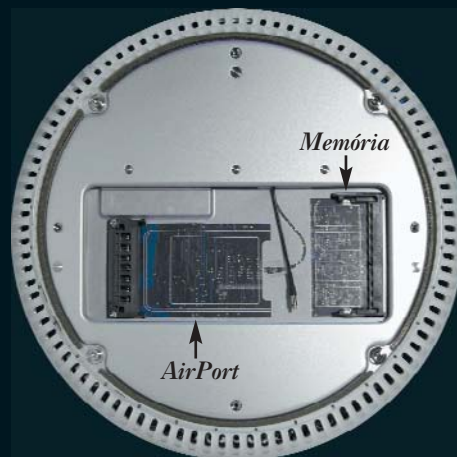
do DVD, e deixa o resultado incomparavelmente nítido. O processador aguenta muito bem o tranco e não deixa o filme soluçar em nenhum momento. Melhor que isso, só se o monitor fosse *widescreen*.

Processamento garantido

Tecnicamente, o iMac G4 é tudo que se espera dele: potente e rápido *(veja os benchmarks)*. Com o Mac OS X, então, ele fica beirando a perfeição, já que o sistema é sob medida para os processadores G4. Todos sabemos que o OS X funciona bem em Macs G3 (bastando ter muita RAM disponível), mas é com o chip mais potente que ele realmente mostra a que veio. Junte a isso a coleção de programas que a Apple dá de brinde e o pacote para o Hub Digital fica efetivamente completo.

Os três modelos de iMac quase não diferem no processador (G4 700 e G4 800); o que "pega" é o drive óptico. O iMac mais básico vem apenas com gravador de CD; o do meio, o famoso drive Combo, que grava e lê CDs e lê DVDs; e o topo de linha com o SuperDrive, que grava e lê CDs e DVDs. Além disso, o circuito de vídeo *onboard* nVIDIA GeForce 2 é realmente muito bom. Para tarefas básicas do dia-a-dia, que envolvem apenas ver imagens em 2D, ela é excelente; seu desempenho no DVD também é de se tirar o chapéu. Não tivemos tempo para testar a máquina com jogos 3D, onde real-

Girando a tela em relação à CPU, pode-se deixar os conectores para um lado e o drive de CD/DVD para o outro, facilitando o acesso

Bola de basquete
Diâmetro: 24,6 cm

iMac
Diâmetro: 27 cm

Parte acessível
pelo usuário

mente é a aceleração gráfica que manda. Ficamos devendo essa.

E o som? Apenas as duas versões mais parrudas vêm com as caixas de som redondas da Harman Kardon, semelhantes às que vinham com o G4 Cubo – um luxo que também tem uma ótima qualidade de som. Basta deixar o volume na metade para encher a sala com um som de boa qualidade (se colocar no máximo vai distorcer mesmo; não tem jeito). A Apple resolveu eliminar as capinhas protetoras de plástico que vinham na versão anterior, que pioravam horrivelmente o som. Mas quem comprar o iMac 700 com CD-RW (a versão mais barata) não precisa ficar chateado. Mesmo sem as caixinhas, o som do falante único interno é bem razoável. Para ouvir CDs ou MP3, está de bom tamanho e não faz feio na frente das visitas.

Fácil de usar, difícil de atualizar

O novo iMac, assim como o velho iMac, o G4 Cubo e todos os Macs tipo monobloco desde o modelo original, não foi feito para ser "upgradeado". As únicas alterações que você pode fazer com as próprias mãos são instalar uma placa de rede sem fio AirPort e aumentar a memória. E só. Trocar o HD ou a memória do segundo slot já requer desmontar a máquina, o que, devido à estonteante complexidade mecânica e questões de garantia, só deve ser feito em assistências técnicas autorizadas.

Mas por que tanta restrição a alterar o iMac? A resposta é simples: o iMac é um computador *doméstico*. Na concepção "jobsiana" do termo, significa que o usuário não deve se preocupar com o que tem dentro dele – apenas ligar e usar. Claro que, na vida real, as coisas não são bem assim. Repetindo uma situação já vista no passado com Performas e iMacs coloridos, muitos usuários profissionais no Brasil vão preferir comprar o iMac G4 em lugar do produto a eles destinado – o G4 torre. É um direito deles. Mas depois não venham reclamar que não conseguem trocar o HD! Por outro lado, para o usuário doméstico a que se destina, o iMac vai ser mais do que suficiente por vários anos.

Não é perfeito (ainda)

O novo iMac poderia ser perfeito. Sim, *poderia*. A decisão de colocar memória SO-DIMM na área "do usuário" em vez das tradicionais e mais baratas PC-133 é um problema, ainda mais com a escalada do preço da RAM em todo o mundo. Mas enfim, é o preço a se pagar pela portabilidade do design.

Outra coisa que irrita um pouco os usuários mais antigos é que o botão de força serve apenas para ligar o Mac ou colocá-lo para dormir. Para desligar o Mac, é preciso ir à barra de menu, o que, convenhamos, é um transtorno. Tudo bem que a concepção da Apple é que os Macs são computadores que não precisam ser desligados nunca, pois gastam pouca energia quando em *sleep*, mas não deixa de ser um retrocesso. Afinal, nos PowerBooks G4 Titanium mais novos, o botão de força também serve para desligar o portátil. Por que não no iMac?

É proibido restartar

E o botão de reset? Cadê o botão de reset? *Não tem botão de reset!* Já vimos esse filme antes, no iMac original. Só que desta vez é pior, pois não existe mais nem o furinho para o nefasto clipe de papel. Claro que agora

Escolha o seu iMac

Processador (MHz)	RAM (MB)	HD (GB)	Drive óptico	Preço (R$)*
G4 700	128	40	CD-RW	5.990
G4 700	256	40	Combo (CD-RW+DVD)	7.690
G4 800	256	60	SuperDrive (CD-RW+DVD-R)	8.990

Conexões – Três portas USB na base mais duas no teclado, duas portas fireWire, Ethernet, saída de vídeo VGA (apenas para espelhamento), modem interno 56 k V.90, pronto para AirPort.

Vídeo – nVIDIA GeForce 2 com 32 MB de VRAM, resolução máxima de 1024x768 a milhões de cores.

***Esses valores eram os vigentes durante o fechamento desta edição, pouco depois do anúncio feito por Jobs no Japão que os preços dos iMacs iam subir mais US$ 100. A Apple Brasil ainda não tinha definido se haveria o aumento e de quanto seria.**

temos o Mac OS X, muito menos propenso a travamentos e outras falhas catastróficas a que estávamos acostumados no sistema clássico. Se você não instalar nada muito fora do normal, pode nunca mais encarar um travamento do sistema. Mas, por mais que Seu Jobs teime, sabemos que no mundo real não existe sistema operacional que *jamais* trave.
E qual é a solução sugerida pela Apple no caso de ocorrer o raro infortúnio? *"Arranque o iMac da tomada"!*
Os engenheiros da Apple devem ter chegado à conclusão que a fonte do iMac segura bem esse tranco, sem danos para o equipamento. Mas convenhamos: até enfiar um clipe desdobrado num buraquinho é mais elegante do que isso.

O preço – ah, o preço!

Outro amargor do iMac, este bem brasileiro, é o preço. Por causa de todas aquelas coisas que já sabemos (custo do dólar, taxas de importação e outros aumentativos), o valor do iMac G4 de 800 MHz com SuperDrive (o objeto de desejo de qualquer macmaníaco) é simplesmente proibitivo: R$ 8.990 (isso antes do aumento determinado pela Apple americana).
Infelizmente, não pudemos testar o iMac de 800 MHz com o SuperDrive, que é na verdade "o" modelo matador. Mas o que dissemos na edição 93 a respeito da gravação de DVDs em um Power Mac 867 provavelmente vale para o novo iMac: o Disc Burn do Mac OS (tanto no OS 9 quanto no OS X) não é confiável para gravar DVDs de dados. Isso somente é possível com o Toast, da Roxio. (Para usar o iDVD, basta seguir o tutorial que demos na referida edição.)
Aliás, falando em iDVD, o iMac G4 800 não vem com o CD de instalação: apenas com o programa pré-instalado e nos discos de recuperação (Restore), o que não é muito prático. Para conseguir uma cópia do iDVD, você precisará desembolsar mais R$ 70 e encomendar o DVD do programa com a Apple Brasil.
Essas pentelhações circunstanciais são irritantes, mas não desmerecem o iMac G4 em si. Ele é um luxo, bonito e potente. Agora, é só esperar os outros fabricantes de computadores "correrem atrás do prejuízo" e tentarem copiar a Apple.
Mais uma vez. M

Sérgio Miranda
Teve que ser sedado quando levaram o iMac de volta, para evitar um escândalo.

Achou caro? Compre um PC!

Com o preço de R$ 8.990 para o modelo com SuperDrive, o iMac G4 é proibitivo para o mercado brasileiro. Será mesmo? Fomos ver quanto custaria um PC "de marca" com características técnicas equivalentes às do novo iMac, para ver se a Apple está mesmo tão fora da realidade assim. Acabamos descobrindo que os visitantes do nosso site que disseram que vão comprar um PC em vez do novo iMac só por causa do preço não sabem do que estão falando.

Enquete

Com o novo iMac chegando ao Brasil a um preço entre R$ 6 mil e R$ 9 mil, eu pretendo:

Opção	%
Comprar um PC	36,93%
Esperar um ano para ver se o preço baixa	29,90%
Comprar um iMac do modelo anterior ou usado	12,69%
Fazer um upgrade no meu Mac atual	10,93%
Procurar a revenda que parcela em mais vezes	6,03%
Comprar já o meu. Ele vale até mais que isso	3,52%

Compaq Presario Série 5000	iMac com SuperDrive
Pentium 4 de 1,6 GHz*	G4 de 800 MHz
256 MB RAM	256 MB RAM
HD 80 GB (opção base é 40 GB)	HD 60 GB
nVIDIA GeForce2 MX 32 MB	nVIDIA GeForce2 MX 32 MB
Modem de 56K	Modem de 56K
Bus do sistema de 133 MHz	Bus do sistema de 100 MHz
1 slot PCI livre	Nenhum slot PCI livre
4 portas USB, 1 paralela, 1 serial	3 portas USB, 2 FireWire
Ethernet 10/100	Ethernet 10/100
Peso: 11,6 kg (sem monitor)	Peso: 9,7 kg (com monitor)
Sistema operacional – Windows XP Home	Sistemas operacionais – Mac OS X e OS 9
Preço da CPU avulsa – R$ 4.480	–
Monitor LCD Samsung 151bm – R$ 2.040	Monitor – integrado; LCD de 15 polegadas
SuperDrive (em adição ao CD-RW) – R$ 1.800	SuperDrive – integrado
Caixas de som – R$ 212	Caixas de som – incluídas
Total da compra – R$ 8.532	Preço – R$ 8.990

*Segundo o Campo de Distorção da Realidade de Steve Jobs, cada MHz dos PowerPC G4 equivale a dois MHz dos Intel Pentium 4.
Fontes: Samsung, Compaq e Optical Memory

Breve, num Mac perto de você

Sites com filmes QuickTime de todo tipo, para todos os gostos

Quem não gosta de ver um filminho, ainda mais de graça? Se você tem um Mac e conexão de banda larga, pode se considerar abençoado. O QuickTime é o formato preferido de dez entre dez produtoras de cinema para mostrar seus trailers na Web. E ainda existem sites com filmes completos e até obras de grandes diretores como John Woo e Ang Lee espalhadas pela rede. Selecionamos uma lista heterogênea de sites com conteúdo em QuickTime para você se divertir. Pode pôr a pipoca no microondas!

QuickTime www.apple.com/quicktime

Além de ser o portão de entrada do quicktime-maníaco, o site da Apple tem os comerciais de TV da empresa (o do novo iMac é imperdível!) e trailers de lançamentos de filmes que ainda nem estrearam nos EUA e vão demorar um bocado para chegar aqui.

Tem também o QuickTime TV – um índice de canais como CNN, Bloomberg e Disney com conteúdo em *streaming*.
Em janeiro e junho, a visita a essa página é obrigatória. Nela você encontra o link para o show semestral que Mister Steven P. Jobs dá nas Macworld Expos de San Francisco e Nova York.

Pixar www.pixar.com

O site da outra empresa do tio Jobs é o lugar certo para quem gosta de animação. Lá estão os trailers e *outtakes* (cenas que "não deram certo") de "Monstros S.A.", "Toy Story" e "Vida de Inseto", além dos maravilhosos curtas produzidos pela Pixar, incluindo os vencedores do Oscar: "Geri's Game" *(abaixo)*, "For the Birds" (só um trecho) e "Luxo Jr." Para os que sonham em fazer animação, há um pequeno tutorial mostrando como a Pixar cria seus desenhos. Não são muitos vídeos, mas os que estão lá valem a pena.

AtomFilms www.atomfilms.com

Você acha filmes de todos os tipos no AtomFilms. A página é uma espécie de central de vídeos, que são divididos nas categorias de drama, comédia, desenhos etc. Mas as animações e curtas de comédia são o forte do site. A maioria dos vídeos é de produtores independentes. Pelo tamanho do AtomFilms, dá para perceber como tem gente neste mundo fazendo filmes para a Internet. O único problema do site é que nem todos os filmes são para QuickTime; alguns pedem Windows Media Player (que nem sempre funciona) ou RealPlayer (ainda inexistente para o Mac OS X).

BMW Films www.bmwfilms.com

Carros possantes em perseguições alucinantes ao estilo dos filmes de James Bond. A fábrica alemã convidou cinco diretores (Guy Ritchie, Ang Lee, John Woo, John Frankenheimer e Alejandro Iñarritu) para dirigir cinco curtas narrando as peripécias a bordo de carros da marca, dirigidos por um motorista (Clive Owen) com habilidades excepcionais. Uma mistura de propaganda e arte.
A qualidade visual é excelente; os roteiros, primorosos. Madonna participa do filme de Guy Ritchie, no papel dela mesma. De quebra, cinco curtas menores formam uma historinha paralela. Prepare seu modem e baixe as versões grandes (60 a 80 MB cada filme) pelo BMW Player, um tocador de QuickTime exclusivo da empresa. Quem pode, pode!

Naked News www.nakednews.com

Auto-denominado "o programa sem nada para esconder". Você já deve ter ouvido falar desse noticiário em que as apresentadoras tiram a roupa enquanto lêem as notícias. Sim, é o Naked News. Não há muito o que falar: apenas que certamente você não irá se concentrar muito nas notícias e, sim, nas apresentadoras. Até porque o seu inglês tem que estar bem afiado para entender o que elas falam. Um clone brasileiro (Nuticia.com) chegou a existir, mas sumiu. Além do invejável time de âncoras fêmeas, agora há também homens se despindo.
O site é assinado, custa US$ 9,95 por mês, mas dá para assistir a algumas manchetes de graça. Afinal, quem lê tanta notícia?

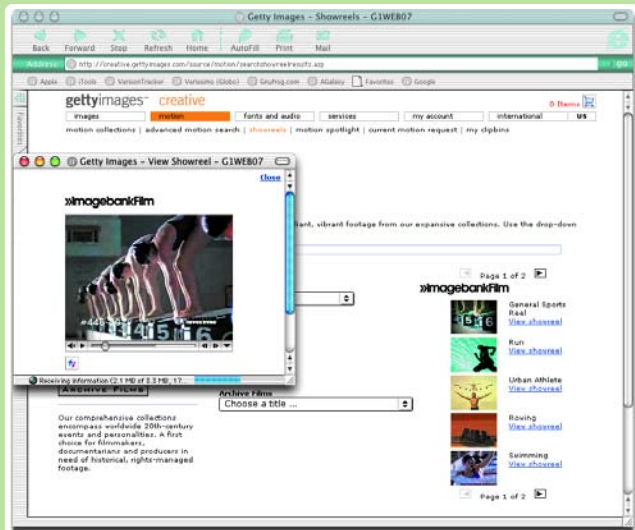
PEPA Filmes www.pepafilmes.com.br

Um bando de colegas de vizinhança do Rio de Janeiro se juntou e criou a PEPA, uma produtora de filmes *trash* para a Internet. Ao todo eles já fizeram mais de 80 vídeos.
Os figurinos são as próprias roupas da molecada e os cenários são as casas e ruas da cidade. Os roteiros são cheios de mortes, tiros e explosões. Não é um primor de cinema, mas os resultados são hilariantes. Destaque para os efeitos especiais, que misturam o que há de mais *trash* com tudo que a tecnologia digital pode oferecer. Os vídeos estão em MPEG, mas podem ser tranquilamente vistos no QuickTime Player. Além disso, há uma lista de links para os amantes do mundo *trash*.

iFilm www.ifilm.com

Clássicos do *Web cinema* como "George Lucas in Love" e "405: The Movie" foram lançados pelo iFilm e ganharam fama mundial. Há filmes sobre qualquer assunto, de todos os estilos, pretensões e formatos. A ferramenta de procura é de babar. Boa velocidade de download, mesmo para arquivos bem grandes. A única coisa chata é que antes de todos os filmes passa um trailer. Como os trailers disponíveis são poucos, eles ficam se repetindo.

Getty Images http://creative.gettyimages.com

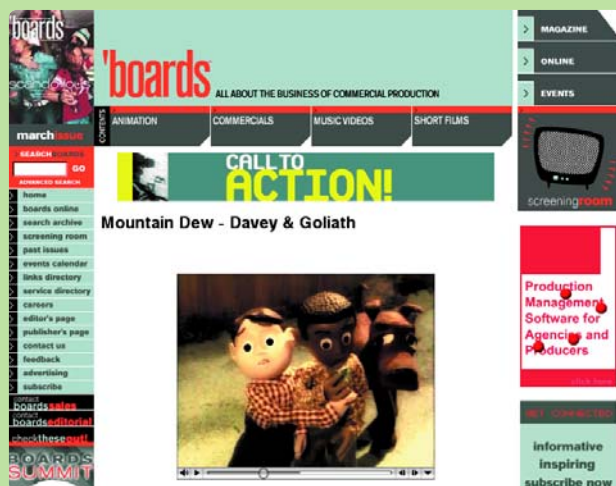
Se você precisa de uma cena com crianças brincando no parque ou da imagem da chegada do primeiro homem à Lua, vá ao Getty Images. É um banco de fotos e vídeos de todos os tipos de situações – os famosos "curingas". O que mais impressiona é o banco de filmes sobre os momentos históricos do século 20. Para pegar as imagens em alta resolução, é preciso pagar; as em baixa, basta ter o QuickTime Pro.

Acme Filmworks www.acmefilmworks.net

É o site da empresa de animação Acme Filmworks (não, não é aquela firma que faz tudo nos desenhos da Warner). A coleção de desenhos não é muito extensa, contendo a filmografia de 12 diretores. Os filmes se resumem a alguns curtas e comerciais que certamente não são para crianças. Eles têm um viés surrealista, com trilhas sonoras lentas e personagens de todas as estirpes. Vale pela qualidade e inteligência dos roteiros.

Trailervision www.trailervision.com

Prolífico site de humor que produz trailers de filmes fictícios. Os favoritos do público incluem o hilariante "Kung Fu Jesus" *(ao lado)*, misturando piadas religiosas baratas com clichês de filme chinês de artes marciais; "Santa Claus Is Coming to Town", no qual o Papai Noel é um maníaco assassino; "You've Got Hell", uma paródia de "Matrix" em que o vilão é a AOL; e assim por diante. As piadas nem sempre têm graça, os efeitos de vídeo são toscos de propósito, a montagem é confusa, o som uma podreira e o elenco limitado, mas o importante é não perder a piada.

'Boards www.boardsmag.com/screeningroom

Publicação especializada nos negócios relativos à produção de comerciais e de publicidade americana. Aqui estão os comerciais, videoclipes, curtas e animações comentados na revista.

Vale a pena dar uma olhada

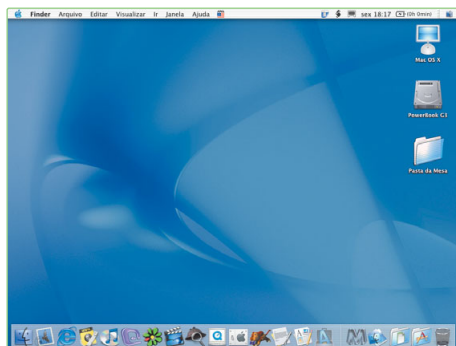
Aardman www.aardman.com
Britshorts www.britshorts.com
Coming Soon! http://comingsoon.net
FreestyleCollective www.freestylecollective.com
Fuel www.fueldesign.com
Hollywood.com www.hollywood.com
IGN.com www.ign.com
Internet Archive www.archive.org/movies
Lobo www.lobo.cx
Logan www.hellologan.com
MK12 www.mk12.com
Passion Pictures www.passion-pictures.com
Reelworks www.reelworks.com
Renegade Cartoons www.renegadecartoons.com
State www.statedesign.com
Static 2358 www.static.co.uk
Studioaka www.studioaka.co.uk
The New Venue http://newvenue.com

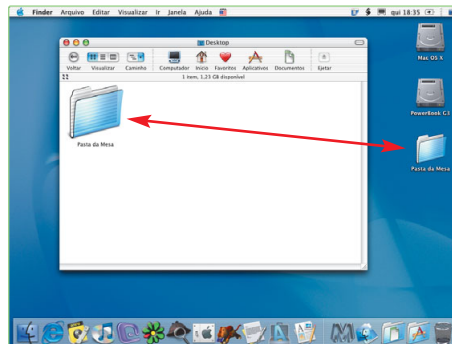
Zen e a arte de navegar no OS X

Como se encontrar no sistema operacional do futuro

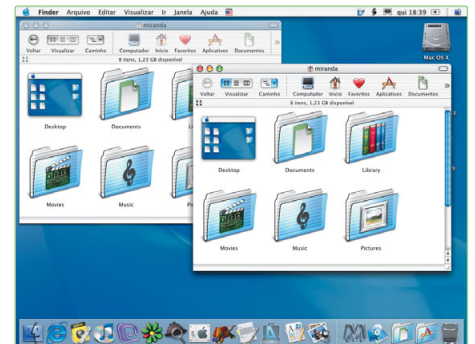
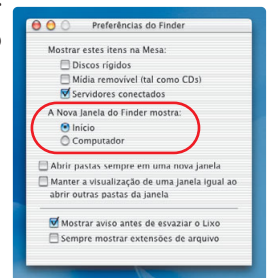
Este é um Bê-A-Bá diferente: vale tanto para pokaprátikas (novatos) como para os macmaníacos mais antigos. A idéia é ensinar as novas maneiras de navegar no Finder do Mac OS X. O sistema operacional do novo milênio foi uma mudança tão radical que mesmo os macmaníacos de longa data são pegos de surpresa por novidades.
Por um lado, o Mac OS X é uma bênção, com um novo modo de visualização por colunas, Desfazer (Undo) para ações do Finder e atalhos de teclado para quase tudo. Por outro, ele trouxe coisas que irritam muito os que estavam acostumados ao velho mundo, como o atalho de teclado ⌘Shift N para criar pastas (em vez do tradicional ⌘N) e as janelas dos aplicativos em ordem misturada (você clica em uma janela de um programa e apenas ela vem para a frente, permanecendo as outras atrás).
Como não gostamos de ver ninguém triste, seja pokaprátika ou não, reunimos vários colaboradores da Macmania para encontrar a transição mais tranquila.

No início era o desktop

Ao entrar no OS X pela primeira vez, tudo que você vê é o desktop (mesa) azul, o Dock e o ícone do HD. Tudo muito *clean.* Zen!

Para abrir uma janela, você tem duas opções: ou duplo-clica no ícone do HD (que vai mostrar o que há dentro dele, como no OS clássico), ou digita ⌘N. Isso fará aparecer uma janela onde você verá seu HD (de novo!) e um ícone chamado Network. Aqui começam as diferenças do X.

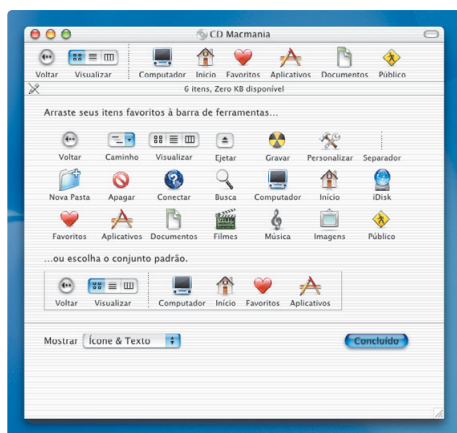
A Apple fez um ótimo trabalho para deixar a estrutura de arquivos do Mac OS X (baseada em Unix) semelhante à do Mac OS clássico. Mesmo assim, algumas coisas podem parecer estranhas à primeira vista. A metáfora da Mesa de Trabalho (Desktop), por exemplo. Desde os primórdios do Macintosh até o OS 9, essa "mesa" era um lugar à parte da hierarquia do sistema de arquivos. Ela era a base de tudo: ali repousavam seus HDs, discos removíveis e a lata de lixo, além dos documentos, pastas e atalhos *(aliases)* de uso mais imediato ou que você tinha preguiça de arrumar.
No Mac OS X, se você abrir a pasta Desktop que fica dentro da sua pasta de usuário (a Home ou Início), verá os mesmos itens que estão na mesa – exceto o HD e os discos removíveis.

No Mac OS clássico, você jamais veria duas janelas do Finder com conteúdos repetidos – muito menos repetidos parcialmente. *Desktop* e *desktop* deixam de ser a mesma coisa!
Além disso, o Mac OS X é um sistema multiusuário. O desktop do Mac OS clássico era compartilhado por todos os usuários. No OS X, cada usuário tem uma pasta Home e, consequentemente, *seu próprio* desktop, totalmente independente dos demais. Você pode arrumar o seu desktop como bem entender, espalhando documentos, pastas e atalhos por todo lado, que isso não vai afetar o desktop de nenhuma outra pessoa que usar o seu Mac.
Você ainda pode acessar a Pasta da Mesa (Desktop Folder) do Mac OS 9, abrindo o atalho de mesmo nome que fica no desktop do OS X. É uma gambiarra para o período de transição. Não jogue fora esse atalho: ele é o único caminho para o desktop antigo dentro do sistema novo, pois o Desktop Folder é (como sempre foi) invisível nas listas do Finder.

Janela x janelas

Ver seu desktop dentro de uma pasta ou o mesmo arquivo em várias janelas diferentes pode parecer confuso a princípio, mas logo você se acostuma. O importante é ter em mente a mudança de paradigma entre os dois sistemas e aproveitar as novas possibilidades de navegação que ela cria. O Mac OS clássico, com seu sistema de janela única para cada pasta e várias janelas sobrepostas, é mais intuitivo, mas contraproducente quando você tem dezenas de gigabytes e milhares de arquivos no seu disco. O OS X, com sua navegação por janela única e possibilidade de várias visões simultâneas do mesmo objeto, é bem prático.
Você pode escolher nas preferências do Finder (Finder ▸ Preferências) que toda nova janela aberta mostre a pasta Início (Home), a sua pasta de usuário:

O padrão original do sistema é abrir a janela Computador (Computer), que mostra o HD e as mídias removíveis. Além dos discos, essa janela mostra um ícone chamado Network. Esse é uma daquelas "sujeiras" do Unix que a Apple não conseguiu esconder. Ele só serve para quem está dentro de uma rede local com servidor Apple; portanto, você pode ignorá-lo.

Vamos navegar

Novamente, você terá duas opções de navegação: sair duplo-clicando nos ícones, como no velho sistema, ou utilizar a nova e superfuncional barra de ícones (ou "ferramentas", como quer a Apple) no topo das janelas do Finder.

Chupada dos navegadores de Internet, ela serve como depósito de atalhos para os programas e pastas mais utilizados. Ela é personalizável: você escolhe as funções e atalhos que quer colocar. Se quiser, pode até colocar lá o ícone do Lixo ou um botão para ejetar discos. Pastas de programas, de músicas, filmes ou outros documentos caem bem nessa barra.
O atalho mais importante da barra de ícones, com certeza, é a pasta Início (Home). Nela você vai encontrar pastas para todos os tipos de arquivos (documentos, músicas, filmes e imagens), além da sua pasta pública e da sua mesa particular. Para incluir um item na barra de ícones, segure [Option] e arraste-o para o lugar na barra onde você quer que o ícone fique. Para eliminar um item, arraste-o para fora da barra. Para ter acesso a uma variedade de opções adicionais, peça Visualizar ▸ Configurar Barra de Ferramentas (View ▸ Customize Toolbar).

Não é problema, é solução

Mas será que não posso mais guardar as minhas coisas onde eu quiser?
Pode, é claro. Mas a vantagem da pasta Início é justamente organizar a sua vida digital. Além disso, como o Mac OS X é um sistema multiusuário, o quesito segurança se torna muito importante. Se alguma outra pessoa "loga" no mesmo Mac que você, ela não terá acesso ao conteúdo dessa pasta e de suas subpastas, evitando qualquer acidente de percurso, como deletar arquivos por engano ou modificar textos importantes sem o seu conhecimento. Você pode criar dentro da sua pasta Início pastas novas com seus trabalhos, com a vantagem de que ninguém além de você poderá mexer nelas.

Clicando no seu HD

Antigamente, abrir várias pastas e subpastas significava ficar com a tela repleta de janelas escondendo umas às outras. O jeito era abrir uma janela segurando [Option] para fechar a ▸

Nem tudo é perfeito

O Mac OS X está longe de ser um sistema perfeito; afinal, ele tem apenas um ano de vida. Mas a Apple agradaria muita gente se resolvesse alguns probleminhas rapidamente:

- **Colunas partidas** – Quando se salta de uma coluna para outra, a primeira à esquerda algumas vezes fica escondida pela metade (ou menos), atrapalhando a visualização e impossibilitando a navegação. Um sistema de "grudar" *(snap)* na janela para fazer as colunas sempre aparecerem completas resolveria isso. Um paliativo é abrir as janelas sempre com três ou mais colunas.
- **Labels** – Você só percebe o quanto é importante um sistema de classificação ortogonal quando o perde.
- **Janelas sem memória** – Às vezes, você arruma os ícones de uma janela com todo o carinho e ao voltar depois, tudo está fora do lugar. Altamente irritante. Uma explicação para isso pode ser a decisão, tomada pela equipe de desenvolvimento do Mac OS X, de permitir múltiplas visões da mesma pasta. O único jeito de evitar conflitos é não guardar as posições dos ícones, para evitar a perda de performance do computador tentando sincronizar os movimentos em todas as pastas. Há uma maneira de contornar isso. Nas preferências do Finder, escolha a opção "Manter a visualização de uma janela igual ao abrir outras pastas da janela". Assim, se abrir uma janela no modo de lista, por exemplo, ao clicar duas vezes numa pasta a nova janela também estará por lista. Não é a mesma coisa, mas ajuda.
- **Janelas independentes** – Custava incluir uma preferência para que todas as janelas de um programa venham para a frente quando uma delas é clicada? Bom... o X-Assist resolve a parada *(ver box na próxima página)*.

O que você perde ao migrar para o OS X...

Veja o que tinha no Mac OS 9 e não tem mais no OS X, e seus substitutos diretos e indiretos:

- **Pastas automáticas (Spring-Loaded Folders)** – O modo de visão por colunas é um substituto aproximado para esse método de navegar e jogar itens dentro de subpastas.
- **Janelas Pop-up (Pop-up Windows)** – Aquela abinha na beirada inferior da tela não tem similar no OS X. Uma janela minimizada no Dock é parecida, mas não é a mesma coisa.
- **Minimizar janelas (WindowShade)** – Tem um equivalente funcional no Dock, mas também não é a mesma coisa.
- **[⌘][N] para criar nova pasta** – [⌘][Shift][N] é o atalho para criar pastas. Ele funciona no OS 9 também: use-o sempre para se acostumar.
- **Lixo na mesa** – O Lixo no Dock não é a mesma coisa. Escondendo o Dock, restam os atalhos de teclado [⌘][Delete] para mover itens para o Lixo e [⌘][Shift][Delete] para apagar definitivamente o entulho do HD.
- **Visualização por botões** – Não tem similar. Ícones grandes não são a mesma coisa, pois os botões abriam com um clique só. Mas o modo de colunas também é baseado em um clique só.
- **Menu contextual** – Ainda existe, mas não é mais o mesmo. Poucas funções e praticidade quase nula. Mas está melhorando aos poucos.
- **Etiquetas (Labels)** – Não tem e não permite ver as aplicadas no sistema clássico. Uma gambiarra é usar o modo de visualização por lista e anexar comentários aos arquivos.
- **Barra de Controle (Control Strip)** – *Docklings* (programinhas que residem no Dock) e scripts na barra de menu substituem a maior parte das funções da barrinha.

...e o que você ganha

- **Desfazer (Undo)** – Você só dá valor a esse comando quando perde alguma coisa importante. Um dos melhores avanços do Mac OS X.
- **Voltar (Back)** – Botão na barra de ícones que ajuda na navegação do Finder, já que o padrão do sistema é o método de navegação em janela única. E todo mundo já treinou o comando nos browsers da Web.
- **Dock** – Dá para fazer de tudo com o Dock: abrir programas, guardar atalhos de pastas e de rede (inclusive de Internet)... É também onde está o Lixo.
- **Barra de Ícones** – Pode ser um atalho interessante para pastas e funções. É personalizável. Para ver a Barra de Estado (que mostra informações de espaço livre no disco e quantidade de itens/espaço ocupado por uma pasta), é preciso escolher essa opção no menu Visualizar (View).

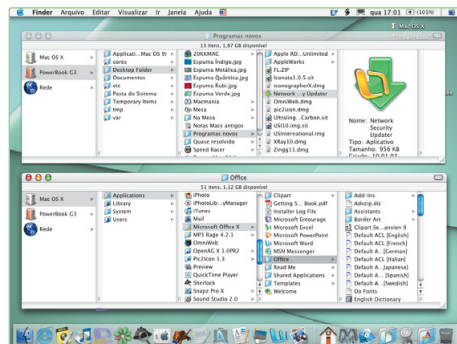
anterior. No Mac OS X, isso mudou. O conceito de navegação em janela única pode confundir os usuários mais antigos, mas com estas dicas você logo logo vai estar surfando o X como um legítimo havaiano:

- Clique segurando ⌘ para abrir uma pasta em uma nova janela.
- Use e abuse do botão Voltar (Back) para retornar a uma pasta anteriormente aberta.
- Quer sumir com a barra de ferramentas e utilizar a navegação por várias janelas, como no OS 9? *No problemo*: é só clicar nesse botão branco que fica no canto superior direito da janela.

Espada Justiceira, dê-me a visão por colunas

A visão do Finder por colunas é, sem dúvida, o meio mais rápido para passear pelos discos, com agilidade na visualização e movimentação e a vantagem de mostrar *previews* de fotos, filmes QuickTime, músicas em MP3 e alguns tipos de textos.

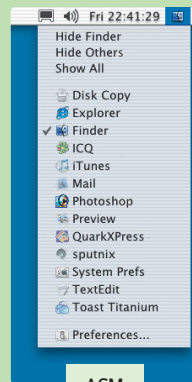
Saiba os truques para navegar pelos arquivos e pastas usando o teclado:

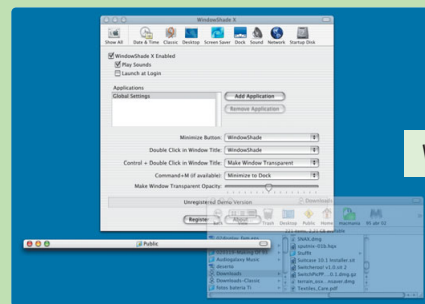
- Teclar a primeira letra do item faz pular para ele.
- Use as setas horizontais (← →) para pular entre as colunas. Combinando-as com as setas verticais (↑ ↓), é possível passear por todo o conteúdo visível dos discos só pelo teclado.
- Também é possível pular de uma coluna para outra usando [Tab] (ir para frente) ou [Shift][Tab] (voltar).
- Para renomear, tecle [Return] ou [Enter] com o item selecionado. Tecle ↑ para pular para o início do nome e ↓ para ir ao final; [Esc] abandona e [Return] confirma a mudança.
- Duas janelas navegam melhor do que uma. Abrindo duas janelas esticadas em visão por colunas e não sobrepostas, você consegue mover qualquer coisa para qualquer lugar.

- Arraste lateralmente um dos botões de redimensionamento de coluna para alterar a largura de todas elas ao mesmo tempo.

Volta ao passado

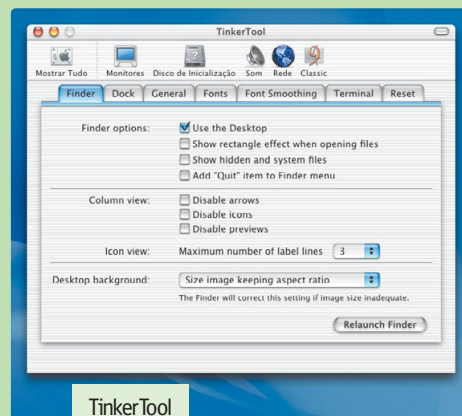
Se você não quer ficar de fora da revolução do OS X, mas não conseguiu se livrar de vários vícios de "navegabilidade" herdados do sistema clássico, estes programas são para você *(mais detalhes sobre eles na edição 93)*. Agora, se nenhum deles "consertou" os problemas que você vê no Mac OS X, não se desespere: a quantidade de desenvolvedores dedicados ao OS X já é tão grande que logo deverá aparecer a exata solução que você precisa.

- **Classic Menu** – Troca o Menu Apple do sistema por um outro totalmente configurável através de atalhos, como o menu Apple clássico. O menu pode ser instalado e desinstalado a qualquer momento, sem precisar reiniciar nada.

Classic Menu

- **ASM** – Sigla de "Application Switcher Menu". Restaura o menu de aplicativos, no canto direito da barra de menu.
- **WindowShade X** – Recupera o recurso tradicional para minimizar janelas, sem desativar a minimização normal e com um truque extra: as janelas também podem ficar transparentes.

ASM

- **Snard** – Cria um menu muito parecido com o Menu Apple, mas com funções adicionais, como permitir abrir um programa como administrador, e muito bem organizado. Existe em duas versões: para a barra de menu e para o Dock.
- **X-Assist** – Recupera o menu de aplicativos, como o ASM, mas também acumula as funções do menu Apple antigo e ainda pode fazer com que todas as janelas de cada programa venham juntas à frente, como no Mac OS clássico.

WindowShade X

- **TinkerTool** – Adiciona um painel de preferências com uma enorme variedade de opções que normalmente não são oferecidas pelo sistema, como mostrar os itens invisíveis, desligar o *anti-aliasing* das fontes dos menus e controlar as setas de rolagem.

TinkerTool

Snard

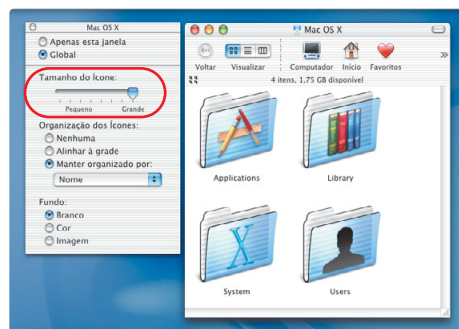
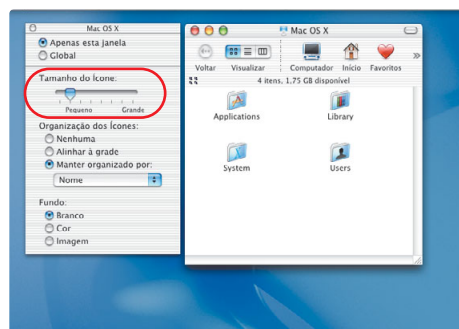
- **DragThing** – Vários docks para várias utilizações. Aparência e funcionamento totalmente personalizáveis; funciona no Mac OS 9 e também no OS X. Um clássico há gerações.

Todos esses programas podem ser achados pelo VersionTracker (www.ersiontracker.com).

• Arraste um botão de redimensionamento de coluna segurando a tecla [Option] para mudar apenas a largura da coluna respectiva. Esse truque é especialmente útil para aumentar o tamanho de um preview de filme QuickTime no Finder sem afetar a janela inteira.

Ícone do grande ou do maior?

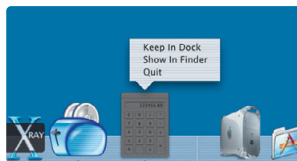
Quando começaram a surgir as primeiras telas do Mac OS X na mídia especializada, muita gente teve um susto com o tamanhão dos ícones. Sem motivo real, já que o tamanho é totalmente ajustável.

Tecle [⌘][J] para chamar a caixa de preferências de janela. Escolha a opção certa: "Apenas esta janela" (This Window Only) ou "Global" (todas as janelas). Aí, é só deslizar o controle de tamanho de ícone. As demais opções são as mesmas do painel Opções de Visualização (View Options) do Finder clássico, exceto pela ausência dos Labels. O modo de lista é mais limitado, permitindo optar apenas por ícones pequenos ou minúsculos, e a de colunas não tem nenhuma opção, ao menos por enquanto.

Onde guardar os atalhos?

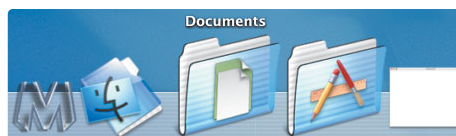
Além do desktop e da Barra de Ferramentas, o Mac OS X traz outro lugar onde você pode guardar atalhos para suas pastas e programas: o Dock. A combinação dos três atende às necessidades da maioria dos usuários que querem ter tudo ao alcance de um clique (ou, no máximo, dois).

Eis a regra básica: guarde os atalhos de programas no Dock e os de pastas muito utilizadas na barra de ferramentas. Ambos podem ser personalizados muito facilmente.

Para colocar um item no Dock, arraste-o para ele; para manter no Dock um ícone de um programa mesmo depois de fechado, clique-o com [Control] e escolha no menu a opção Manter no Dock (Keep in Dock).

Um problema do Dock é que quando você coloca coisas demais nele, o espaço vai ficando reduzido, atrapalhando a visualização. Até mesmo arrastar um documento para o ícone de um programa vira uma tarefa difícil. Por isso, é preciso racionalizar a quantidade de itens guardados no Dock. E não esqueça que os programas ativos sempre aparecem nele.

Por sua vez, a desvantagem da barra de ferramentas para o Dock é que para clicar em um item necessariamente você terá que ter uma janela do Finder aberta. O Dock, por outro lado, é visível de qualquer programa.

E atalhos na mesa, pode?

Claro que pode. Eles funcionam normalmente. Você pode juntar os seus atalhos mais usados em uma pasta e jogá-la no Dock. Os itens aparecerão no menu do ícone – muito prático!

A pasta Applications, por exemplo, não pode faltar no seu Dock. E se o Dock e a barra do Finder ainda não forem suficientes para saciar sua sanha de organização, o jeito é instalar outro lançador, como o DragThing *(ver box)*.

Dock lateral

Se o Dock estiver atrapalhando, você pode mudá-lo de lugar. O truque consiste em segurar a tecla [Shift] e arrastar para um dos lados a extremidade da barrinha branca que separa os programas dos demais itens. O Dock pulará para a lateral desejada.

SÉRGIO MIRANDA e HEINAR MARACY

Bibliotecas de música de 9 e X

Se você vive pulando do Mac OS 9 para o Mac OS X e tem uma biblioteca *(library)* de músicas do iTunes em cada um dos sistemas, há uma maneira de sincronizar as duas para não ter dor de cabeça na hora de escutar aquela canção preferida que você não lembra em qual dos dois está.

Nas preferências, clique na aba Avançado e depois em Alterar a Pasta de Música. Escolha a pasta com os arquivos de MP3 do iTunes do OS 9. Agora, não importa qual sistema você use, as músicas mostradas serão sempre as mesmas.

Tirando os idiomas indesejáveis

Quer economizar espaço em disco, apagando algum programa do OS X? Tente esta dica:

• Clique em um programa (iTunes, por exemplo) com a tecla Control pressionada e no menu contextual escolha Mostrar Conteúdo do Pacote (Show Package Contents).

• Abra a pasta Content Resources e procure o programa.

• Dê Mostrar Informações ⌘I e no menu pop-up escolha Idiomas (Languages). Você vai ver uma relação completa de todas os idiomas disponíveis para aquele programa. Para remover, basta clicar no idioma e depois no botão Remover (clicar na caixinha ao lado do nome apenas o torna inativo, sem apagá-lo).

• Se quiser *adicionar* um pacote de idiomas (são as pastas com a extensão .lproj), clique no botão Adicionar. Cuidado: não há uma caixa de confirmação para deletar os idiomas; portanto, tenha cuidado. Mas ⌘Z conserta esse tipo de descuido.

Foto meio P&B, meio colorida

Da série "Dicas Inúteis mas Legais": no iPhoto, pelo botão Editar é possível transformar uma foto colorida em preto e branco. Mas se você selecionar uma parte dela e clicar no efeito, só a parte marcada ficará sem cor. Por enquanto, só dá para fazer quadrados e retângulos com isso.

Num piscar de teclas

No iPhoto, se você arrasta alguma imagem para o painel lateral, ele automaticamente cria um álbum. Até aí, tudo bem. Mas se você arrastar com a tecla Option pressionada, ele já cria um livro com as fotos, sem necessidade de clicar em mais nenhum botão.

Captura via Clipboard

Normalmente, para se "fotografar" a tela são usados os comandos ⌘Shift3 (tela inteira), ⌘Shift 4 (área específica) e ⌘ShiftCaps Lock4 (janela específica). A imagem se transforma num arquivo PICT (TIFF, no Mac OS X) que é salvo automaticamente no HD. Se você preferir, porém, pode simplesmente capturar a "foto" para a área de transferência e depois para um editor de imagens, usando o atalho ⌘ShiftControl3 (ou ⌘ShiftControl4). O som da "máquina fotográfica" fica mais seco.

Marcelus G. Zalotti magiozal@uol.com.br

Mande sua dica para a seção **Simpatips**. Se ela for aprovada e publicada, você receberá uma exclusiva camiseta da Macmania.

N dúvidas sobre o X

"Não estou entendendo nada!"

Pergunta: **Sou usuário recente do OS X e tenho várias dúvidas: 1) Como se faz para passar a lista de músicas do iTunes 2 do OS 9 para o iTunes do OS X? 2) Dá para transferir os favoritos (bookmarks) do Internet Explorer para o OmniWeb? 3) Não consigo achar o AppleTalk no OS X; já tentei selecioná-lo no menu "Go/Connect to sever" (Ir/Conectar ao servidor). A opção de AppleTalk não aparece no "chooser". Só aparece uma tal de Local Network. E ao selecioná-la, não aparece nada. 4) Não sei porque os ícones das minhas imagens (fotos) não aparecem em formato semelhante ao do OS 9. Aparecem minúsculos. Não tem como visualizá-los. 5) Qual a diferença da pasta "Applications" para a outra pasta "Applications (Mac OS 9)"? Em uma delas eu só devo colocar os atalhos? Ou ponho tudo junto? E a pasta "Home"? Seria uma pasta personalizada, para se colocar tudo o que se tem? Semelhante ao que já é comumente feito em pastas como Documents?**

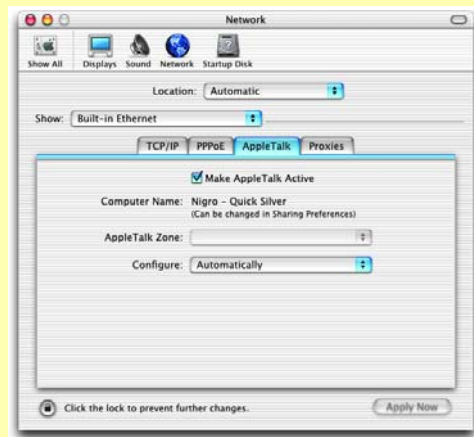
Samuel Sabino (Samuca) sammuca2@hotmail.com

Resposta: 1) Para ter uma biblioteca (library) de músicas do iTunes unificada nos dois sistemas, basta ir ao menu iTunes ▸ Preferências, clicar na aba Avançado e depois em Alterar a pasta de Música. Escolha a sua pasta com os arquivos de MP3 do iTunes do 9.

Pronto, não importa qual sistema, foi usar as músicas serão sempre as mesmas.

2) É bico. O primeiro passo é exportar os seus favoritos (que nada mais são do que uma página em HTML).

Vá ao menu Window e escolha Favorites. Depois, no menu File, clique em Export Favorites e salve o arquivo. No OmniWeb, no menu Bookmarks ▸ Edit Bookmarks ▸ Import Bookmarks, escolha o arquivo HTML dos seus favoritos e pronto.

3) Antes de encontrar a opção AppleTalk, é preciso habilitá-la. Em Preferências do Sistema, clique em Rede e depois no menu pop-up Mostrar (Show); escolha Ethernet integrada (Ethernet built-in). Na aba AppleTalk, clique em Ativar AppleTalk (Make AppleTalk active).

4) Não adianta. Nem no Photoshop 7 (Beta) a Adobe aprendeu a fazer ícones decentes no OS X. Mas não se preocupe: existe um programa que cria ícones com preview de imagem perfeitos no Mac OS X, o Pic2Icon. Ele é freeware e pode ser baixado do site www.versiontracker.com.

5) Bem, para organizar a transição do Mac OS 9 para o OS X, a Apple decidiu reorganizar as pastas do disco rígido. Por isso, na pasta Applications (Mac OS 9) vão todos os programas para serem usados no sistema clássico, enquanto que na pasta Applications estão armazenados os aplicativos nativos para o OS X, assim, o macmaníaco não iria confundir uma com a outra. A pasta Home (Início) é a sua pasta de usuário, o lugar onde ficam seus documentos (ou, pelo menos, onde deveriam ficar) e personalizações (preferências e fontes, por exemplo) que você tiver. Cada usuário que usar o mesmo Mac terá uma pasta Home diferente e não terá acesso às outras.

Problemas de bateria

"Meu PowerBook G4 tem bateria bamba"

Pergunta: **Isso já aconteceu várias vezes: eu levanto meu PowerBook G4 (atenção: ele está dormindo e não está ligado na tomada) e o danado desliga na minha cara sem qualquer cerimônia. O que está acontecendo? O que devo fazer? Toda vez tenho que acertar o relógio, meu disco de inicialização e um monte de outras coisas.**

Markus Karlus de Araujo - São Paulo

Resposta: Isso acontece apenas nos primeiros modelos de PB Titanium que foram lançados. Eles tinham uma folga entre a bateria e o case do PowerBook, que quando levantado apenas com uma mão, provoca uma falha e o PB, quando não está ligado à tomada, desliga repentinamente. Isso faz o Mac perder alguns ajustes armazenados na PRAM, o que também pode acontecer quando se tenta trocar a bateria com o computador dormindo e não conectado à fonte de força. A Apple resolveu rapidamente o problema, colocando uma bateria maior nos PowerBooks mais recentes. As assistências técnicas autorizadas Apple consertam esse problema rapidamente, mas você pode também solicitar uma troca da bateria. Um colaborador nosso, Carlos Gatto, resolveu por conta própria, comprando uma borrachinha autocolante em uma loja de material de construção e consertando o problema. Veja foto acima.

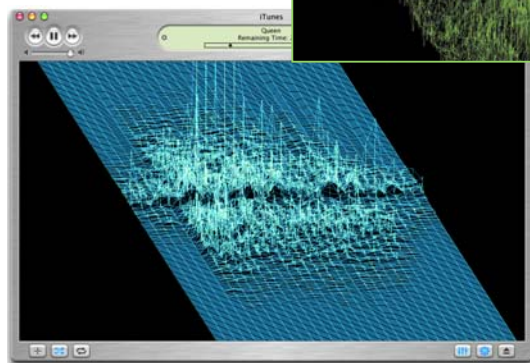
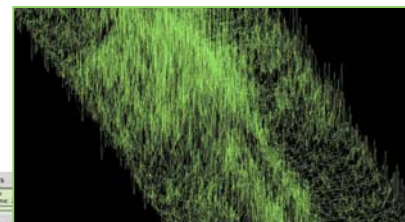
iTunes metafísico

Plug-ins visuais e programinhas que facilitam o uso do tocador da Apple

O iTunes rapidamente virou o tocador de MP3 oficial dos macmaníacos, principalmente daqueles que usam o Mac OS X. Até existem outros bons programas por aí, mas o iTunes é gratuito, é bem acabado e, ainda por cima, se comunica com o iPod. Então, para que usar outro software? Como se isso não bastasse, todas essas qualidades têm incentivado os desenvolvedores de plantão a criar plug-ins visuais e programinhas para facilitar o uso do tocador da Apple. A seguir veremos alguns desses adendos que podem tornar sua relação com o iTunes mais divertida e funcional.

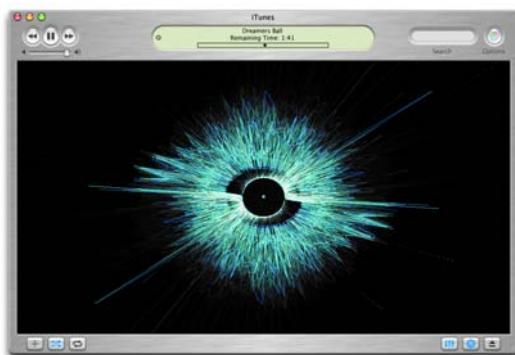
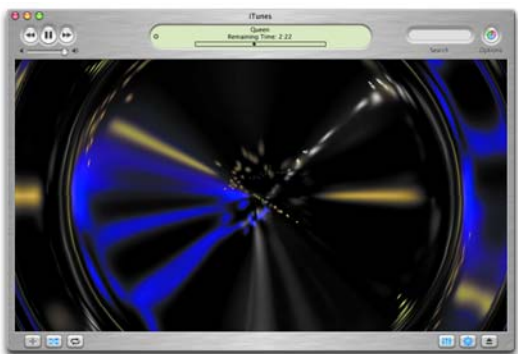
Plug-ins visuais

9 X DHG-DarkSosaiBayX

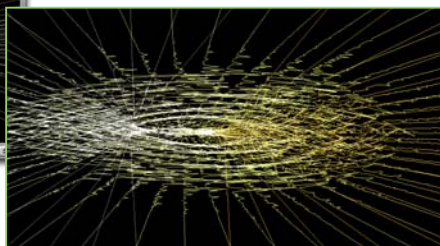
Analisador espectrográfico que cria efeitos que lembram paisagens montanhosas em *wireframe*. Oferece vários controles opcionais.

9 X DHG-FlowerPowerFlowX

As flores alucinógenas dos iMacs Flower Power invadem o seu iTunes e você acaba viajando por um hiperespaço florido. Os homens talvez não queiram usar esse plug-in publicamente.

9 X DHG-BlueStarWarpX

Gera efeitos visuais radicais pulsantes de acordo com a música. Conta com vários presets e suporta até 128 configurações personalizadas.

X iGoom

Este é meio limitado. Às vezes rolam uns efeitos legais.

9 X DHG-FreeFireBirdX

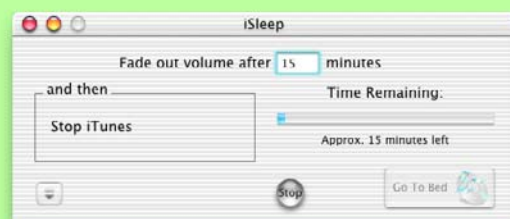
Analisador spectrográfico interessante que gera formas que lembram pássaros, ovos e ninhos. Inclui vários presets.

9 X WhiteCap

Plug-ins de visualização em *wire-frame* com mais de 130 efeitos e diversos controles. Funciona também como protetor de tela separado.

Utilitários

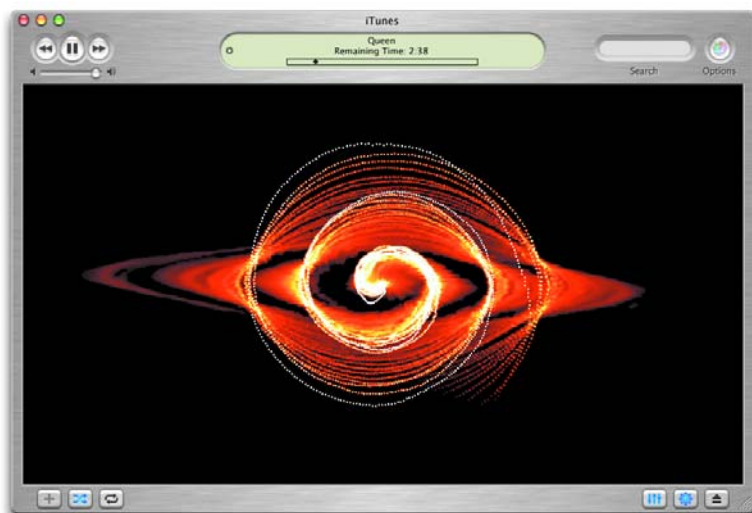
X Charts-O-Mat

Com interface que lembra a do iPod, esse programinha monitora o iTunes 2, gerando sua lista particular de "hits" no Mac OS X. Ele cria uma playlist chamada chamada "•Charts-O-Mat•", que duplica as faixas que estão rolando e reconhece quantas vezes uma música foi tocada (informação que pode ir nos campos de tag Ano ou Comentário). Interessante, mas não essencial.

X iSleep

Você é daqueles que gosta de dormir com música, mas não quer que o som fique rolando a noite inteira? O iSleep define por quanto tempo o iTunes deverá tocar seus MP3. Depois disso, o programa diminui o áudio bem lentamente, de forma quase imperceptível. Assim, o sono dos justos não será abalado.

X iTunes Clock

Ao contrário do iSleep, o iTunes Clock define a hora exata em que o iTunes começará a tocar música, podendo funcionar como um despertador. Basta selecionar previamente a playlist desejada e, se quiser, pedir para esse freeware colocar o som no volume máximo.

9 X G-Force

Podendo ser utilizado como protetor de tela independente, este plug-in visual cria feitos e texturas fantásticas, além de oferecer diversos parâmetros de configuração.

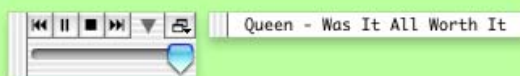
Onde encontrar

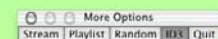
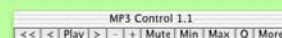
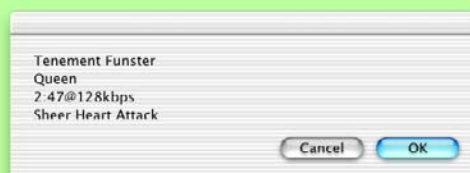
Version Tracker: www.versiontracker.com

Plug ins	
DHG-BlueStarWarpX 2.0.1	61 KB
DHG-DarkSosaiBayX 2.0.1	51 KB
DHG-FlowerPowerFlowX 2.0.1	1.8 MB
DHG-FreeFireBirdX 2.0.1	55 KB
EasyView X 1.0	288 KB
G-Force 2.2	2.2 MB
iGoom 1.7.6	170 KB
RhapsOGL X 2.0b5	929 KB
ShortCut74	188 KB
WhiteCap 4.2	717 KB
Zoomify Photo Visualizer for iTunes 1.0	932 KB
Utilitários	
Charts-O-Mat 1.5	504 KB
iSleep 1.5b	97 KB
iTunes Clock 0.2	84 KB
iTunes Control 1.0	30 KB
iTunes Remote 1.2	855 KB
iTunes Tool 1.4.3	1,2 MB
iTunes-O-Mat 1.0	171 KB
Moa Tunes 0.9b16	533 KB
MP3 Control 1.1	78 KB

9 X iTunes-O-Mat

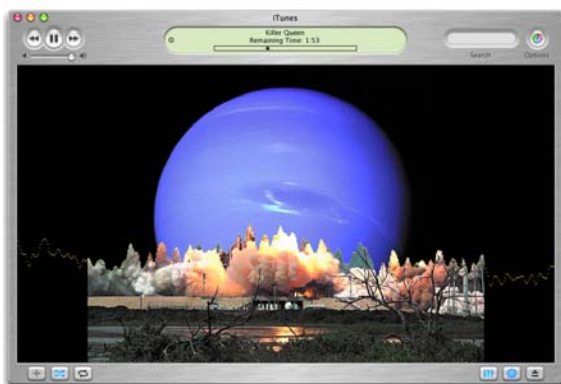
O iTunes-O-Matic é um script bem prático para alterar as informações de Creator e Type de arquivos MP3 para serem associados ao iTunes. Basta rodá-lo, selecionar a pasta ou volume onde se encontram sua músicas, e definir se as subpastas também serão incluídas no processo. Feito isso, todos arquivos ficarão associados ao iTunes.

9 X iTunes Tool

O iTunes Tool é certamente a melhor barra flutuante para controlar o iTunes, não só por ser pequena e discreta, mas por mostrar numa barra à parte o nome da música e o artista da música que está tocando. Conta ainda com um botão deslizante para controlar o volume do som e permite que você ajuste a transparência das barrinhas. Para completar, a barra de controle pode ficar nas posições horizontal ou vertical e até mesmo encolher quando o cursor do mouse não estiver sobre ela. Recomendadíssimo.

X MP3 Control

Mais uma barra flutuante para controlar o iTunes. Além das funções básicas presentes nas outras, essa permite abrir uma URL para stream de áudio, randomizar a ordem das músicas numa playlist e ver as informações de tag do arquivo MP3 numa caixa de diálogo do Finder.

X ShortCut74

Esse é da hora: permite rolar QuickTime no iTunes. Tudo que você precisa fazer é determinar uma pasta onde haja um ou mais filmes. Videoclipe instantâneo!

9 X Zoomify Photo Visualizer for iTunes

Ouça música e veja suas fotos favoritas ao mesmo tempo no iTunes. Só as transições entre as imagens é que são meio fracas.

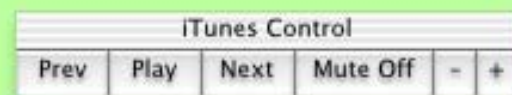
9 X EasyView X

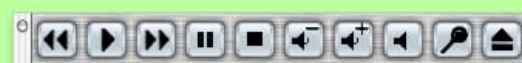
Serve apenas para mostrar as informações selecionadas de tag dos arquivos MP3. O visual é meio feio e desanimado.

Se tudo isso ainda não foi o suficiente, você pode baixar também os scripts da Apple para o iTunes (www.apple.com/applescript/itunes), que agregam várias funções ao programa. Todos os plug-ins que incluímos aqui rolam no Mac OS X, mas nem todos foram feitos para o OS 9, o que talvez seja mais um argumento para que ainda não provou a maçã do novo sistema operacional da Apple. Se você curtiu esses adendos do iTunes, fique de olho em sites como o VersionTracker (www.versiontracker.com), pois devem surgir muitas outras opções nos próximos meses. **M**

MÁRCIO NIGRO

Escreveu esta matéria ao som de Queen, Led Zeppelin e Allan Holdsworth.

X iTunes Control

Barrinha flutuante que controla o iTunes a partir de qualquer programa, mudando de faixa, pausando, ajustando o volume ou até mesmo silenciando o som. Só não mostra as informações da faixa que está rolando..

9 X iTunes Remote

Barra flutuante para controlar o iTunes. Além de ser maior (bom para quem trabalha com altas resoluções de tela), as únicas diferenças para o iTunes Control são os botões para trazer o iTunes para primeiro plano e para ejetar o CD. Também não mostra as informações sobre as faixas.

X Moa Tunes

O Moa Tunes (pronuncia-se "Mo' Tunes") oferece um pacote com diversos recursos – alguns úteis, outros meio idiotas – na forma de scripts. O nome Moa vem de "Mother of All" (mãe de todos) scripts iTunes. Ele gerencia arquivos MP3, fazendo a limpeza de tags, movendo arquivos para a lixeira, removendo duplicatas e faixas "órfãs". Também permite escolher playlists e inclui timer para começar e a tocar músicas, com *fade-out* opcional. Um recurso interessante é a possibilidade de buscar informações sobre a faixa no Google, CDDB e FreeDB. Para compensar, uma função bem fútil é a integração com o Eudora e Entourage para gerar assinaturas dizendo coisas do tipo "Enviei esta mensagem enquanto escutava 'Orgasmatron', com Pepino di Capri e Philip Glass."

Ano 5 - Nº 42
Parte integrante da revista **Macmania**
Não pode ser vendido separadamente

MacPRO

o suplemento dos power users

QuickTime 6 na cola do MPEG-4 (e vice-versa)

No momento em que escrevo estas linhas, a Apple diz que tem o QuickTime 6 pronto mas não vai lançá-lo ainda, por motivos que envolvem disputas de *royalties* em relação ao padrão MPEG-4, que já tem a segunda versão de sua especificação pronta e possui como base justamente a tecnologia do QuickTime. Pode ser que, quando esta revista estiver em suas mãos, a Apple tenha liberado a versão 6, mas eu não apostaria todas minhas fichas nisso. A verdade é que, conforme veremos a seguir, para entender o QuickTime 6 é necessário falar sobre MPEG-4 e vice-versa. Porém, ambos os assuntos estão no meio de uma confusa discussão burocrática de *royalties* da disputa pelo mercado de *streaming,* que envolve, além da Apple, a Microsoft e a RealNetworks. Para complicar ainda mais, reinam muitas dúvidas entre as pessoas comuns sobre o que é e o que não é o MPEG-4. Assim, vamos tentar esclarecer um pouco essa zona toda, botando alguma ordem na casa.

por Márcio Nigro

O **MPEG-4**, criado pelo Motion Picture Experts Group (MPEG), é tido como o sucessor para o MPEG-2, tecnologia atualmente usada em aplicações como filmes DVD e televisão digital via satélite. O MPEG-4 está em desenvolvimento desde 1993 e é um padrão amplo e complexo, podendo proporcionar melhor comunicação e maior compressão do que o MPEG-2. Ele é capaz de realizar *streaming* (transmissão ao vivo pela Internet) de diversos tipos de mídia e não apenas áudio e vídeo. Assim, o servidor pode enviar programas sob demanda para a TV de sua casa, tocar filmes DVD a partir de comunicação sem fio, transmitir rádio via satélite e outras diversas possibilidades.
Tudo parece lindo, mas tudo depende dos protocolos de comunicação que serão adotados pelas três grandes: Apple, Microsoft e RealNetworks. Se um padrão aberto for adotado para tais aplicações, o futuro delas será grandioso. Porém, se acontecer de um padrão proprietário ou extremamente dispendioso ser adotado, tais visões caem por terra.

Microsoft

A Microsoft, com sua eterna tendência monopolista, está louca para dominar o mercado de streaming, apostando suas fichas na tecnologia Windows Media. Bill Gates, no entanto, acreditava que a sua tecnologia **Advanced Streaming Format** (ASF) seria escolhida como base do MPEG-4 e, por isso, ela foi implementada no Windows Media Player e vendida como se fosse o MPEG-4 (o nome original era MS MPEG-4 v3). Mas os planos do velho Bill foram por água abaixo quando o padrão adotado foi o **QuickTime** ▸

da Apple, mais flexível e aberto. Por isso, não se engane: ASF não é MPEG-4, muito embora servidores e tocadores Windows Media possam tocar streams de MPEG-4, uma vez que incluem suporte a *codecs* (padrões de compressão e descompressão) de áudio MPEG-4. Contudo, a Microsoft não desiste fácil e encontrou um outro modo de ganhar terreno nesse mercado: seduziu os provedores de conteúdo, oferecendo encriptação e proteção contra cópia na tecnologia atual do Windows Media. É claro que isso chamou a atenção da indústria fono/cinematográfica, que quer, acima de tudo, controlar o modo como você vê filmes ou escuta música pela Internet.

A Microsoft até tentou, mas não conseguiu se apossar do setor

DivX

A tecnologia **DivX ;-)** (o *emoticon* sorridente e piscante faz parte do nome mesmo... vá entender) também é uma tecnologia comumente confundida com o MPEG-4. Em essência, é apenas um *hack* do codec MS MPEG-4 v3 que permite que ele seja usado dentro de um arquivo AVI. O DivX também costuma ser relacionado à subcultura da pirataria de DVD (em que parece ser a ferramenta preferida) e ao movimento Open Source, muito embora o código não seja aberto, uma vez que se baseia em tecnologia da Microsoft. Enfim, também não tem nada a ver com MPEG-4 e com streaming. Em todo caso, já existe um plug-in "oficial" para fazer o QuickTime 5 entender arquivos DivX (em www.divx.com).

Variações do MPEG

MPEG-1

Utilizado para compressão de vídeo para CD-ROM e VideoCD. Não oferece grande qualidade, mas quebra um galho em resolução de 320x240 pixels.

MPEG-2

Oferecendo vídeo de alta qualidade e boa compressão, o MPEG-2 liderou a revolução do vídeo digital, possibilitando a disseminação do DVD e sistemas digitais via satélite e cabo, além da HDTV, também conhecida como "TV de alta definição". O MPEG-2 não se tornou uma tecnologia relevante de playback nos computadores, devido a questões de licenciamento e não por motivos tecnológicos.

MPEG-3

Não existe tal coisa. O MPEG-3 era para ser uma versão de maior definição do MPEG-2, que acabou mostrando-se bem mais flexível e expansível do que o inicialmente planejado.

MPEG-7

Ainda em desenvolvimento, o MPEG-7 é centrado em metadados, indexação e organização. O padrão poderá oferecer, por exemplo, um modo universal de catalogar e buscar vídeo.

MPEG-21

Projeto de longo prazo e ainda em estágio embrionário, pretende criar um padrão para gerenciamento de direitos autorais, sistemas de pagamento, monitoração de qualidade de serviço e verificação, entre outros recursos.

Real

A RealNetworks, por sua vez, continua vivendo de suas tecnologias proprietárias **RealAudio** e **RealVideo**, líderes em streaming, e promete implementar suporte a MPEG-4 até o final deste ano. Apesar de o RealPlayer trabalhar com padrões como AIFF, AVI e até algumas mídias QuickTime, o programa só está licenciado para tocar streams no formato fechado da empresa. Basicamente, a RealNetworks está em situação semelhante à da Microsoft, com a exceção de não poder forçar a entrada de seu produto em todos os PCs com Windows sobre a face do globo.

QuickTime

Em terceiro lugar na corrida do streaming, depois do RealPlayer e do Windows Media Player, está o nosso amigo **QuickTime**. Por outro lado, tem uma grande vantagem no mercado de mídia não-streaming, já que o QuickTime frequenta todos os Macs e muitos PCs há mais de dez anos, e quase todos os CD-ROMs multimídia usam a tecnologia. É claro que esse fato não garantiu o sucesso do QuickTime em mídia streaming, se bem que a Apple tem se esforçado bastante para mudar esse panorama. O QuickTime oferece suporte a streaming desde a versão 3; a Apple foi cuidadosa em usar métodos de "entrega" padrão como RTP e RTSP, o que forçou a RealNetworks a fazer o mesmo. Além disso, a Apple liberou tanto o servidor de streaming quanto o seu código fonte, oferecendo uma alternativa gratuita para quem quiser oferecer conteúdo na Internet (desde que você tenha um servidor Mac, é claro). O QuickTime usa alguns compressores proprietários para streaming, como o Sorenson Video; em compensação, esses codecs funcionam em diversas plataformas e você ainda pode optar por outros.

História mal contada

Como já dissemos, o MPEG-4 é baseado no padrão QuickTime, o que aparentemente garante uma vantagem à tecnologia da Apple. Também já foi comentado que a Apple diz ter o QuickTime 6 prontinho, mas se recusa a lançar. O motivo oficial é que a empresa estaria esperando que os termos de licença de vídeo MPEG-4 fossem melhorados.
A MPEG-LA, o maior grupo de detentores de patentes do MPEG-4, propõe que a licença do MPEG-4 inclua pagamento de *royalties* por parte de companhias, como a Apple, que fornecem codecs MPEG-4, e também de provedores de conteúdo que fazem streaming MPEG-4. A Apple até concorda em pagar *royalties* razoáveis por usar codecs MPEG-4 no QuickTime, mas acha que essa história de cobrar também de quem distribui comprometerá o sucesso do padrão.
Porém, toda essa história possui um cheiro esquisito. As últimas versões do QuickTime tiveram longos períodos de beta teste. Como essa versão já está prontinha e com suporte a MPEG-4? E mesmo que seja verdade, o QuickTime tem arquitetura modular, na qual os compressores e descompressores podem vir separados. Tanto que o QT 5 teve versão *preview* pública sem o Sorenson Video 3. Dessa forma, a versão 6 poderia sair sem os compressores MPEG-4.
Então, por que não sai?
O chute mais provável é: não está pronto ainda – ou, pelo menos, não estava (é difícil escrever um texto atual um mês antes de ele ser publicado).

De qualquer modo, a Apple está certa ao reclamar dos *royalties* exigidos aos provedores de conteúdo. A MPEG-LA propõe cobrar US$ 0,02 por hora como taxa de licença, mas o entendimento geral é de que qualquer tecnologia com direitos cobrados por hora está fadada a fracassar. Já existem alternativas por aí e, mesmo que não houvessem, a Microsoft ou a RealNetworks abocanhariam rapidamente tal oportunidade.

A Apple poderia lançar o QuickTime 6 por etapas, se quisesse

Toda essa história de o QuickTime 6 estar pronto parece ser mais uma estratégia da Apple para criar um "fuzuê" em cima de seu produto e pressionar a MPEG-LA a esquecer essa história de *royalties* por hora. O fato é que sem o MPEG-4 o QuickTime não tem novos recursos suficientes para justificar a mudança de versão. O mais provável é que a Apple esteja blefando para ver o que acontece.

O que vem por aí

A Apple diz que são nove os principais novos recursos do QuickTime 6. Veja quais:
• **MPEG-4** – Os componentes MPEG-4 da versão 6 não são licenciados da DivX Net-

works ou de outra fonte; são desenvolvidos pela própria Apple. A vantagem disso é que não haverá taxas extras para desenvolver streams MPEG-4 profissionais, como acontece com o formato Sorenson, que oferece melhor qualidade e mais opções de codificação com o pacote Sorenson Video 3 (US$ 500). Assim, é provável que o QuickTime Pro 6 ofereça um bom codec MPEG-4 que dispense outros programas.

•**Advanced Audio Coding (ACC)** – O MP3, também conhecido como MPEG-1 Layer 3, é o mais conhecido padrão de compressão de áudio, mas já existe há uma década, e há outros formatos melhores. O AAC é parte da especificação MPEG-2 e é um dos melhores compressores de áudio, podendo lidar com vários canais (de um a 48), 15 canais de baixa frequência *(low-frequency enhancement channels)*, 15 streams de dados embutidos e até suporte a múltiplos idiomas. Mas a grande vantagem do AAC é oferecer cinco canais de áudio que, codificados a 384 kbps, são indistinguíveis do som original, mesmo para os ouvidos mais treinados. Para se ter uma idéia, para obter o mesmo resultado no formato MP3 a codificação tem que ser de 640 a 896 kbps. O ACC faz parte da especificação MPEG-4 como um dos vários compressores de áudio disponíveis. Apesar de a Apple se limitar a dizer que o QuickTime 6 terá suporte a ACC, é possível que ele seja o primeiro grande tocador de mídia com esse codec.

•**Code Excited Linear Prediction (CELP)** – Enquanto o AAC é direcionado à alta qualidade de áudio no MPEG-4, o CELP é a escolha para compressão a baixas taxas de *bitrate,* trabalhando com *sample rate* de 8 ou 16 kHz – chamadas de CELP de banda estreita e de banda larga, respectivamente. Como o PureVoice, esse formato funciona melhor com voz e com *bitrates* entre 6 e 24 kbps. Não é um recurso de grande utilidade, mas como foi incluído na especificação MPEG-4, faz parte do QuickTime 6.

•**ISMA 1.0** – A solução de streaming de MPEG-4 pela qual a Apple optou foi a especificação ISMA 1.0, criada pela Internet Streaming Media Alliance. O MPEG-4 é um padrão amplo, com diversas escolhas de áudio e vídeo. O ISMA identifica qual parte do stream MPEG-4 deve ser implementado no cliente, para garantir que mídias de streaming compatíveis com ISMA toquem corretamente, utilizando outros padrões se necessário, como RTP e RTSP. Porém, não é um formato aberto, mas sim "dedicado para o desenvolvimento de produtos e tecnologias que aderem aos padrões de mercado", como diz a própria Apple, tentando se enganar.

A interoperabilidade ISMA significará alguma coisa se surgirem bons programas oferecendo suporte à especificação. Além disso, requer clientes e servidores específicos, como é o caso do QuickTime, Real ou Windows Media. E – adivinhe – nem a Microsoft nem a RealNetworks aderiram à ISMA, de modo que seus clientes não são compatíveis. Sem pelo menos um deles, fica difícil a tecnologia plantar raízes na comunidade cibernética.

•**MPEG-1, MPEG-2, DVCPRO (PAL)** – Não são exatamente características novas. O QuickTime 5 Pro já inclui decodificação MPEG-1 e codificação e decodificação MPEG-2. O mesmo vale para o suporte a DVPRO que, apesar de a Apple dizer que é um grande novo recurso da versão 6, o QuickTime 5 também já o oferece, pelo menos no Mac OS X 10.1.2.

•**Flash 5** – O QuickTime 5 já suportava Flash 4 e versões anteriores. O suporte a Flash 5 já era mais do que esperado, mas mudará pouco a vida dos desenvolvedores.

Os novos codecs de áudio e vídeo são muito mais eficientes

De resto, pouco

Além das novidades mencionadas, o QuickTime 6 terá uma interface atualizada com um novo "Favoritos" e acesso mais fácil ao conteúdo QT, mas é mais ou menos isso o que se poderá esperar da nova versão.

A Apple não mencionou nada sobre o Sorenson Video 4 ou o QDX da Qdesign, que oferecem melhor qualidade de compressão que seus antecessores. A grande novidade é mesmo o suporte a MPEG-4, o que é natural, já que a Apple é fundadora da ISMA e a especificação é uma parte do MPEG-4.

Porém, como ninguém viu nenhum beta do QuickTime 6 – e conhecendo a Apple como conhecemos –, é possível que haja algo além do que já foi anunciado.

O que o MPEG-4 tem

A especificação MPEG-4 é vasta e complexa, possuindo diversas faces, de modo que é impossível resumir tal tecnologia em poucas páginas. Por isso, vamos apenas sobrevoar a área, a título de reconhecimento, priorizando os aspectos voltados a vídeo e áudio para a Internet. Enquanto os padrões MPEG-1 e MPEG-2 focavam métodos de compressão e descompressão de áudio e vídeo, o MPEG-4 é baseado em "objetos audiovisuais", o que permite a criação de conteúdo com elementos interativos para Internet, PDAs, celulares e outros dispositivos. Por isso, é bem possível que nos próximos meses comecemos a ver uma grande variedade de produtos que ofereçam serviços "movidos" a MPEG-4.

Como já foi dito, o formato MPEG-4 (também chamado de "MP4") é baseado no QuickTime, para a alegria de nós, macmaníacos. O padrão também toma emprestadas as *hint tracks* do QuickTime, separando a informação sobre o que está sendo transmitido via streaming do conteúdo propriamente dito.

O MPEG-4 expande esse suporte para múltiplas *hint tracks,* de modo que um arquivo pode definir como será o streaming numa grande variedade de ambientes.

O MPEG-4 também resolve alguns problemas ainda pendentes no QuickTime, podendo se ajustar dinamicamente à velocidade de conexão do usuário. Além disso, o padrão possui especificações de servidor bem organizadas, garantindo a difusão do streaming por cabo ou sem fio *(wireless)*.

Outra diferença do MPEG-4 para o QuickTime 5 é o suporte a streaming não apenas de áudio e vídeo, mas também de conteúdo sintético, como o mecanismo *text-to-speech*, texturas 3D e outros. Também inclui suporte a proteção e gerenciamento de direitos autorais (para infelicidade de muitos) e comunicações seguras para aplicações *pay-per-view*.

A implementação do MPEG-4 em tocadores de mídia dependerá de cada desenvolvedor, que pode interpretar o padrão como quiser e implementar diferentes subconjuntos de recursos, uma vez que a especificação é muito ampla. Assim, é bem possível que logo comecemos a ver conteúdos MPEG-4 que rodam no QuickTime Player mas não no Windows Media, e vice-versa.

Vídeo

O MPEG-4 traz muitos avanços em relação aos codecs atuais, principalmente no que se refere a dados com baixa taxa de transferência (20 kbps a 1000 kbps), garantindo qualidade muito superior ao MPEG-1. E, diferentemente da maioria dos codecs para a Web, ele tem suporte completo a vídeo entrelaçado, resoluções de até 4096x4096 pixels e transferência de dados de 5 kbps a 10 Mbps – ou seja, prepara terreno para aplicações que vão do telefone celular até a HDTV.

O codec de vídeo MPEG-4 suporta nativamente canais alfa (máscaras de recorte), de modo que o conteúdo pode ser separado internamente em elementos de frente e de fundo em cada cena. É claro que essa segmentação, embora melhore bastante a qualidade em determinadas faixas de *bitrate*, é mais complexa durante a codificação e o *playback*. Para entender a vantagem da segmentação, imagine um apresentador de TV em frente a um cenário. Com um codec convencional, a informação visual do cenário teria que ser retransmitida sempre que o apresen-

O MPEG-4 se ajusta automaticamente às condições sob as quais está rodando

QT6 continuação

tador saísse do lugar. Com a imagem de fundo segmentada isso não acontece, pois o codec sabe que o cenário está lá o tempo todo. Para completar, o MPEG-4 é capaz de comprimir imagens paradas cerca de 25% a mais do que o padrão JPEG.

Áudio

O MPEG-4 oferece diversos recursos de áudio, com diferentes codecs para diferentes aplicações. Por exemplo, o Harmonic Vector Excitation Encoding (HVXC) é usado para *bitrates* entre 2 e 4 kbps, o CELP para de 4 a 24 kbps, o AAC para MPEG-2 e o TwinVQ para uso geral de banda larga.

Todas as mídias

Para o padrão MPEG-4, o vídeo não é composto apenas de amostras de áudio e quadros de imagem. Tudo é construído a partir de *objetos de mídia,* que podem ser imagens paradas, texto, voz sintetizada, modelos 3D etc. E o mais interessante é que se pode mapear qualquer uma das mídias suportadas para qualquer objeto numa cena. Assim, por exemplo, o áudio pode ser mapeado em um objeto com atributos para posicionar esse som em qualquer ponto num espaço tridimensional.
Para completar, as mídias são interativas, de modo que o MPEG-4 acaba unindo o melhor do Shockwave, Flash, VRML e vídeo tradicional em apenas um formato, servidor e cliente. As possibilidades são ilimitadas. Um dos protocolos do MPEG-4 permite até controlar a animação facial de um modelo 3D em tempo real. Combinando isso com a voz sintetizada via conversão *text-to-speech*, é possível obter perfeita sincronização labial. Porém, é preciso ter em mente que o modelo 3D não está especificado: apenas o protocolo para controlá-lo.

Versátil até demais

Não sei se você percebeu, mas a especificação MPEG-4 é tão rica que dificilmente haverá um conjunto de ferramentas de autoria que suporte todas as possibilidades. O mais provável é que seja necessário combinar diversos produtos para poder cobrir pelo menos uma parte das possibilidades. No entanto, resta saber de que modo o MPEG-4 será aplicado. Para a Internet, tudo depende de como a Apple, a Microsoft, a RealNetworks e – o mais importante – os usuários irão se posicionar em relação ao assunto. E tenha certeza de que muitas pedras ainda rolarão. **M**

MÁRCIO NIGRO
Concorda com o Guilherme Arantes: "no final será o que não sei, mas será".

Metendo a mão no Unix

Parte 8: introdução ao shell

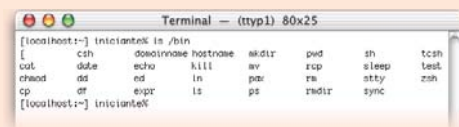
por Alberto V. Mendonça

Atenção!

Tome muito cuidado ao utilizar os comandos `defaults` e `niutil`. Lembre que fazer alterações em arquivos do sistema, sem prévio conhecimento do que está sendo feito, pode vir a causar sérios problemas no funcionamento do seu Macintosh.

Ao se deparar com o assunto Unix, você deve ter lido muitas vezes a palavra *shell.* Na Macmania 85 demos uma rápida explicação sobre o shell no Mac OS X.
O shell é definido como o *interpretador de comandos* do Unix – o responsável por converter o vocabulário utilizado pelos seres humanos em instruções que o computador entenda.
Por ficar entre o usuário e o núcleo do sistema operacional *(kernel)*, formando uma concha *(shell* em inglês), ele serve como interface para o usuário dizer, em forma de linha de comando, o que o computador deve fazer. Ou seja, tem a mesma função que os comandos de mouse e teclado na interface Aqua, só que é muito mais poderosa e flexível.
Por que mais poderosa? Porque, além de ser um interpretador de comandos, o shell também é uma interface para linguagem de programação, o que permite criar sequências de comandos que serão executados na ordem em que foram escritos – ou seja, *scripts.*
Todos os sistemas Unix possuem o shell C `csh` (desenvolvido pelo mesmo autor do editor de texto vi, que conhecemos nas duas lições anteriores) e seu antecessor, o shell Bourne (`sh`). Em alguns casos ainda encontramos uma versão mais recente do shell Bourne, denominado Korn (`ksh`). No Mac OS X, além do shell C e do Bourne, temos como padrão o shell baseado no Terminal C (`tcsh`) e ainda encontramos o shell `zsh`, muito parecido com o ksh.
Na Macmania 90 mostramos como alterar o shell padrão, assim como instalar e utilizar no Mac OS X o `bash` (Bourne Again Shell), muito popular no Linux.
Curiosidade: o `ksh` é padrão no sistema operacional UNIX da IBM, chamado AIX, utilizado por muito tempo nos computadores IBM baseados no processador PowerPC – digamos assim, primos distantes dos nossos Power Macs...

Passo 1

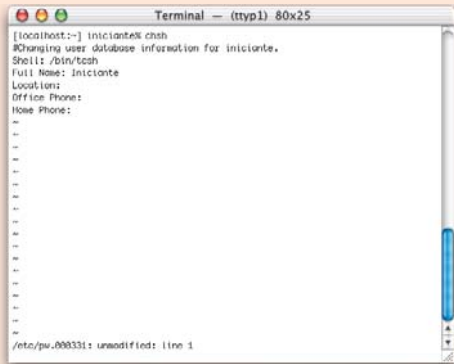
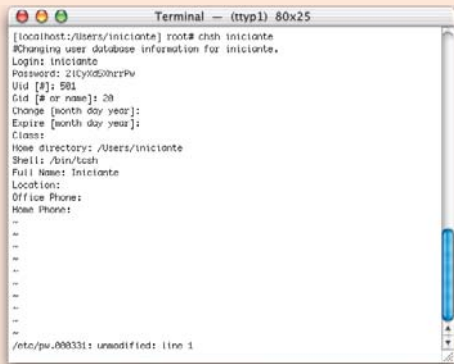
Vamos aprender a identificar o shell que estamos utilizando. Uma forma simples é verificar seu prompt. Se o seu prompt contém um `%`, provavelmente você está utilizando tcsh, mas se contém um `$`, você pode estar usando Bourne, Korn ou um de seus derivados.
Outra forma simples e confiável de checar o shell que você está usando é perguntar ao sistema operacional o programa que você está usando no momento, com o comando `ps`:

Passo 2

Agora que sabemos reconhecer o shell que estamos utilizando, pode ser que nos interesse utilizar outro shell.
Para alterarmos o shell que estamos utilizando, precisamos primeiro saber os demais shells que estao disponíveis no sistema. Para isso, vamos dar uma olhada no diretório `/bin`. Podemos reconhecer os shells pelo "`sh`" em algum lugar de seus nomes. Assim sendo, verificamos que o Mac OS X tem os shells `chs`, `sh`, `tcsh` e `zsh`, como citado anteriormente.

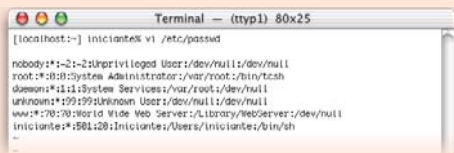
Passo 3

Para alterarmos o shell que utilizamos, existe o comando de UNIX `chsh` *(change shell)*. No entanto, no Mac OS X esse comando, no lugar de permitir a alteração imediata do shell, permite a visualização das configurações do usuário atraves do vi. O comando é utilizado da seguinte maneira: `chsh <nome_do_usuário>`, não sendo obrigatório o nome do usuário para visualizar as informações do usuário atual.
Digite `chsh` e você terá o arquivo de texto que guarda as suas configurações de usuário, que ▶

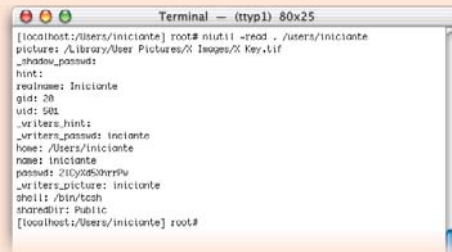
Metendo a mão no Unix continuação

entre outras coisas inclui seu shell padrão.

Estando conectado como usuário *root*, as informações são ainda mais detalhadas:

Utilizando os comandos do vi, que você já conhece, podemos alterar o shell do usuário iniciante de tcsh para sh. Mas uma outra caracteristica do Mac OS X é que aparentemente ele não nos permite efetuar alterações nesses arquivos manualmente, utilizando os comandos do vi. Ao executarmos as alterações, quando finalizada a operação de modificação do shell, o sistema exibe uma mensagem como se a alteração nao tivesse sido realizada.

```
chsh: rebuilding the database...
chsh: done
chsh: /etc/master.passwd: unchanged
```

No entanto, ao acessarmos o arquivo /etc/passwd ou através do usuário *root*, a alteração constará no arquivo /etc/master.passwd, onde são armazenadas informações sobre cada usuário.

Mesmo assim, entramos em outro ponto característico do Mac OS X. As alterações realizadas em alguns arquivos de configuração da base UNIX do sistema não se sobrepõem às configurações específicas do Mac OS X.
Para que possamos realmente alterar o shell, precisamos alterá-lo nos dados do **NetInfo**.
E para isso temos que estar como usuário *root* e utilizar o comando niutil.
Basicamente, o comando possui a seguinte forma:

```
niutil <subcomando> <domínio> <diretório>
<palavra_chave> <valor>
```

Mas para maior compreensão do comando utilize man niutil.
Vamos, através de alguns subcomandos do niutil, visualizar as características do usuário iniciante.

Ou, ainda mais especificamente:

```
[localhost:/Users/iniciante] root# niutil -readprop .
/users/iniciante shell
/bin/tcsh
```

Para alterarmos o shell do usuário, precisamos utilizar outros subcomandos. Digite:

```
[localhost:/Users/iniciante] root# niutil -appendprop .
/users/alberto shell /bin/sh
[localhost:/Users/iniciante] root# niutil -destroyval .
/users/alberto shell /bin/tcsh
```

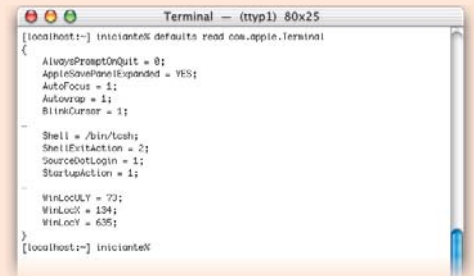
O primeiro comando é para adicionar o shell sh para o usuário em questão e o segundo para remover o shell tcsh.
Retorne à configuração original e prossiga.

Passo 4

Nesse caso em específico, para alterarmos o shell imediatamente, alteraremos a configuração do Terminal, através do comando defaults. Esse comando permite que você leia, altere ou apague configurações do Mac OS X através do shell. Basicamente, o comando possui a seguinte forma:

```
defaults <subcomando> <arquivo_configuração>
<palavra_chave>
```

Como não apresentaremos todos eles nesta lição, utilize man defaults para obter maiores informações sobre cada subcomando e as suas utilizações.

As configurações do shell estão contidas dentro das configurações do aplicativo Terminal, e por isso trabalharemos com o arquivo de configuração desse aplicativo. Vamos utilizar o comando defaults, inicialmente para olhar o que temos no arquivo de configuração do Terminal. Digite o subcomando read <arquivo_configuração>:

Nota – Arquivos de configuração como esse do Terminal estão localizados nos diretórios ~/Library/Preferences e /Library/Preferences, seguindo o padrão de nomenclatura com.apple.<Nome>.plist. Nem todos os arquivos de configuração são editáveis pelo comando defaults.
Note que temos a linha iniciada pela palavra Shell seguida do shell que estamos utilizando no momento (/bin/tcsh). Para alterar essa linha vamos utilizar outro subcomando do defaults. Digite o subcomando write <arquivo_configuração> <palavra_chave> '<valor>':

```
[localhost:~] iniciante% defaults write
com.apple.Terminal Shell /bin/sh
```

Assim, escrevemos na linha Shell que nosso novo shell é sh, como você pode conferir agora utilizando novamente o subcomando read.
Após verificada a alteração no arquivo de configuração, é possível passar a utilizar o novo shell abrindo uma nova janela de Terminal (⌘N). Note que na nova janela temos um *prompt* diferente daquele que estamos acostumados a visualizar em nossas lições:

É recomendável que você retorne agora ao shell tcsh (padrão), para que possamos prosseguir com as próximas lições sobre shell, onde nos familiarizaremos ainda mais com nossa interface "não-gráfica".
Nota – Na Macmania 85 você tem outros exemplos de como pode ser utilizado o comando defaults. Tente utilizar o que aprendeu nesta lição para entender melhor o que mostramos naquela. **M**

ALBERTO V. MENDONÇA

Palm m515

Rápido e compatível com o Mac OS X

Depois de anos de uso diário, meu velho Palm foi gradativamente perdendo a utilidade. O primeiro golpe foi a troca de Mac. Com o Mac velho eu já era obrigado a usar uma gambiarra para converter o *cradle* serial de PC em serial de Mac, usando o cabo de um velho modem 14.400. Com a chegada do iMac, tive que comprar um adaptador serial/USB, o que transformava cada HotSync numa loteria para ver quem ia dar pau a cada vez. A gota d'água foi o Mac OS X e a falta de um Palm Desktop para ele (a versão final só saiu poucos dias antes deste artigo ser escrito). O fato é que agora temos novos modelos de Palms na praça, coloridos, cheios de memória, capacidade de expansão e (finalmente!!) bercinho (*cradle*) USB. Confesso que andava meio desiludido com o Palm, achando que o Palm OS 4.1 na verdade deveria se chamar 1.4, dada a falta de novidades em relação ao sistema original. Em time que está ganhando não se mexe? Pode ser, mas a Microsoft, lanterninha no mercado de PDAs, mexeu bastante no seu Windows CE e conseguiu abocanhar uma bela fatia que pertencia à Palm.

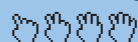
Seria o Palm uma ferramenta imprescindível, como eu acreditava quando comprei o meu? Até que consegui me virar usando apenas o Palm Desktop (um ótimo freeware de agenda, mesmo para quem não tem um Palm) e, depois, o Entourage. Acabei perdendo a fé no Palm como organizador pessoal porque, se você é um cara desorganizado (como eu), não é um PDA que vai botar ordem na sua vida. Cedo ou tarde, você vai acabar se esquecer de anotar algo importante no Palm, ou esquecendo de fazer o HotSync, ou de trocar a pilha... O Palm ajuda (e muito), mas ajuda mais tomar vergonha na cara e ter disciplina para anotar compromissos pessoais, seja lá onde for. Por outro lado, sempre babei por vários programinhas que não rodavam no meu Palm velho com apenas 2 MB de memória. O teste com os novos modelos iria finalmente servir para ver se existe a tal "killer application" para o Palm.

Sim, ela existe! Não é algo para todo tipo de usuário, mas para mim, representa um ótimo motivo (ou desculpa) para torrar uma grana em um Palm: dicionários. Quem costuma ler livros em inglês antes de dormir e já se deparou com uma palavra desconhecida – que o fez amaldiçoar a falta de um dicionário à mão com um botão de Find – sabe do que estou falando. Baixei o Ultralingua (www.iebras.com) e instalei imediatamente no m515. Era tudo o que eu precisava. Uma pesquisa rápida revelou que existem dezenas de programas semelhantes para inglês, alemão, francês, italiano e até português. Ótimo para quem usa o método "meta a cara e saia lendo o que tiver pela frente" de aprendizado de idiomas. Imagino que em uma viagem eles devam ser bem úteis também.

Fiquei meio frustrado com os joguinhos, tirando o excelente Race Fever, que não é nenhuma novidade. A maioria são versões de jogos de tabuleiro, cartas ou RPG; ótimos passatempos, mas nada muito adrenalizante. A culpa deve-se, em grande parte, à velocidade do processador, ou melhor, à falta dela. Estacionado nos 33 MHz, o chip Dragonball da Motorola dá conta das funções de um organizador pessoal, mas não é nenhum bólido. Mas não vamos reclamar da velocidade dos chips da Motorola; para isso temos o resto da revista.O fato é que, em termos de joguinhos, fico com o Game Boy. Também esperava mais recursos multimídia. O som do Palm ainda é raquítico, digno dos tempos do Atari. Não grava voz (a Palm promete isso para um próximo modelo) nem toca MP3 (fora o Clié, da Sony, o Palm mais multimídia da praça). Sim, você pode passar filminhos e ver fotos, mas isso já era possível no Palm III há quatro anos. Sim, existem câmeras de vídeo, fotográficas e até um aparelho para transformar seu Palm em um editor de música com timbres MIDI. Mas são soluções que exigem uma grana extra. Parece-me que a estratégia da Palm tem sido manter a plataforma o mais básica possível e deixar a adição de novos recursos para os fabricantes de periféricos ou licenciados, o que é um problema para usuários no Brasil, onde boa parte desses *gadgets* não chega. Gostaria de ver também um guia das ruas de São Paulo em um Multimedia Card; essa seria outra "killer application" para o Palm e um bom uso para o slot de expansão.

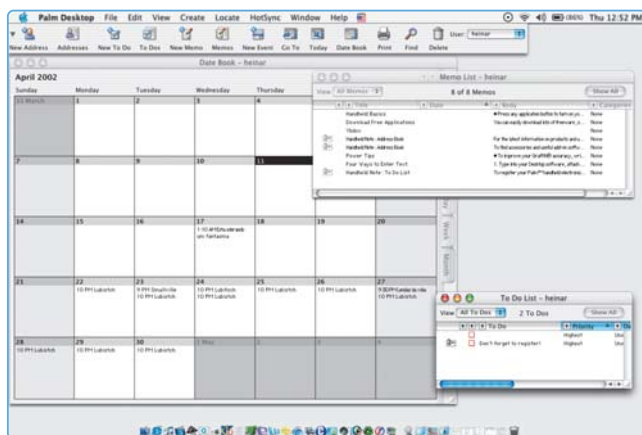
Outro filé que ainda não é para a nossa boca é o acesso *wireless*. A Palm Inc. está conversando com operadoras brasileiras para trazer ao Brasil o i705, um modelo que fica o tempo inteiro conec-

Este é o cartão SD em tamanho natural

PALM M515

Palm: www.palm.com

Preço: R$ 1.399

Pró: Tela brilhante; 16 MB de memória; boa capacidade de expansão

Contra: Fraca capacidade multimídia; ainda sem solução *wireless*

Palm Desktop:
agora em sabor Aqua

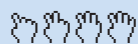
tado e notifica o usuário da chegada de email acendendo LEDs ao lado da antena *wireless*. O problema é que as contas não estão batendo, a implantação do sistema teria um custo muito alto. Mas ainda há esperanças. No dia em que a Palm anunciar a chegada do i705, estarei na fila para comprar o meu.
Um adaptador para 802.11 (mais conhecido entre nós como AirPort) está a caminho (já existe um para o Visor, o Palm da HandSpring, que não tem representante no Brasil). Para quem tem AirPort no trabalho ou em casa, como eu, é uma ótima. Além de consultar o dicionário, poderia navegar e baixar email da cama, sem ter que abrir o PowerBook e acordar a patroa.
O m515 tem um design estiloso, idêntico ao Palm V, mas em metal escuro com botões prateados, bastante anatômico e "magrinho", cabendo em qualquer bolso. Um botão translúcido serve para ligar e ainda acende quando está carregando a bateria. Além dos alarmes sonoros, ele também tem um "vibracall" discreto. Tirar o Palm do novo *cradle* USB é uma experiência traumática. Ele só sai com um puxão forte que deixa você com a impressão de que algo se quebrou.
O Palm Desktop 4 funciona às mil maravilhas, tanto no Mac OS X quanto no OS 9. Só não é possível instalá-lo nos dois sistemas. Toda vez que você abrir o Classic, os dois Hotsync Managers vão bombar espetacularmente.
O Hotsync via infravermelho ainda está meia-boca. Só funcionou na velocidade mais baixa no OS 9. No OS X, não rolou.
O Palm m515 vem com 16 MB de memória e uma coleção generosa de programas: AvantGo (browser offline), DocumentsToGo (editor de arquivos Word e Excel), Palm Reader (leitor de eBook), PhotoSuite (para ver fotos e filminhos) e PowerOne Calculator (calculadora científica), entre outros. Infelizmente, a maioria dos conduítes não está disponível para o OS X.
A conexão com o Mac poderia melhorar também. Sonho com o dia em que poderei botar o Palm no *cradle* (FireWire, é claro) e ele montar no meu Desktop. Jogaria meus documentos de Word ou SimpleText sobre ele e eles seriam automaticamente convertidos e "uploadados". Já que a Apple não vai mesmo ressuscitar o Newton, podia dar uma mãozinha para a Palm nesse aspecto. Afinal, PDAs fazem ou não fazem parte do tal "hub digital"? M

Um popular incrementado

Palm m130 é bonito, barato e bonzinho

Bonitinho e nada ordinário. O m130 é a última novidade da linha mais popular da Palm. Com tela colorida e 8 MB de memória, o modelo "pop" tem preço sugerido de R$ 899 e passa a ser o terceiro modelo mais barato. Antes dele, só os de tela em preto e branco: m105 e m125.
Embora bem mais rápido e com mais memória, o desempenho de um m130 ainda deixa a desejar em relação ao outro modelo testado. Mesmo assim, o aparelhinho é perfeito para tarefas de um usuário de PDA iniciante, como usar o AvantGo, o Hands e joguinhos.
A tela dele é a melhor novidade do modelo. Funciona muito bem em interiores e o controle do contraste é bem mais flexível do que em outros modelos. O único problema é usá-lo em um ambiente exterior, em um dia com bastante sol, por exemplo. As cores ficam um pouco chapadas e o contraste é prejudicado.
O m130 é recarregado na base. A novidade é interessante para quem estava acostumado a gastar R$ 4 por semana com pilhas AAA para o M100. No entanto, para quem usa cerca de 2 horas por dia o Palm com todas as suas funções, terá que se acostumar a recarregar o m130 como se recarrega um celular, quase diariamente.
Como em outros modelos, a transferência de arquivos por infravermelho e o HotSync consomem mais bateria do que qualquer outra ação. Ele possui também entradas para cartões de expansão de memória. O uso de cartões de memória é essencial, pois a tela colorida vai inspirar o uso de browsers, o que logo vai lotar a memória do novo Palm popular. Entre os cartões, o m130 poderá ter até cartões Bluetooth, que vão fazer a transferência de dados sem o auxílio de cabos. Atualmente, os cartões oferecidos são de jogos e dicionários.
O aparelho está sendo vendido com Palm OS 4.1 (com versão em português) e Palm Desktop 4.1, com atualizador do HotSync para conexão USB. O m130 suporta também as capinhas coloridas que eram acessórios do Palm M100.

RENATA AQUINO

PALM M130

Palm: www.palm.com
Preço: R$ 899

 Pró: Tela colorida

 Contra: Poderia ter mais cartões e acessórios disponíveis

Queimadores de CD Iomega

Bons mas funcionam melhor no PC

A Iomega sempre teve a tradição de embalar bem os seus produtos. Aliás, essa é a especialidade da empresa: fazer belos drives externos removíveis para armazenamento de dados. Os exemplos mais notáveis são o próprio Zip e o Peerless (apesar de que ultimamente eles andam exagerando no roxo...). Agora a empresa chega com dois novos modelos de gravadores de CD-RW que não desmentem o seu histórico (quando o assunto é o visual). Trata-se das versões para USB 2.0 do Predator e do ZipCD (ver Macmania 83), que perdeu o nome original e passou a se chamar somente "CD-RW".
À primeira vista, a principal mudança foi uma garibada no desenho original, que deixou os drives menores e mais bem acabados. No entanto, o que mais salta aos olhos são os números de velocidade. No Predator, são incríveis 24x10x40 (gravação, regravação e leitura), já no CD-RW são 16x10x40. Mas esse desempenho não é para o bico dos macmaníacos. Para utilizar todo o potencial dos gravadores, é preciso ter um computador com porta USB 2.0, que não é o caso dos Macs.
Apenas para recapitular: o USB 2.0 foi criado pela Intel como uma "vingancinha" contra a decisão da Apple de cobrar *royalties* de quem fabricasse placas ou equipamentos com portas FireWire. A Apple voltou atrás, mas a Intel seguiu em frente, criando sua própria interface de alta

velocidade. Os primeiros produtos compatíveis com USB 2.0 estão começando a chegar ao mercado agora, mas não se sabe quanto tempo vai demorar para ele vingar como padrão no mundo PC. No Mac, a incerteza é maior ainda. Até o momento, a Apple não deu sinais de que irá incluir drivers USB 2.0 no Mac OS. Sem driver, não é possível instalar uma placa USB 2.0 num Power Mac (uma placa PCI com cinco portas USB 2.0 sai hoje por cerca de R$ 340). Sem placa, não há como conectar um periférico como os queimadores da Iomega. O único jeito é ligá-los no USB normal mesmo.
Só que aí o desempenho cai para pífios 4x4x6 (em ambos os modelos), velocidade idêntica à dos antigos modelos dos gravadores. Nos testes para gravar um pouco mais de 500 MB de dados, os dois gravadores demoraram 17 minutos. A lerdeza pode ser explicada de modo simples: os CD-RWs trabalham rápido, mas emperram na hora de se comunicarem com a máquina, pois a velocidade de transmissão do USB 1.0 é pequena.
Em termos de software, o Predator deixa totalmente a desejar no Mac. Não vem nem com o HotBurn, programinha bem básico para gravar CDs de áudio, dados ou copiar CDs. Em compensação, o CD-RW vem com o Toast, da Roxio, o MGI PhotoSuite e o MusicMatch Jukebox. O HotBurn, na verdade, não faz muita falta, já que suas funções são melhor executadas pelo Disc Burner, embutido no sistema. Ou seja, é indicado apenas para quem ainda está no Mac OS 8.x.
Quando você estiver lendo esta revista, provavelmente a Iomega já terá lançado os modelos com FireWire, que sem dúvida se encaixam melhor nas necessidades dos usuários de Mac. Visivelmente, a Iomega lançou os queimadores USB 2.0 para estar entre as primeiras a adotar a nova tecnologia pecezista. Se você tem um Mac com porta FireWire, vale a pena esperar as versões desses drives compatíveis com a tecnologia da Apple. Mas se o seu Mac só tem USB, ou você utiliza Macs e PCs, os modelos USB são uma opção a ser considerada.

Predator

Nesta segunda versão, o Predator vem com uma aparência mais bem acabada; diminuiu de tamanho, até parece um Discman. O principal problema do gravador (além do já citado USB 2.0) é o barulho. Quando queima CDs é quase

IOMEGA PREDATOR USB 2

Iomega: www.iomega.com/la/po
Preço: R$ 800

 Pró: Pequeno e visual "cheguei"

 Contra: Lento na USB; barulhento demais

IOMEGA CD-RW USB 2

Iomega: www.iomega.com/la/po
Preço: R$ 600

 Pró: Bom preço

 Contra: Lento na USB; não roda no OS X

O HotBurn é bem básico;
vale apenas para quem usa Mac OS 8.X

imperceptível, mas quando lê ou copia para o HD, o zunido é irritante. Não dá para ficar trabalhando com um Predator ao lado tocando um CD de música, por exemplo.
O origem do barulho certamente é nas frestas deixadas na tampa, que parece não se encaixar adequadamente. Ou seja: use o Predator para gravar. Na hora de ler um CD, use o drive interno do Mac.
O Predator é o gravador de CD-RW mais portátil que já passou por nossos testes (bem que a Iomega poderia colocar no kit uma bolsa bacana). No entanto, o leva-e-traz é prejudicado por causa dos cabos e da fonte, um pouco pesada e grande para um queimador desse porte. Segundo a empresa, o modelo com porta FireWire também precisará de fonte.
A instalação é muito fácil. Plug & Play total. Para dizer a verdade, nem fez falta o disco de instalação, sem driver para o Mac. A integração com o OS X e o 9 foi muito superior ao do CD-RW, que sequer funcionou no X. O gravador foi compatível com o iTunes, Toast e Disc Burner. Enfim, uma boa opção para quem tem um Mac com porta USB, precisa usar o CD-RW no trabalho e em casa e não se importa de carregar um pequeno peso.

CD-RW 2 (ex-ZipCD)

Perto do Predator, o outro novo gravador da Iomega é um trambolho. Pelo seu porte, a primeira impressão é a que ele é mais confiável e profissional que o Predator. Mas nos testes a impressão não foi confirmada. Não teve jeito de fazer o bicho funcionar no OS X (a Apple prometeu compatibilizar em breve o iTunes e o Disc Burner com o gravador da Iomega). Mesmo no 9, ele deu mais trabalho para instalar e funcionar. Só rodou com eficiência no HotBurn. No quesito "produção de porta-copos", ganhou disparado, inutilizando algumas unidades de CD-R.
Em compensação, o ruído produzido é muito menor que o do outro modelo. Não é o silêncio absoluto, mas também não incomoda. A velocidade do CD-RW é ligeiramente menor. Mesmo assim, pesa bastante seu preço bem atraente (R$ 600), um dos menores entre gravadores USB.
Apesar do visual externo roxo, a bandeja de CD é bege como nos Mac antigos. É realmente broxante ver um gravador externo com desenho modernoso e um acabamento interno deixando a dever. A explicação é que a Iomega não faz os gravadores em si, mas apenas o revestimento e o acabamento. Pena.
O CD-RW é uma boa escolha para quem possui iMacs de primeira geração, precisa urgentemente de um gravador, não quer gastar mais de mil reais e não precisa de velocidades estonteantes. M

DANIEL RONCAGLIA

Photoshop 7.0

Que alívio!

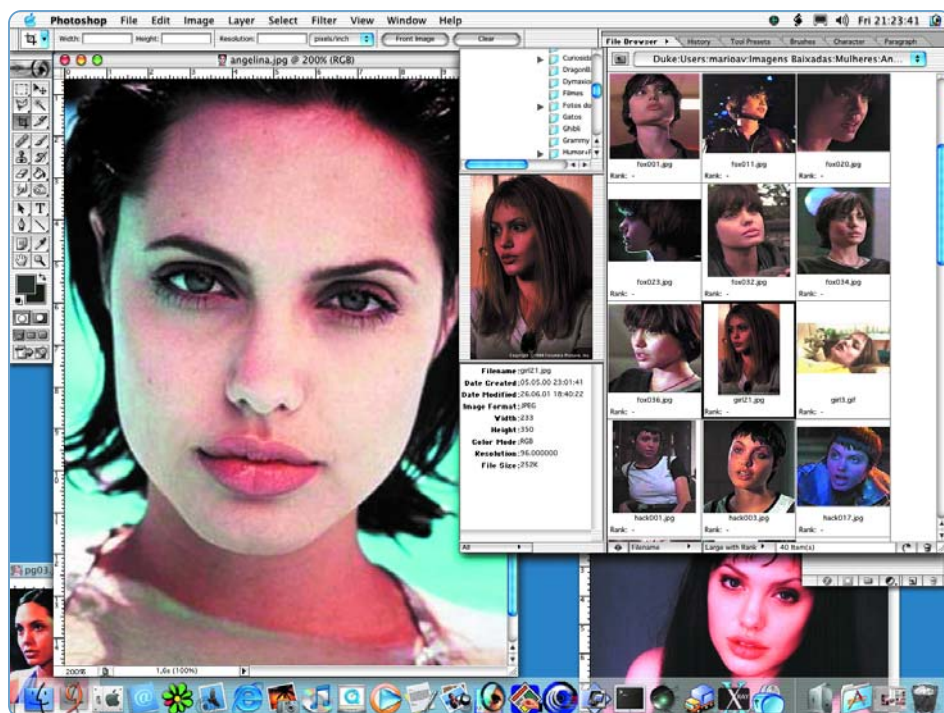
Os fãs de "Jornada nas Estrelas" gostam de repetir uma observação consensual sobre os longa-metragens para cinema da série: *os episódios ímpares são sempre bons e os pares, ruins.*
Curiosamente, o mesmo pode ser dito do Adobe Photoshop. Veja só:
• 1 (1988-90) – Nada menos que revolucionário. Nem é preciso explicar a razão.
• 2 (1991/93) – Tá, não foi tão horrível. Valeu pelo suporte a CMYK e por rodar nativo (2.5.1) no Power Mac.

• 3 (1994) – LAYERS!
• 4 (1996) – Quem foi o estúpido que zoou a interface desse jeito?
• 5 (1998/99) – Efeitos de layers: oba! Múltiplos Undos: sensacional! Melhorias na ferramenta de texto (5.5): oba! Save for Web: até que enfim!
• 6.0 (2000) – Muito mais pesado e lerdo. Text Warp: instável. Objetos vetoriais: para quê?
• 7.0 (2002) – Continue lendo!

Fim do sufoco

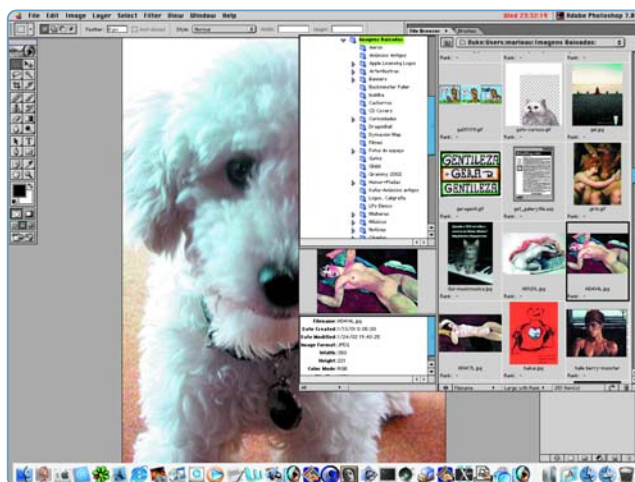
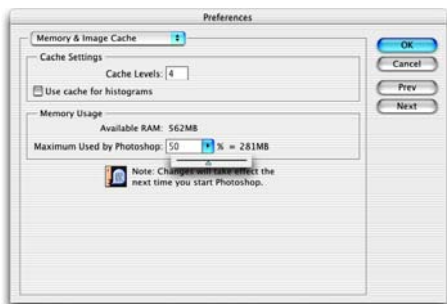
Dou graças por trabalhar num Mac razoavelmente parrudo, porque eu não quis esperar o lançamento do Photoshop e do QuarkXPress para Mac OS X para somente então migrar para o primeiro sistema operacional da Apple que não trava todo dia. (E, dependendo do Quark, eu ficaria preso de vez no passado.)
Passei um ano direto usando o Photoshop 6 no ambiente Classic. Até que não foi mau – os problemas de estabilidade desapareceram no sistema 10.1 – mas o computador inteiro tinha perdas evidentes de desempenho, sem falar na tarefa pentelha de tirar o Dock da frente da primeira imagem aberta.
A versão 7 para Mac é idêntica em funcionalidade à 7 para Windows. Os usuários de PC provavelmente vão achar que a quantidade de novidades valeria no máximo uma versão 6.5. Os macmaníacos, porém, finalmente têm um estímulo decisivo para deixar o sistema clássico para trás de uma vez por todas.

Velocidade variável

E até agora, só há novidades boas. Funciona mesmo! Nos meus testes com o beta 7.0x065 (o fornecido à imprensa, com uma figura breguíssima na capa do CD), não flagrei nenhum caso de instabilidade e o computador foi grandemente aliviado da carga habitual, mesmo mantendo-se o ambiente Classic aberto com outros programas o tempo todo.

Navegue no disco sem sair do lugar

A velocidade, embora não possa ainda ser testada a valer, devido à condição de beta do software, foi consistentemente maior que a do 6 rodando no ambiente Classic, embora não tão grande quanto rodando no OS 9 puro. O desempenho no Mac OS X varia de acordo com a carga do processador no momento – um desafio importante para a fé daqueles que ainda acreditam em benchmarks.
Há nas preferências do programa um ajuste novo, para regular a porcentagem máxima da memória RAM livre que ele pode tomar para si. Se você quiser acelerar o Photoshop ao máximo e deixar o resto do Mac quase parando, fique à vontade.
Como o Photoshop 7 é "carbonizado", ele roda também

Adobe: www.adobe.com.br
0800-16-1009
Preço: US$ 845/US$211 (upgrade)
Lançamento: maio (EUA); junho (Brasil)
Pró: Roda no Mac OS X e no 9 também; rápido e sólido; melhorias de produtividade
Contra: Plug-ins antigos não funcionam no programa quando aberto pelo OS X

Se precisar dar uma fugida para o Classic, também pode

Controle a fome de memória do seu programa

no Mac OS 9.1/9.2. Você terá que abrir o programa no ambiente Classic se precisar usar algum plug-in de terceiros que ainda não tenha versão carbonizada (o que, no presente momento, inclui todos os plug-ins que não vêm junto com o programa). Para fazer a mudança, basta pedir Get Info no Finder e assinalar "Open in the Classic Environment". O único inconveniente é que o Photoshop guarda preferências separadas nos dois ambientes.

Irmãos siameses?

O ImageReady – de ícone novo e bonitão, assim como o irmão mais velho – continua sendo uma entidade à parte. A Adobe argumenta que isso diminui a confusão para quem precisa mais de um coadjuvante para Web design do que de um software de fotomanipulação. Talvez, mas ainda é muito difícil usar o ImageReady sem ter que abrir o Photoshop junto. A integração dos dois num só continua sendo desejável.

Novidades

A essência e a interface do programa são as mesmas das últimas três versões; afinal, é difícil melhorar o que já está perfeito, como o mecanismo de layers ou o de texto. Mas havia um aspecto do programa que precisava desesperadamente de uma atualização e foi melhorado. Agora existe uma palete Tool Presets, onde você guarda os ajustes mais usados de cada ferramenta. Não apenas as ferramentas de pintura: *todas* elas. Embora não seja um campeão de intuitividade, é daqueles recursos que podem mudar para bem melhor os seus hábitos de trabalho.

Guarde suas ferramentas favoritas numa gaveta virtual

Mas a propaganda do Photoshop 7 gasta muito mais esforço descrevendo o novo sistema de Brushes – um passo enorme adiante da versão 6, na qual a palete Brushes tinha sido trocada por um menu bugado. Agora, sim: todos os pincéis se comportam *mesmo* como pincéis, com uma variedade de modificadores para o traço: firmeza, textura, ruído, suavização, inclinação lateral, variações de dinâmica (estas duas só para tablets) e mais ainda.

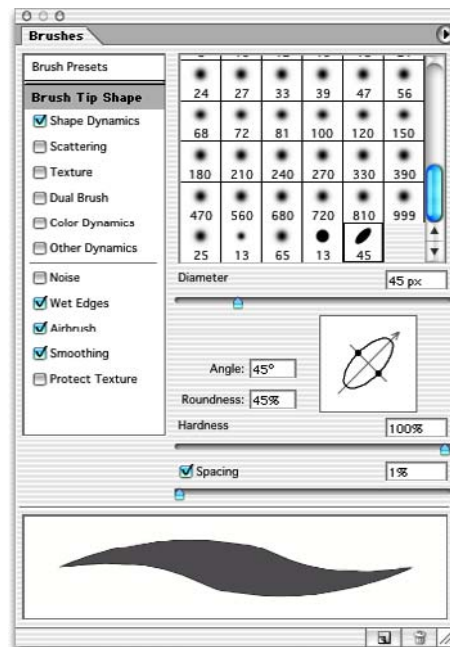
Para quem tem um grande banco de imagens, o quente é o Image Browser, um híbrido de janela e palete que serve para navegar pelo disco sem ter que pular para o Finder, com *previews* grandes ajustáveis e informações completas sobre tudo. O legal é que também dá para apagar, renomear e mover imagens diretamente dentro dessa janela. A interface é praticamente idêntica à do veterano shareware ACDSee (chama o jurídico!).

A outra novidade mais propagandeada é o Healing Brush, um carimbo especializado que edita texturas e cores de uma forma específica para facilitar retoques em retratos de pessoas e outras imagens delicadas. O resultado não é essencialmente diferente de se editar o canal L de uma imagem no modo Lab, mas qualquer coisa que facilite sempre é bem-vinda.

Visual aguado

No fim das contas, a única coisa que acabou "pegando" foi o visual Aqua do programa no Mac OS X. Sai aquela limpeza clínica e precisa e entra o festival de sombras difusas de paletes sobre paletes, de paletes sobre imagens, de contornos de janelas que você não tem certeza se são mesmo contornos... Os ícones na barra de ferramentas foram trocados por versões em *grayscale* que, ironicamente, são mais difíceis de distinguir entre si que as velhas. Sei que isso é pessoal e subjetivo, mas eu já não era grande fã das sombras pesadas das janelas no OS X, e agora gosto menos ainda. Tinha que ter como desligar e ligar essas coisas.

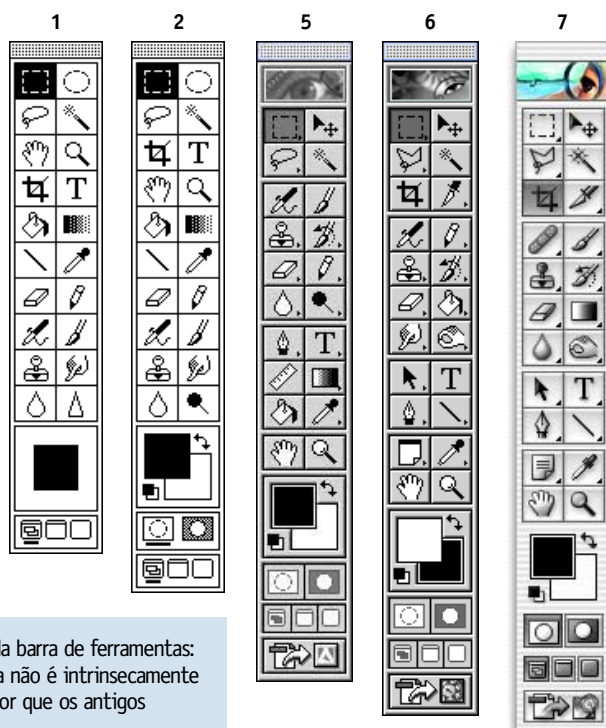
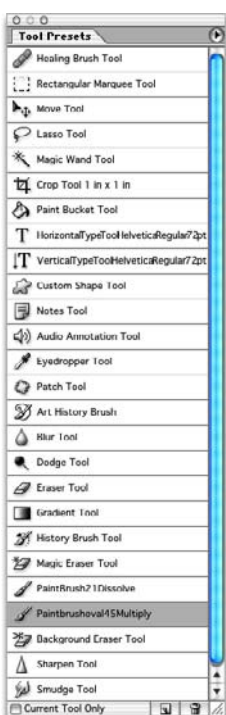
Mas aí o problema já é com o Mac OS e não com o Photoshop.

Evolução da barra de ferramentas: visual Aqua não é intrinsecamente melhor que os antigos

Pincéis que fazem jus ao nome: adeus, Painter!

MARIO AV
www.marioav.com
Mestre de Photoshop Zen.
Ou não.

MÁRCIO NIGRO

Virtual PC 5.0

Mais rápido e mais lerdo ao mesmo tempo

Boa parte de nós, fiéis macmaníacos, não gosta da idéia de ter que usar o Windows, da Microsoft. É uma opção consciente. No entanto, há casos em que isso pode ser um mal necessário como, por exemplo, na hora de declarar seu Imposto de Renda, pois o programa da Receita Federal só roda no sistema operacional da Microsoft. Ou então para usar aquele programa (ou até mesmo site) que só funciona no Windows. Seja lá qual for o motivo que nos obriga a procurar "o lado negro da Força", a saída mais digna – e mais barata do que comprar uma máquina Wintel – certamente é usar o Virtual PC, da Connectix, que permite rodar o Windows como se fosse apenas mais um programa para Mac.

O Virtual PC é um conceito ótimo, mas a principal demanda dos usuários em relação ao produto sempre foi por maior performance e suporte ao Mac OS X. Pois bem, o Virtual PC 5.0 pode oferecer as duas coisas, mas não ao mesmo tempo. A verdade é que o programa roda mais rapidamente no OS 9 do que no OS X. O update 5.0.2, lançado recentemente, melhorou um pouco as coisas para quem vive no "mundo Aqua", mas não foi o suficiente para equiparar o desempenho do VPC em ambos os sistemas. Nem mesmo um G4 com dois processadores resolve a questão no OS X, mostrando que o buraco é mais embaixo.

Para quem não conhece, o Virtual PC é um programa que faz de conta que seu Mac não é um Mac, para que o Windows (ou outro sistema operacional) pense que ele é um PC. O produto vem em várias versões, com cópias pré-instaladas do Windows 98, 2000 e XP (os preços variam de uma para a outra). Há também a versão básica, que vem apenas com o DOS pré-instalado para que você possa instalar manualmente qualquer versão do Windows ou Linux. Como já acontecia com o VPC 4.0, a nova versão permite que você rode múltiplas versões de Windows simultaneamente. O melhor da história é que não importa se você instalou o Windows 2000 enquanto rodava o programa no OS X e o XP quando estava no OS 9; tudo o que é feito num sistema valerá para o outro. Por exemplo, se você utilizar o Virtual PC no OS 9, fechá-lo e depois usá-lo no OS X, as configurações do Windows aparecerão do mesmo modo que você deixou durante a última sessão.

Versão 5.0.2 melhorou o desempenho no OS X, mas ainda continua devagar. Ele ainda rola melhor no OS 9

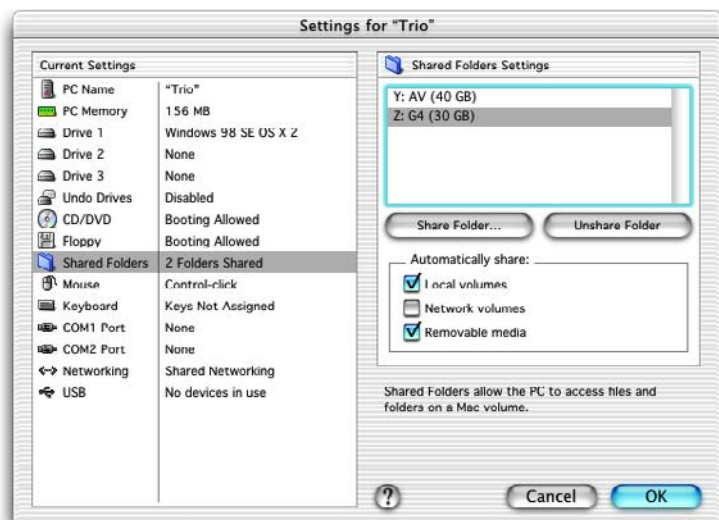
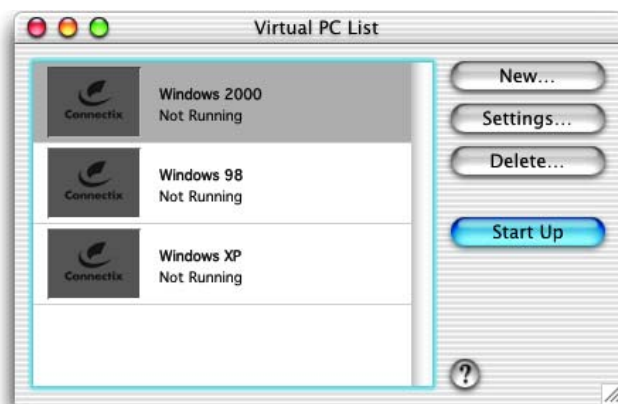
Volte no tempo

Mas nem tudo é que nem no Windows. Um dos recursos que você não encontrará no sistema operacional da Microsoft é o Undo Drives. Se essa opção estiver habilitada quando você desligar o Windows no VPC, será possível desfazer todas as ações executadas durante aquela sessão, incluindo instalações, mudanças de interface e arquivos deletados. A vantagem disso é óbvia: corrigir qualquer bobagem que tenha sido feita por descuido.

Outra novidade é a possibilidade de configurar o VPC para compartilhar automaticamente qualquer disco, mídia removível ou volume de rede montado no Mac. E o update para a versão 5.0.2 muda automaticamente a resolução do Windows quando a janela do Virtual PC é redimensionada. Como nas versões anteriores, você ainda pode usar o Windows em tela cheia e esquecer que o Mac OS está rodando no fundo. Mesmo sendo mais veloz no Mac OS 9, o Virtual PC não foi concebido para substituir o PC em qualquer aplicação. Na verdade, ele é pensado para tarefas não muito pesadas, como o programa de Imposto de Renda ou de compartilhamento de arquivos (Morpheus, Kazaa,

O recurso Undo Drives permite que você desfaça as ações executadas numa sessão

Pró: Suporta Windows XP; roda vários sistemas simultaneamente; é a mesma versão no OS 9 e no OS X

Contra: Rasteja no Mac OS X; não roda a maioria dos jogos atuais

Volumes e mídias removíveis podem ser compartilhados automáticamente

Rode múltiplas versões de Windows em múltiplos Mac OS

WinMX etc.) e acessar sites de bancos, entre outras coisas. Por isso, nem pense em usar o VPC para rodar aquele jogo de ação cheio de pirotecnias e recursos 3D, já que o software não suporta aceleração gráfica baseada em hardware, como DirectX. E mesmo quando o jogo roda, "soluços" frequentes tornam a experiência frustrante. Se o seu objetivo é ter acesso a centenas de joguinhos viciantes e alucinados, mude de plataforma. Compre um PlayStation 2.

Vamos aos números

O desempenho é o ponto onde o bicho realmente pega, principalmente se você estiver utilizando o OS X, no qual o Virtual PC com o Windows 98 apresentou velocidade 30% a 120% menor do que no OS 9. Já o Windows 2000 mostrou-se mais cooperativo: 17% a 56% mais lento, com as tarefas rodando duas vezes mais rápidas do que no Windows 98. E a própria Connectix diz que o Windows 2000 roda mais rápido no VPC do que qualquer outra versão do sistema operacional. De qualquer modo, a empresa está trabalhando no problema de performance e a prova disso é a versão 5.0.2, que roda 14% mais velozmente do que a 5.0. Porém, o fato curioso é que o Windows 98 rodando no OS 9 ficou um pouco mais lento com o upgrade, talvez pelo fato de a empresa estar mais preocupada em otimizar o programa para o OS X.

De modo geral, o Virtual PC 5.0 é um upgrade valioso para quem não se incomoda em usar o Mac OS 9. Quem está com o OS X e não abre tem duas opções: encarar a situação do jeito que está, fazendo o update para a versão 5.0.2 e instalando o Windows 2000 para garantir o melhor desempenho possível, ou então esperar um update que deixe o programa mais rápido. M

VIRTUAL PC 5.0.2

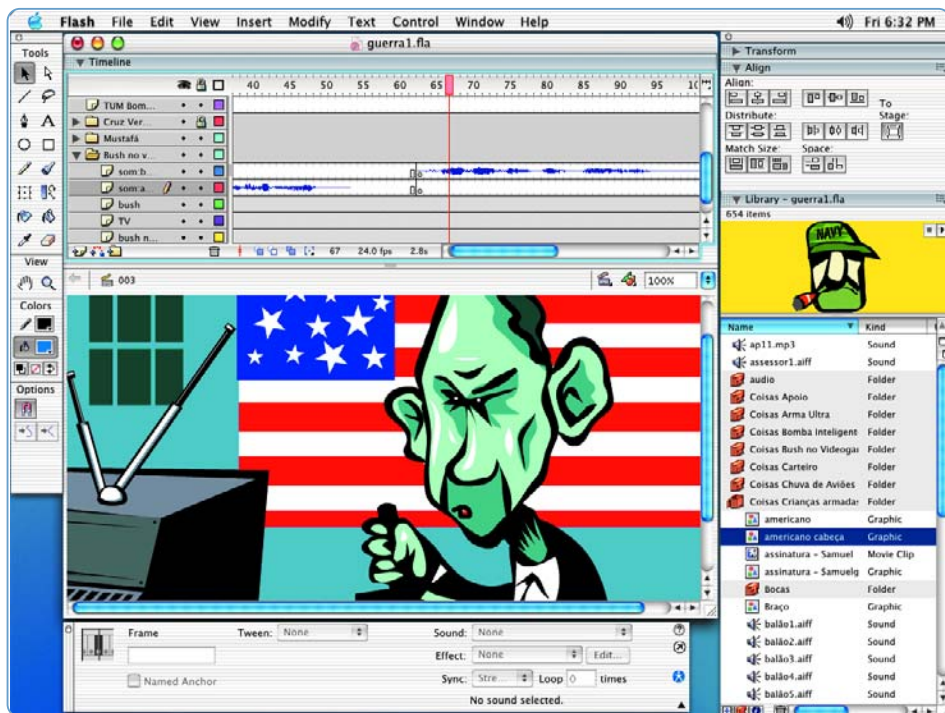
Connectix: www.connectix.com
www.passportnet.com.br
Passport: 61- 344-0550
Preço: R$ 530 (DOS);
R$ 1.030 (Windows 98)

Windows 98 ou 2000?

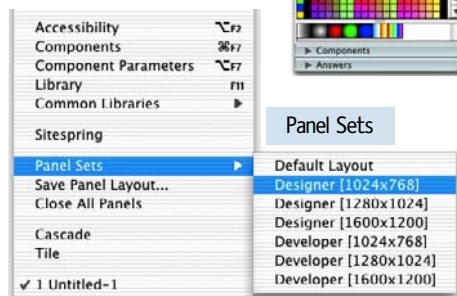
A tabela abaixo compara o desempenho de algumas tarefas executadas no Windows 98 e o 2000, rodando no Virtual PC 5.0.2 de Mac OS 9 de OS X. Também executamos as mesmas tarefas num PC Pentium III de 550 MHz com Windows XP. Apesar de demorar mais para iniciar, o Windows 2000 mostrou-se mais eficiente do que o Windows 98 e não ficou muito atrás do Pentium III, que, a bem da verdade, dispunha de apenas 56 MB de RAM (enquanto no Virtual PC configuramos 128 MB para cada sistema). De qualquer modo, o Virtual PC revelou-se um bom substituto para o PC, no caso de tarefas mais simples. Também ficou claro que, no Mac OS 9, a performance de qualquer Windows fica até 25% melhor do que no Mac OS X. Todos os testes foram realizados num Power Mac G4 867 MHz com 256 MB de RAM.

Tarefa	Versão do Mac OS	Windows 98	Windows 2000	Pentium III 550 MHz Windows XP
Iniciar sistema	Mac OS 9.2.2 Mac OS X 10.1.3	35 s 54 s	49 s 56 s	100 s
Lançar Internet Explorer, carregando o site da Apple automaticamente	Mac OS 9.2.2 Mac OS X 10.1.3	21 s 31 s	13 s 16 s	11 s
Ripar uma faixa de CD com três minutos, usando o Windows Media Player	Mac OS 9.2.2 Mac OS X 10.1.3	92 s 117 s	76 s 102 s	65 s

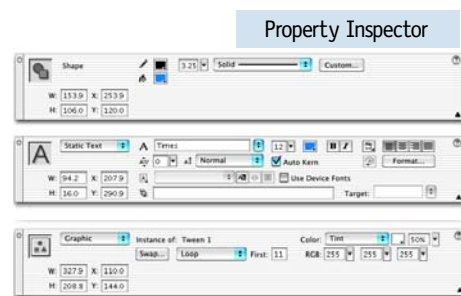
Flash MX

Muito além da ferramenta de animação

É praticamente impossível falar em animação para Web sem pensar no Flash. No entanto, desde o lançamento da versão 5 o programa da Macromedia ganhou status bem maior do que “um programa para fazer sites animados”. Na verdade, ele foi adotado como uma ferramenta eficiente para criar programas e aplicações online. Agora, o Flash MX surge mais maduro e capaz de fazer bem mais do que simples “animações”.
Para quem está estranhando o MX em vez do “6”, a explicação é que a Macromedia resolveu celebrar seu décimo aniversário este ano, de modo que o “X” vem do numeral romano e o “M” do nome da empresa. É claro que o MX não é a principal novidade. Para nós, macmaníacos, a primeira boa nova é o fato de o software rodar no Mac OS X, incentivando ainda mais a migração definitiva para o novo sistema operacional. De qualquer forma, por ter sido “carbonizado”, o programa roda também no OS 9 a partir do mesmo aplicativo.

Nova cara

De modo geral, a nova interface do Flash MX, ainda que bem familiar, é superior à da versão anterior. O novo esquema de paletes (talvez para fugir da ação judicial da Adobe) é altamente configurável, apesar de nem todo mundo ter curtido a mudança. As abinhas se foram, sendo substituídas por painéis que, além de poderem ser agrupados, expandidos ou recolhidos a seu bel-prazer, trazem mais informações e ferramentas do que no Flash 5. Até mesmo a Library pode ser agrupada com outras paletes. O MX inclusive oferece na opção Panel Sets várias configurações pré-definidas de disposição das paletes, organizadas de acordo com a resolução de tela e com o tipo de trabalho (designer ou desenvolvedor). E você ainda pode salvar seus próprios layouts e recuperá-los a qualquer momento.
A palete Property Inspector – que substituiu as paletes Instance, Frame, Sound e Effects – foi uma sacada bem inteligente. Localizada abaixo da janela Stage (se bem que é possível arrastá-la para qualquer lugar), seu conteúdo muda de acordo com o contexto da ação. Clique em qualquer objeto ou elemento do Stage e o Property Inspector mostra apenas as configurações relevantes, agilizando bastante a edição de texto e configuração de comportamento de filmes, sons e gráficos, por exemplo.

Palete

Panel Sets

Property Inspector

Atalhos de teclado

O Flash MX deve agradar aos fãs de atalhos de teclado. Os comandos podem ser personalizados como você quiser, e você ainda pode adotar o padrão de outros programas, incluindo Illustrator 10, FreeHand e Photoshop. Perfeito: em vez de você se adaptar ao MX, ele se adapta a você. Outra boa novidade é a inclusão de templates para servir de base a um novo trabalho. Essas templates são bem úteis e práticas, contando até mesmo com instruções para criar banners ou

FLASH MX

Macromedia: www.macromedia.com 11-5185-2825

Preço: US$ 499 ou US$ 199 para upgrade

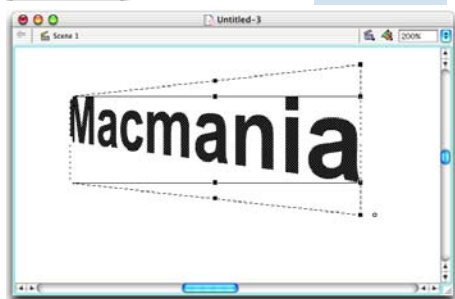
Pró: Suporte a vídeo; melhor interface; suporte a XLM

Contra: Um pouco mais lento que as versões anteriores

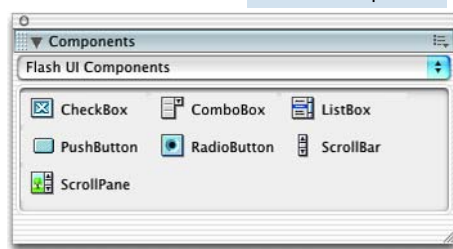
apresentações de qualidade em pouco tempo. Para facilitar ainda mais a vida de quem é novato no mundo Flash, a Macromedia procurou facilitar o processo de aprendizado e de uso do programa com a adição de lições interativas bem detalhadas e compreensíveis. Para completar, o tutorial online é muito bem organizado e explica todos os aspectos do Flash MX.

Templates

Boa pedida foi a adição da ferramenta Free Transform, que possibilita alterar a escala, rotacionar e distorcer objetos, e também o novo modo de manipulação e seleção de cores. O misturador de cores passa a incluir Hue/Saturation, brilho, indicador de cor antes/depois e valores hexadecimais. A palete Swatches também foi melhorada, permitindo que você acrescente e delete seus catálogos de cores.

Free Transform

Com o Flash MX, você pode criar máscaras arrastáveis, mas ainda não é possível criar Motion Guides *(paths)* para essa máscara. Pra isso, um movie clip com o movimento tem que ser criado e depois transformado em máscara. As pastas de layers são bem práticas permitindo organizar melhor filmes complexos, pois permite juntar vários layers numa pasta. No entanto, seria melhor se o layer na linha de tempo ficasse colorido, para facilitar sua visualização. Em compensação, o MX corrige o defeito do Flash 5 em que os layers perdiam os nomes quando eram copiados e colados no mesmo arquivo ou em outro arquivo. No OS X também foi contornado um problema de "vazamento" de memória que, às vezes, impossibilitava copiar uma grande quantidade de dados e colar em outro documento Flash.

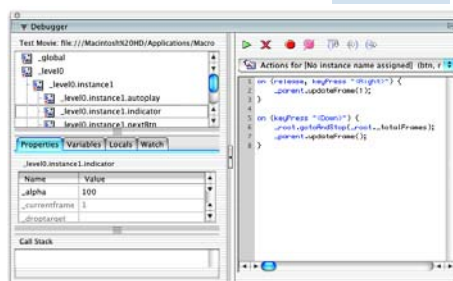
O Flash MX ainda introduz um novo modelo de componentes (Flash UI Component) que oferecem objetos prontos para adicionar interatividade às suas páginas Web como *checkboxes*, botões e barras de rolagem.

Flash UI Component

Vídeo, finalmente

Mas prepare-se para recursos ainda mais excitantes: o Flash MX adiciona suporte a vídeo, usando a tecnologia Sorenson Spark. Isso significa que é possível embutir em filmes Flash qualquer padrão de vídeo suportado pelo QuickTime, como MPEG, DV, MOV e AVI. Os objetos de vídeo dentro do MX podem ser manipulados como bitmaps, ou seja, você pode distorcer, rotacionar, criar máscaras e animar esses clipes.

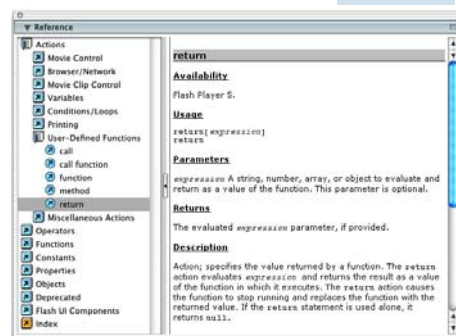
Além do suporte a vídeo, o Flash MX também melhorou a forma de lidar com áudio, importando dinamicamente arquivos MP3 e JPEG. Entretanto, a Macromedia continua a não oferecer a possibilidade de aumentar o ganho de volume do som, assim como um indicador de nível de decibel na hora de diminuir o volume, o que nos obriga a fazer os ajustes "no olho".

Os recursos de ActionScript ficaram mais sofisticados. A opção Colored Syntax Highlighting, por exemplo, permite a personalização de tipo e tamanho de fonte, cor e a sintaxe de seleção *(syntax highlighting)* através de arquivos de dados editáveis XML. Já o Code Hinting oferece dicas de código para parâmetros, propriedades e eventos, facilitando a tarefa de encontrar o código que você necessita. Ele dá até sugestões para completar algumas Actions.

Debugger

Porém, não pense que é só começar a escrever um código para que o programa complete o resto; não é tão fácil assim.

O Debugger inclui novas funcionalidades como o suporte para *breakpoints* e *code stepping* (Step In, Step Out e Step Over). E se você tem dúvidas sobre a funcionalidade de algum ActionScript, consulte a palete Reference para ler informações aprofundadas de como usá-lo.

A biblioteca de Actions ganhou uma separação maior e mais bem organizada, e ainda há um índice geral com todas as Actions agrupadas por ordem alfabética.

Reference

Servidores de aplicação

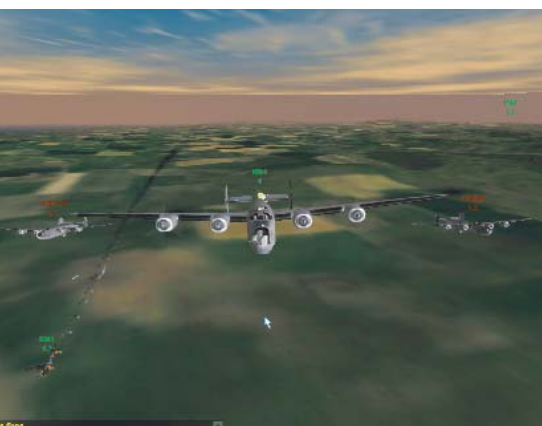
O MX traz novas funcionalidades, capazes de integrar interfaces Flash a servidores de aplicações Web com a finalidade de desenvolver soluções de comércio eletrônico, visualização de dados e comunicação. A possibilidade de os desenvolvedores utilizarem dados estruturados XML dentro de documentos Flash abriu uma nova porta para a criação de aplicações para a Internet, como formulários de vendas e compras virtuais, pesquisas com consumidores e muitas outras. Isso sem contar a introdução do protocolo RTMP (Real-Time Messaging Protocol) para criar serviços de chat/comunicação com o Flash MX. Isso permite acessar e publicar dados compartilhados entre múltiplos computadores clientes em tempo real, usando o RTMP e o servidor de comunicação.

Conclusão

Os avanços do Flash MX em relação à versão anterior são inegáveis e não há razões fortes para não encarar o bicho imediatamente, uma vez que o LiveMotion 2 aparentemente não consegue desbancar todos os seus recursos. É claro que é preciso levar em conta que levará uns bons meses até que o novo Flash Player, necessário para visualizar o conteúdo MX, esteja instalado em boa parte dos computadores. Enquanto isso não acontece, você pode se dedicar às funcionalidades recém-adicionadas ao programa. M

Warbirds III e Dawn of Aces

Voltando aos bons tempos da Segunda Guerra Mundial

Visão do artilheiro do dorso de um bombardeiro B-24. Cuidado para não atirar nos amigos!

Os fãs de F/A-18 e caças a jato em geral que me perdoem, mas não se faz mais um bom combate aéreo como antigamente. Ao contrário da experiência de pilotar virtualmente modernos jatos de combate, simuladores de vôo ambientados na Segunda Guerra Mundial mostram o que é voar e participar de missões de combate sem radar, sem piloto automático, sem mísseis teleguiados, sem assento ejetor; enfim, sem toda a parafernália tecnológica que os caças de hoje carregam. Tudo tinha de ser feito na unha, controlando máquinas que eram o estado-da-arte da indústria nos anos 30/40, vestindo quentes casacos e macacões de vôo, pois não havia tempo para esperar os pilotos vestirem tudo isso após serem dados os alarmes. Lá em cima, em cabines mal fechadas, o frio congelava, mesmo nos trópicos. Ao entrar num mergulho, se a velocidade ultrapassasse as especificações do aparelho, duas coisas podiam acontecer. Se fosse um avião pequeno, como um caça, visto que os controles não eram hidráulicos nem elétricos, o piloto podia não ter força muscular suficiente para sobrepujar a pressão do ar passando a mais de 700 km/h sobre as asas, e via o chão se aproximando cada vez mais até se esborrachar numa morte inglória. Num grande quadrimotor, como um bombardeiro B-17, por exemplo, ele não precisava se preocupar com o chão; numa velocidade acima da especificada pelo fabricante, o avião se desintegrava no ar, com as asas soltando-se da estrutura e levando os motores junto.

BF-109 Messerschmitt pronto para decolar em missão de interceptação

F4-F Wildcat inimigo em aproximação para enquadramento de tiro

Formação do avião do jogador com seus alas

Mac versus PC

Para quem aprecia esses simuladores, o mundo do PC é o paraíso. Não só as duas versões do Combat Flying Simulator e Fighter Ace II (ambos da Microsoft) estão disponíveis para a Windows, como também Highs Aces, WW II, European Air War, Dawn of Aces, Warbirds e os maravilhosos IL-2 Sturmovik e B-17 The Flying Fortress.

Mas o macmaníaco belicoso não deve ficar triste, achando que não vai poder desfrutar a emoção de explodir no ar e ficar sem avião, sem macacão de vôo, pendurado de cuecas no pára-quedas. Essa experiência inesquecível pode ser "revivida" no Mac com dois jogos bem bacanas: Dawn of Aces e Warbirds III.

O primeiro é para quem tem a coragem e a insensatez de entrar no *cockpit* de um aeroplano da Primeira Guerra Mundial, onde o tempo médio de vida de um piloto no front não passava de 18 dias! O segundo está na sua nova versão, com gráficos mais aprimorados e com vários esquadrões virtuais já montados e voando na rede, inclusive de brasileiros.

Os pilotos voam isoladamente, para diversão ou treinamento, ou enfrentam-se em uma arena de combate na rede, dividida em países (cores). Como não existem países de verdade, é possível encontrar aviões alemães e americanos em coexistência totalmente pacífica, voando pela mesma cor.

Também é possível jogar via rede fora de um esquadrão, em combates H2H *(head to head* ou cabeça-a-cabeça) – a melhor forma de aprender os truques de ataque e evasão, isto

Cockpit do B-24. É preciso voar sempre de olho nos instrumentos do painel

Visão do painel atrás do assento do piloto do B-24

é, acertar e continuar vivo. Para os iniciantes, o primeiro passo é aprender a decolar e controlar o vôo. Depois vem o mais difícil: pousar sem destruir o avião.

Baixe e voe

O bom da história é que ambos os simuladores podem ser baixados do site da iEntertainment, sem custo. Quer dizer, você pode voar *offline* para pegar prática. A graça mesmo é entrar em partidas online com outros jogadores; mas para isso é necessário pagar uma taxa mensal, que varia de US$ 10 a US$ 25.

Tanto o Warbirds como o Dawn of Aces não possuem o som e os mirabolantes gráficos de um B-17 The Flying Fortress (Microprose), nem permitem que mais de um jogador voe no mesmo avião (piloto e artilheiro, por exemplo), como o B-17 e o IL-2 Sturmovik (Ubi Soft) permitem, mas são jogos para pilotos audazes e que querem ter a sensação mais próxima da realidade de pilotar um caça em batalhas aéreas nos dois maiores conflitos do século 20.

Para quem não quer participar das arenas e jogar só em casa ou em rede com outro computador, o Warbirds III dispensa o uso do joystick, colocando o mouse no seu lugar e o teclado para substituir os pedais (teclas J, L, A, S, D). Você pode decolar e abater os *drones*, aviões de vários tipos que ficam voando próximo às bases, sempre em curvas, alterando a direção e a altitude – um bom exercício para adquirir os controles de interceptação e tiro. Ou então, é possível atacar alvos em terra e mar, desviando-se da defesa antiaérea, sempre de olho no mapa e no combustível.

No Warbirds III, há dois modos de pilotar. O padrão é o realista, em que o joystick é recomendado. O modo fácil *(easy)* permite o controle pelo mouse, mas você ainda terá de segurar o *spin,* o trepidar dos disparos das armas de bordo, as derrapagens no ar, as forças G que causam escurecimento ou vermelhidão na visão (quando o sangue corre para os pés ou sobe para a cabeça, respectivamente), e os limites estruturais (que destroem o avião quando excedidos). Tudo isso pode ser desligado; o jogo torna-se então algo próximo de um videogame estilo *arcade*. E você ainda pode gravar seu vôo e mandar o filme para os seus amigos conferirem seus feitos de ás.

Morto, mas herói

As diferenças do Warbirds para o Dawn of Aces são mais notadas na velocidade dos aviões, algo lenta para os padrões de hoje, onde até um carro esportivo ultrapassa facilmente os 180 km/h daqueles aeroplanos. Sensacional é a chance de poder lançar-se num biplano de um Zeppelin em vôo e depois tentar voltar ao gancho de atracação. As armas limitam-se a duas metralhadoras pequenas e bombas leves, com os alvos em terra entrincheirados. Mas não tem pára-quedas. Sua chance, depois de abatido, é de poder participar do pavilhão dos heróis mortos, deixando o dos covardes vivos.

Os requisitos mínimos para o Warbirds III e o Dawn of Aces são: Mac com processador G3 de 300 MHz, Mac OS 8.6 ou posterior (mas só o primeiro tem versão para OS X) e 256 MB de RAM. M

NILTON PESSANHA SARAIVA
Designer gráfico, 42 anos, já conseguiu decolar do maldito convés de um porta-aviões, mas nunca pousar; sempre acerta a torre ou cai no mar.

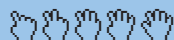
WARBIRDS III

www.iencentral.com/warbirds

Preço: Grátis

Pró: Ótimo realismo de vôo com o uso do joystick e pedais; gráficos mais aprimorados nesta nova versão

Contra: Vicia e dá vontade de chorar quando você encontra um piloto melhor, que o abate em poucos minutos; não roda no OS X (ainda)

DAWN OF ACES

www.dawnofaces.com

Preço: Grátis

Pró: Recria a experiência de pilotar com muita aventura e romantismo

Contra: Não tem esquadrões brasileiros na rede

"Foto oficial" de **Nilton Pezz** com suas condecorações. À esquerda, abaixo da Águia da Luftwaffe, a Deutsches Kreuz im Gold (Cruz Alemã em Ouro). Ao centro, no pescoço, a Ritierkreuz (Cruz de Cavaleiro) e, logo abaixo da lapela, duas fitas. A primeira indica a Eisenerskreuz (Cruz de Ferro) 2° Classe, a segunda, a Medaille Winterschiacht im Osten 1941/2 (Medalha da Batalha de Inverno no Leste, 1941-42), também conhecida como Ostfrontrnedaille (Medalha da Frente Oriental). Era popularmente chamada de Gefrierfleisch Orden (Ordem da Carne Congelada!). À direita, de cima para baixo, temos a Frontflugspange für Schiachtflieger und Zerstörer (condecoração para um determinado número de missões de combate, neste caso para caças bimotores e de ataque ao solo), Goldenes HJ-Abzeichen (em forma de losango), Eisenerskreuz (Cruz de Ferro) 1° Classe e abaixo dela, à esquerda, a Veründetenahzeichen (condecoração por ferimentos em combate). Pela coloração na fotografia, pode ser a de prata (até quatro ferimentos) ou a de ouro (acima de 5 ferimentos). Ao seu lado, o brevê de piloto; na fotografia, a águia não aparenta ser em cor escura, o que leva a supor ser esse o brevê duplo de piloto e observador.

Eu adoro o OS X

Acho MUITO melhor que o 9. Me dei de presente de aniversário um Ti 550 no dia 30 de janeiro. De lá pra cá, tenho usado o bichim o dia todo, todo o dia; instalei de tudo, desde Developer Tools até Office v.X, passando por programas beta e até alfa, e posso dizer tranquilamente que esse é o sistema operacional mais estável com que jamais tive o prazer de travar contato.

O Word X abriu minha tese de mestrado, feita no Word 2000 rodando em Windows 98, e pela primeira vez em meses, não somente a contagem de páginas estava correta, mas as duplicatas de imagem que apareciam sempre que eu reabria o arquivo sumiram. Quando abro o arquivo que gravei, tudo aparece da mesma maneira que gravei da última vez... Que conceito incrível! Como não pensaram nisso antes?

Meu Ti entra no escritório conectado à Internet graças ao AirPort. Que aliás, sob o risco de me repetir, é uma das tecnologias mais sensacionais que já vi. Posso tranquilamente usar meu Mac como usuário final, sem ter que me preocupar com o lado interno do sistema, porque tem tudo de que preciso como usuário final. Além disso, continuo tendo a opção de ser *power user*, só que agora com muito mais poder.

Desde que comecei a usar o Ti, uso o OS X. Não dei um boot sequer no 9, nem mesmo pra rodar o Virtual PC 5, que roda o Win98 com mais estabilidade que meu PC de casa. Pra quê o Virtual PC? Minha tese foi feita em Visual Basic, que infelizmente só roda em Windows. Assim que eu defender a tese, nunca mais olho pro lado PC. Mas se precisar, sei que posso rodar o que eu quiser. Em resumo, são dois computadores em um só. Tenho meu Mac, onde posso trabalhar em qualquer programa do Office, desenvolver em Java no NetBeans ou até mesmo no Project Builder, configurar CVS servers e webservers com PHP e mysql, usar a Internet, queimar CDs e ver DVDs. E se eu precisar rodar algum programa que absolutamente só exista pra PC, por alguma loucura do destino, *no problem*.

A única coisa de que senti falta foram as funções de negócio do Quicken 2002 Small Business, porque a versão pra Mac só tem o lado pessoal. Mas mesmo assim, houve uma maneira de converter os dados. Em parte graças ao XRay (*Rainer is Woz! I mean, God! ;-)*).

Desde que comecei a usar, e usando bastante como descrevi, só tive um *kernel panic*, quando importava emails do meu programa de PC pro (adivinharam) Entourage. Desliguei o computador no botão (sem precisar tirar a bateria!) e religuei. Não somente não tinha perdido nada, como o Entourage tinha terminado de importar tudo sem problemas. À parte isso, somente um ou outro "*unexpected quit*" após fechar programas da Microsoft que realmente não me afetam em nada. É só clicar no ok e continuar trabalhando, com a tranquilidade de saber que a memória protegida garante que nada vai acontecer com o sistema. E eu sei isso com certeza porque, de acordo com meu terminal, meu computador está rodando sem parar faz mais de quatro dias. O total oposto de qualquer OS 9 (*force quit* = ter que dar restart) ou até Windows (GPF ou *blue screen* = restart).

Meu processador é um G4 550, e o sistema responde aos meus comandos rapidamente. O fato de eu poder trabalhar em mais de um programa ao mesmo tempo tranquilamente cobre qualquer diferença mínima de velocidade que possa existir entre rodá-lo no X ou 9, e tenho certeza de que com as futuras versões do sistema, será ainda mais rápido.

Quem diz que não há programas pro X ou está de sacanagem ou mal informado. Tenho programas pra praticamente tudo que se faz com computadores e, se não tenho, é porque não tive vontade de instalar. Quem diz isso se esquece de que não somente temos todos os programas nativos pra X, mas também temos acesso simples aos programas feitos pro 9, graças ao Classic. E, graças a projetos como Fink (http://fink.sourceforge.net), temos acesso a quase todos os programas de Unix; com certeza todos que vale a pena ter.

Bem, agora que já dei todas as razões objetivas para EU gostar do X, vai a razão subjetiva que bate qualquer outro motivo: esse sistema é simplesmente lindo. Finalmente tenho prazer de ligar meu computador e olhar pra tela de novo. Depois de anos usando um PC em casa por falta de grana, o investimento que fiz nesse Mac novo já foi recuperado só nas dores de cabeça que não tenho mais.

Finalmente, depois de anos sofrendo com multitarefa cooperativa, tudo que meu PC faz consigo fazer melhor e mais rápido no meu Mac. Tenho amigos que são *die-hard PC* fans. Quando viram meu Ti, tinham que tocar no bicho. "Wow, Que tela enorme!", "Wow, teclado confortável...", "cadê as portas firewire? O quê? Abrindo esse painel, é? Wow...". O fator "Wow" é impressionante, como diz o Ricardo Serpa, que também não resistiu a abraçar o bichinho assim que teve chance. Fiquei com ciúmes... Nunca tinha sentido ciúmes de um computador antes. Afinal, são todos máquinas, não? Os outros podem ser, mas não meu Ti. Já passou de máquina há muito, hoje é membro da família, com lugar garantido na mesa do café. Bem longe do café, claro. ;-)

Terminando, não estou escrevendo isso pra discutir, não quero saber se você acha que meu Ti poderia estar rodando um infinitésimo de segundo mais rápido se rodasse o 9. Eu não volto pro 9 nem debaixo de pancada. Nem pro Windows. Eu adoro o Mac OS X. **M**

MAURICIO L. SADICOFF
Está acabando um Mestrado em Engenharia de Computação na Flórida enquanto trabalha como Chefe de Tecnologia do www.supermercadobrazil.com

As opiniões emitidas nesta coluna não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.